

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade



BÁRBARA KAROLYNNE DE SOUZA NERY

**FEIRA DE SANTANA: O REDESENHO E A (RE) CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DA CIDADE A PARTIR DO PROJETO “NOVO CENTRO” (2020-
2022)**

FEIRA DE SANTANA-BAHIA

2023

BÁRBARA KAROLYNNE DE SOUZA NERY

**FEIRA DE SANTANA: O REDESENHO E A (RE) CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DA CIDADE A PARTIR DO PROJETO “NOVO CENTRO” (2020-
2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Área de Concentração Desenho, Registro e Memória Visual, Linha de Pesquisa Patrimônio Cultural Representação e Memória, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação da Prof^a. Doutora Livia Dias de Azevedo.

FEIRA DE SANTANA-BAHIA

2023

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado – UEFS

Nery, Bárbara Karolynne de Souza

N369f Feira de Santana: o redesenho e a (re)construção da imagem da cidade no Projeto “Novo Centro” (2020-2022)/ Bárbara Karolynne de Souza Nery. - 2023.

151f.: il.

Orientadora: Lívia Dias de Azevedo

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.

Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2023.

1. Sales Barbosa (rua). 2. Marechal Deodoro (rua). 3. Novo Centro – Projeto – Feira de Santana, Ba. 4. Feira de Santana, Ba. – Planejamento urbano. I. Azevedo, Lívia Dias de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 92:008

FOLHA DE APROVAÇÃO

BÁRBARA KAROLYNNE DE SOUZA NERY

FEIRA DE SANTANA: O REDESENHO E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE A PARTIR DO PROJETO “NOVO CENTRO” (2020- 2022)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Profª Doutora Lívia Dias de Azevedo

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS (Orientadora)

Profª Drª Lilian Quelle Santos de Queiroz

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Departamento de Letras e Artes

Profª Drª Alessandra Oliveira Teles

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia

Profª Drª Maria da Graça Rodrigues dos Santos

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS- Departamento de Letras e Artes

Aprovada em: 28 de março de 2023.

FEIRA DE SANTANA-BAHIA

2023

...Deus, dai-nos força, ajudai o nosso progresso, a fim de subirmos até Vós; Dai-nos a caridade pura, a humildade; Dai-nos a fé e a razão, dai-nos a simplicidade, que fará de nossas almas o espelho em que se há de refletir a Vossa Divina Imagem!
(Prece de Cáritas).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho, meu grande amor, **Bernardo Luiz**.

AGRADECIMENTOS

Realizar um curso de pós-graduação (mestrado) em uma universidade pública de qualidade é um grande desafio para qualquer pessoa. Entretanto, quando encontramos pessoas iluminadas ao longo do caminho que com sua luz nos emanam amor, paz e companheirismo, os percalços do caminho se tornam menos dolorosos e ficam mais fáceis de serem vencidos. É com muita alegria e sensação de dever cumprido que agradeço aqueles que foram luz na minha vida e que me auxiliaram ao longo desta caminhada.

Em primeiro lugar aos meus **amigos espirituais** que nunca me deixam só, que me auxiliam e me sustentam em todos os momentos da minha vida e que me ajudam a manter acesa a chama da fé.

A minha orientadora, **Lívia Dias de Azevedo**, que fez muito mais do que a função lhe exigia. Foi minha companheira, amiga, parceira, mostrando-me que eu sempre podia ver mais do que estava vendo, despertando em mim o gosto pela pesquisa, direcionando-me sempre para os melhores caminhos, sem jamais perder o foco, estando sempre disposta a me orientar independente de ser dia de trabalho ou não. Se não fosse pelo seu apoio eu jamais conseguiria, porque ela pegou minha mão como uma mãe e me ensinou a andar. OBRIGADA!!!

Ao meu filho, **Bernardo Luiz**, que envolto na sabedoria de uma criança de 7 anos compreendeu que em alguns momentos a mamãe deixava de ser professora e passava a ser aluna. Nestes dias, ficava quietinho brincando ao meu lado esperando o término da atividade e, desta forma, me apoiou para que eu conseguisse finalizar as aulas, as leituras e a escrita.

Ao meu marido, **Antônio Leandro**, que sempre me apoia nas decisões, que me motiva e se alegra com a minha evolução. Obrigada pelo apoio nas horas difíceis e pela compreensão da importância de momentos de reclusão. Por muitas vezes ser o leitor do texto e o ouvinte dos dilemas e por sempre dizer: “Você consegue, você sempre consegue”.

A minha mãe, **Vera Souza**, por ser o meu suporte incansável, por estar comigo em todos os momentos me apoiando e por ter ao longo da vida me ensinado a importância da educação.

Ao meu pai, **Jacson Nery**, que sempre me ensinou que não podemos nos acomodar, que é preciso querer e buscar mais, porque a vida é cheia de ciclos e que nestes precisamos sempre avançar.

Aos meus **irmãos**, mas em especial a **Gabriel Novais**, meu caçulinha, que é meu parceiro de trocas, conversas e risadas.

As minhas amigas, em especial a **Deise Pinho** e **Eliene Santana**, nossas trocas foram acolhimento para minha alma. Aos demais amigos que se alegraram e se alegram sempre com as minhas vitórias **Vander Vinicius** e **Tatiana Carvalho**.

E por fim, mas não menos importante aos meus amados bichinhos **SALIM, PITUCA, PRETA, PRETINHA, GAMORA E SAIMON**, pelo amor e confiança que vocês me dedicam. Seus olhos me olham com um amor imensurável, os miados e latidos se misturam a um aconchego de um doce soninho coladinhos aos meus pés ou no colo em todos os momentos dessa caminhada e nós transbordamos amor. Minha vida é muito mais feliz e leve com a presença de vocês.

Todos vocês fazem parte de mim e fazem parte desse trabalho.

NERY, Bárbara Karolynne de Souza. **Feira de Santana: o redesenho e a (re) construção da imagem da cidade a partir do Projeto “Novo Centro” (2020-2022)**. 147f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-Ba, 2023.

RESUMO

Feira de Santana se estabelece como uma das mais importantes cidades do estado da Bahia, tendo um forte potencial econômico, com destaque para o setor comercial. Com base em um discurso modernizador ao longo dos séculos XX e XXI, a cidade tem sua paisagem e, conseqüentemente, sua imagem transformadas seguindo padrões de modelos urbanísticos que pouco se relacionam com a identidade local e transformam consideravelmente o espaço do seu centro comercial. Nesta perspectiva, o objeto de estudo desta pesquisa são as transformações na paisagem que produzem uma nova imagem para a cidade de Feira de Santana a partir das obras do “Projeto Novo Centro” (2020/2022). Este projeto desenvolvido pela prefeitura municipal modificou importantes ruas do centro urbano, estas foram aqui representadas pelas Ruas Marechal Deodoro e Sales Barbosa nos seus processos de (re)desenhos. As análises realizadas se basearam nos fundamentos da morfologia urbana e do desenho urbano que auxiliaram nas reflexões sobre a construção e reconstrução da imagem da cidade e dos interesses políticos, sociais, econômicos e culturais vinculados a essas mudanças. Utilizou-se como procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, trabalho de campo para observação, produção de diário de campo e registro fotográficos, além da produção de mapas. As análises realizadas nesta pesquisa revelam que as modificações ressignificaram a dinâmica da rua Sales Barbosa, porém na rua Marechal Deodoro a permanência dos feirantes e o reconhecimento da Feira da Marechal como patrimônio possibilitou a manutenção proporcionando uma dinâmica diferente da proposta pelo “Projeto Novo Centro”. O caminho para o desenvolvimento de projetos urbanísticos que modifiquem de forma positiva a cidade passa pelo planejamento participativo, buscando sempre o bem estar social e a preservação das características identitárias da cidade.

Palavras chaves: Sales Barbosa. Marechal Deodoro. Projetos urbanísticos. Desenho Urbano.

ABSTRACT

Feira de Santana is the most important cities in the state of Bahia. It has a strong economic potential, in special, on the commercial sector. Over the centuries 20th and 21st, with modernizing discourse, this city had its landscape and, consequently, its image transformed following standards of urban models. These standards don't represent the local identity and transform the space in commercial center. In this perspective, the search objet is the transformations in the landscape that produce a new image for Feira de Santana with "Projeto Novo Centro" (2020/2022). This project developed by the municipal government modified important streets in the urban center: Marechal Deodoro and Sales Barbosa, (re)design processes. The analyzes carried out were based on the fundamentals of urban morphology and design, the construction and reconstruction of the city's image, the political, social, economic and cultural interests linked to these changes. The methodological procedures were: bibliographical research, fieldwork for observation, production of field diaries and photographic records, in addition to the production of maps. The analyzes carried out in this research reveal that changes have re-signified the dynamics Sales Barbosa Street. However, on Rua Marechal Deodoro, the permanence of the stallholders and the recognition of Feira da Marechal as a heritage made it possible to maintain this activity, providing a dynamic different from that proposed by the "Projeto Novo Centro". The path for the development of urban projects that positively modify the city goes through participatory planning, always seeking social well-being and the preservation of the identity characteristics of the city.

Keywords: Sales Barbosa. Marechal Deodoro. Urban projects. Urban Design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Feira livre na Praça João Pedreira no final da década de 1960, em frente ao Mercado Municipal, atual Mercado de Arte Popular.	35
Figura 2- Avenida Senhor dos Passos em 1960/1970	39
Figura 3- Avenida Senhor dos Passos em 1984	40
Figura 4- Feira livre na Praça João Pedreira, em torno do Abrigo Santana.	41
Figura 5- Espelho d'água no local onde antes se encontrava o Abrigo Santana.....	42
Figura 6- Praça da Bandeira com a presença da obra "Caminhos de Feira de Santana"	43
Figura 7- A “feira do rolo” ocupa a praça Fróes da Mota	44
Figura 8- Sales Barbosa e Marechal Deodoro: se apresentam no espaço como continuação uma da outra.	50
Figura 9- Sales Barbosa, tendo ao lado direito o Mercado Municipal.	53
Figura 10- Feira livre na Rua Sales Barbosa, ao lado do Mercado Municipal, atual Mercado de Arte.	54
Figura 11- Calçadão da Sales Barbosa 1981	56
Figura 12- Calçadão da Sales Barbosa 1984	56
Figura 13- Rua Sales Barbosa vista a partir da Praça da Bandeira, ano 1995.....	58
Figura 14- Rua Sales Barbosa no ano de 2013.....	59
Figura 15- Rua Marechal Deodoro 1919.....	60
Figura 16- Rua Marechal, sentido Praça da Bandeira.	61
Figura 17- Rua Marechal Deodoro com frotas de marinetes e de automóveis.....	62
Figura 18- Rua Marechal Deodoro em dia de feira livre 1968.....	62
Figura 19- Reportagem do jornal Feira Hoje de 1991	65
Figura 20- Rua Marechal Deodoro em 2015	65
Figura 21- Shopping Popular de Feira de Santana: Cidade das Compras	79
Figura 22- Retirada das barracas dos camelôs na rua Sales Barbosa	80
Figura 23- Capa de apresentação do Projeto “Novo Centro”.....	83
Figura 24- Página 1 da apresentação do Projeto “Novo Centro”.	83
Figura 25- Imagens do Projeto ‘Novo Centro de Feira de Santana’ relaciona estruturas que serão implantadas.....	87
Figura 26- Projeção da Avenida Senhor dos Passos.	89
Figura 27- Projeção da Avenida Senhor dos Passos.	90

Figura 28- Avenida Senhor dos Passos após a finalização das obras do projeto “Novo Centro”	90
Figura 29- Projeção da Rua Conselheiro Franco.....	91
Figura 30- Projeção da Rua Conselheiro Franco.....	92
Figura 31- Rua Conselheiro Franco após a finalização das obras do projeto “Novo Centro” ..	92
Figura 32- Projeção da Rua Recife.....	93
Figura 33- Projeção da Rua Recife.....	94
Figura 34- Rua Recife após obras de projeto “Novo Centro”	94
Figura 35- Rua Recife em trecho que dá acesso ao Centro de Abastecimento	95
Figura 36- Ilustração do projeto de Novo Centro São José dos Campos.	98
Figura 37- Ilustração do projeto de revitalização.	99
Figura 38- Projeto de revitalização em Joinville.	101
Figura 39- Rua Barão do Rio Branco em Fortaleza-CE, antes e depois das obras do projeto “Novo Centro”.....	103
Figura 40- Transformação temporal das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro.....	108
Figura 41- Modificações propostas pelos projetos Pacto da Feira e Projeto Novo Centro	109
Figura 42- Planta das modificações propostas para a rua Marechal Deodoro.....	111
Figura 43- Planta das modificações propostas para a rua Sales Barbosa.	113
Figura 44- Projeção da Rua Sales Barbosa com a aplicação do Projeto Novo Centro.....	114
Figura 45- Projeção da Rua Marechal Deodoro com a aplicação do Projeto Novo Centro ...	116
Figura 46- Rua Sales Barbosa após a conclusão das obras do Projeto “Novo Centro”	117
Figura 47- Rua Sales Barbosa em período de festejos juninos.....	119
Figura 48- Rua Sales Barbosa em período natalino	120
Figura 49- Rua Sales Barbosa.	121
Figura 50- Lojas com diferentes perfis de fachada na rua Sales Barbosa.	122
Figura 51- Postes de iluminação pública ao longo da rua Sales Barbosa.....	123
Figura 52- Sinalização vertical da rua Marechal Deodoro	125
Figura 53- Sinalização destinada ao estacionamento.	125
Figura 54- Canteiro central da rua Marechal Deodoro, após a finalização das obras.	126
Figura 55- Protesto dos feirantes no início da rua Marechal Deodoro, contra a retirada forçada da categoria.....	128
Figura 56- A Feira Livre da Marechal permanece ocupando a rua Marechal mesmo após a conclusão das obras.	132
Figura 57- Ocupação de parte da calçada pela feira livre.....	133

Figura 58- Mutirão na Marechal.....	134
-------------------------------------	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização do município de Feira de Santana em relação ao contexto baiano e do centro da cidade em relação ao perímetro urbano e aos bairros.....	18
Mapa 2: Rodovias presentes na cidade de Feira de Santana e área de atuação do “Projeto Novo Centro”.....	19
Mapa 3: Localização do centro urbano do município de Feira de Santana com destaque para principais ruas e avenidas.....	20
Mapa 4- Rota de Migração dos Vendedores Ambulantes de	47
Mapa 5- Localização das ruas que foram delimitadas como áreas de intervenção do projeto “Novo Centro”.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PAISAGEM EM MOVIMENTO: A CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO	25
1.1 FEIRA DE SANTANA: PARA MODERNIZAR É PRECISO DESTRUIR?	29
1.1.1 Instalação do Centro Industrial do Subaé (CIS) – a conquista do centenário 30	
1.1.2 Feira livre – de elemento fundador a símbolo de atraso.....	34
1.1.3 É preciso modernizar	39
1.1.4 O comércio de rua e o redesenho das rotas urbanas.....	43
1.2 A RUA DO MEIO	49
1.2.1 Caminhos e descaminhos da Rua Sales Barbosa: As transformações da paisagem na rua do poeta.....	52
1.2.2 Transformações e permanência na rua Marechal Deodoro	60
2 PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA: A BUSCA DE UMA CIDADE CADA VEZ MAIS “MODERNA”	69
2.1 O PROJETO “NOVO CENTRO”.....	81
2.2 CIDADES DIFERENTES, PROJETOS CORRELATOS	95
2.2.1 O Projeto Novo Centro - São José dos Campos - SP.....	97
2.2.2 Urbaniza Centro - São José dos Campos-SP.....	98
2.2.3 “Caminhos de Joinville – Requalificação do Centro”- Joinville - SC	100
2.2.4 Projeto “Novo Centro”- Fortaleza -CE	102
3 AS MUDANÇAS DA FORMA DA CIDADE	104
3.1 AS PROPOSTAS PARA AS RUAS SALES BARBOSA E MARECHAL DEODORO	110
3.2 AS MODIFICAÇÕES NA RUA SALES BARBOSA.....	117
3.3 MODIFICAÇÕES NA RUA MARECHAL DEODORO	124
3.4 A RESISTÊNCIA DOS FEIRANTES DA MARECHAL	127
4 CONCLUSÃO	136
REFERÊNCIAS	141

INTRODUÇÃO

Nos fins do século XX e início do século XXI, em algumas das várias manhãs de calor intenso e com grande circulação de pessoas, caminhávamos eu e minha mãe em busca de frutas e legumes pela Rua Marechal Deodoro. No decorrer do percurso, os cheiros dos diversos produtos comercializados e o contato físico inevitável com outros compradores e passantes, devido ao pequeno espaço destinado à circulação de pessoas e à enorme movimentação, eram as características que mais me chamavam a atenção na famosa rua. Casas comerciais com produtos vendidos, principalmente as classes populares faziam parte da paisagem, que muito colorida pela diversidade das mercadorias expostas no chão, nos carrinhos de mão ou nas barracas se misturavam à sujeira que se espalhava pela rua o que exigia de nós cuidado durante a caminhada para evitar transitar por locais muito sujos.

Em busca de linhas, aviamentos e tecidos, saíamos da Rua Marechal Deodoro e atravessávamos a Avenida Getúlio Vargas em direção à Rua Sales Barbosa, que na mesma direção da anterior me parecia uma continuação, mas apresentando características comerciais diferentes. Nesta também havia uma disputa de espaço entre as barracas e os passantes. O contato físico com outras pessoas que circulavam na rua também era inevitável, mas as barracas dos camelôs com uma variedade incrível de roupas e sapatos me chamavam à atenção. Era quase impossível não parar e perguntar o preço da mercadoria para o vendedor, mesmo que não houvesse a possibilidade real de efetivar a compra. Esse caminho foi percorrido durante muitas manhãs, de vários anos, sempre com o mesmo propósito.

Apesar de conhecer as duas ruas desde a infância, algo me chamou a atenção quando esta pesquisa foi me revelando dados que eu desconhecia. Muita curiosidade me causou ao saber que as duas ruas que frequentei quase que quinzenalmente durante boa parte da minha vida eram no início da história da formação da cidade apenas uma, a chamada Rua do Meio e que sofreu inúmeras mudanças na paisagem, na função e no público frequentador. Essa descoberta transformou o modo como enxergava a rua, provocando questionamentos e suscitando o desenvolvimento da pesquisa.

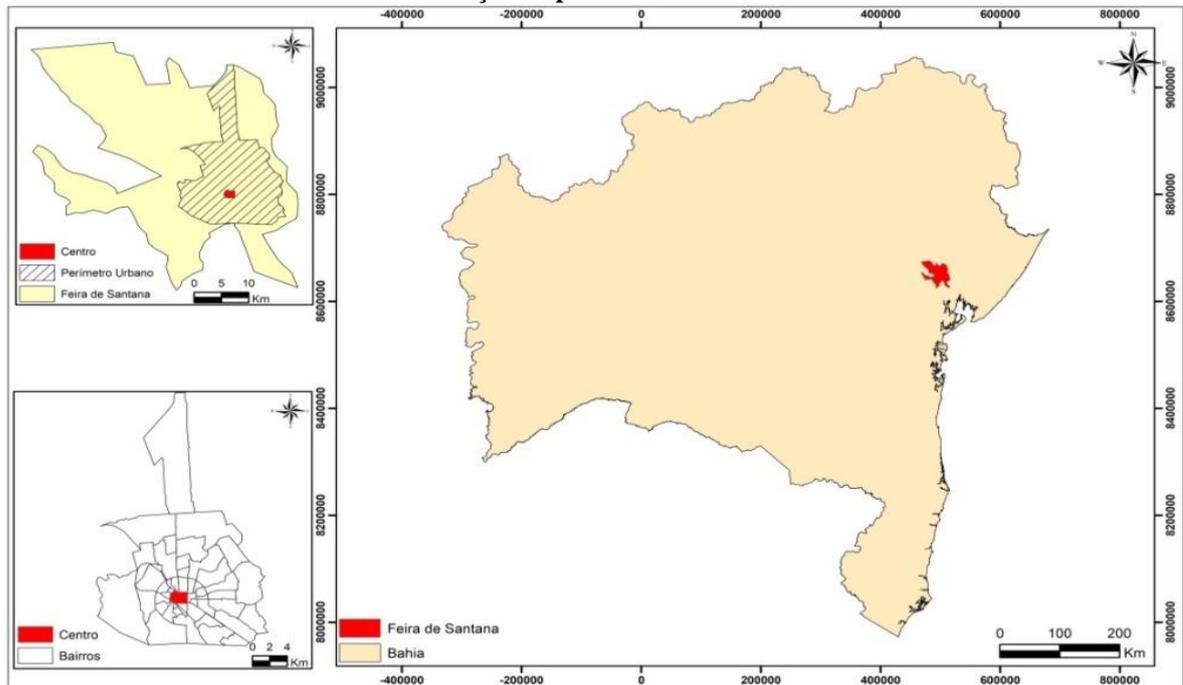
As transformações do espaço provocam mudanças na paisagem, como vemos no centro da cidade de Feira de Santana. Esta se configura por ser visível e perceptível, pela qual as características da sociedade também podem ser sentidas, percebidas e analisadas. Por estar no campo da visualidade e da percepção, apresenta elementos e provoca interpretações diversas,

que vão depender do tempo histórico, das características da sociedade que a criou, das sobreposições que foram realizadas ao longo do tempo e da percepção de quem está analisando.

No mundo contemporâneo as renovações das necessidades sociais, as modificações no espaço e na paisagem tendem a acontecer de forma cada vez mais rápida. Destarte, as cidades, espaço privilegiado da vida urbana, se transformam constantemente em busca de adequações a um suposto modelo de modernidade, alterando, portanto, a sua paisagem. Não obstante, os setores governamentais se esforçam em promover mudanças estruturais em diversos espaços públicos na tentativa de adequá-los aos usos e a uma dinâmica considerada mais adequada na contemporaneidade, valorizando a fluidez na circulação de carros, pessoas e mercadorias.

Nessa perspectiva, a cidade de Feira de Santana com suas recentes mudanças estruturais é o foco de análise deste estudo. Segunda maior cidade do estado da Bahia tendo uma população estimada em 2021, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 624.107 habitantes. Está localizada no Centro Norte Baiano e abrange em sua microrregião 24 municípios, que são ligados à cidade, entre outros fatores, pelo seu forte potencial econômico e em prestação de serviços. O mapa 01 (abaixo) mostra a localização da cidade em referência ao estado da Bahia. Nos mapas menores à esquerda tem-se na representação acima, o destaque para a região central em vermelho e para o perímetro urbano com hachuras, dentro do contorno delimitado do município. No mapa localizado abaixo, tem-se o contorno dos bairros com destaque para o centro da cidade também em vermelho.

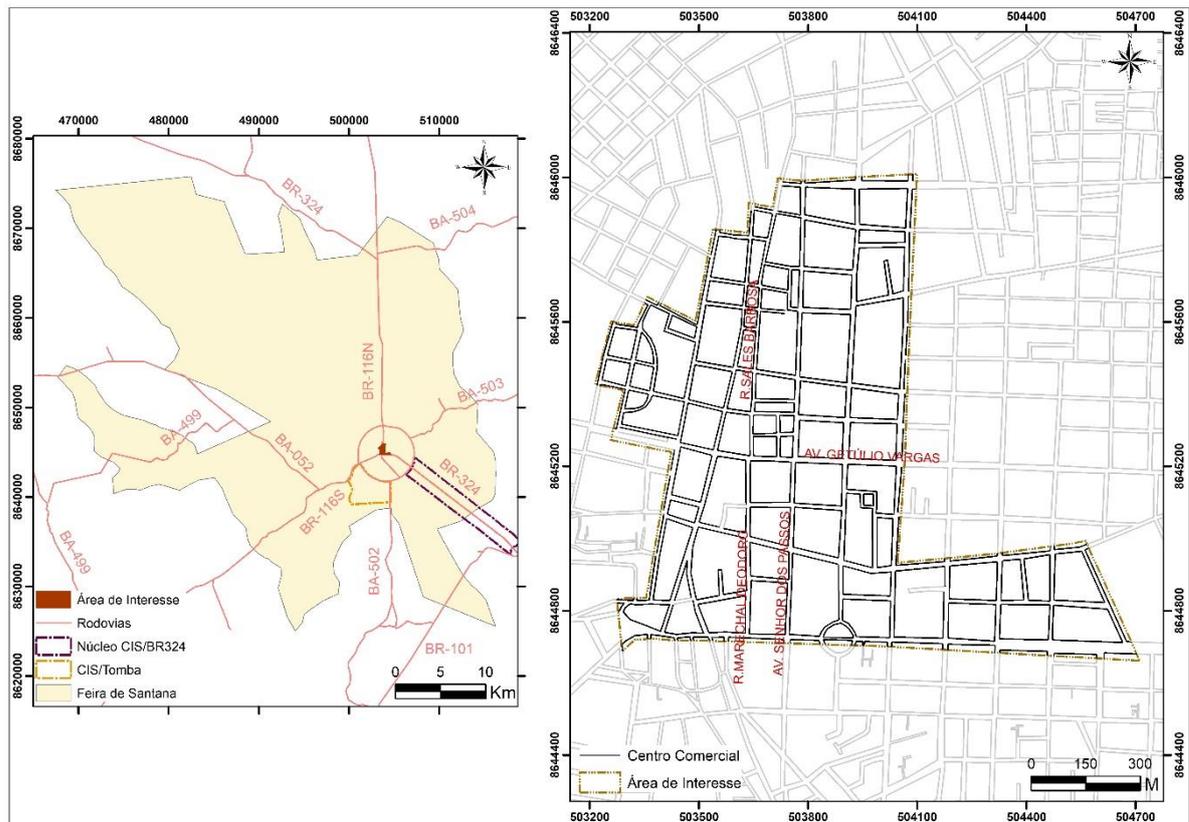
Mapa 1: Localização do município de Feira de Santana em relação ao contexto baiano e do centro da cidade em relação ao perímetro urbano e aos bairros.



Fonte: Bahia, 2003. Elaborado por CARELLI, L.; NERY, B. K. S, 2021.

Considerada um importante polo comercial e cultural da Bahia, que atrai pessoas de várias cidades da região para utilizar os serviços oferecidos ou em busca de oportunidades de trabalho e estudo, a chamada “Princesa do Sertão”, tem a atração populacional muito influenciada pela facilidade de acesso, pois a cidade também se destaca por ser o maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste do Brasil apresentando um grande fluxo viário devido à presença de importantes rodovias que se encontram neste espaço. O mapa 2 apresenta a esquerda as principais rodovias que cortam o município de Feira de Santana entre elas às BR 324, BR 116S, BR 116N, BR 101, destaque para a localização do Centro Industrial do Subaé (CIS) com os núcleos CIS BR 324 e CIS Tomba. A direita é ampliada a área de interesse que se refere ao espaço de atuação do “Projeto Novo Centro”, localizado no centro comercial da cidade. Neste o destaque é dado para as ruas Sales Barbosa, Marechal Deodoro, avenida Senhor dos Passos e Getúlio Vargas.

Mapa 2: Rodovias presentes na cidade de Feira de Santana e área de atuação do “Projeto Novo Centro”.



Fonte: BAHIA, 2003; IBGE, 2021; PMFS, 2018. Elaborado por CARELLI, L; NERY, B. K. S, 2023.

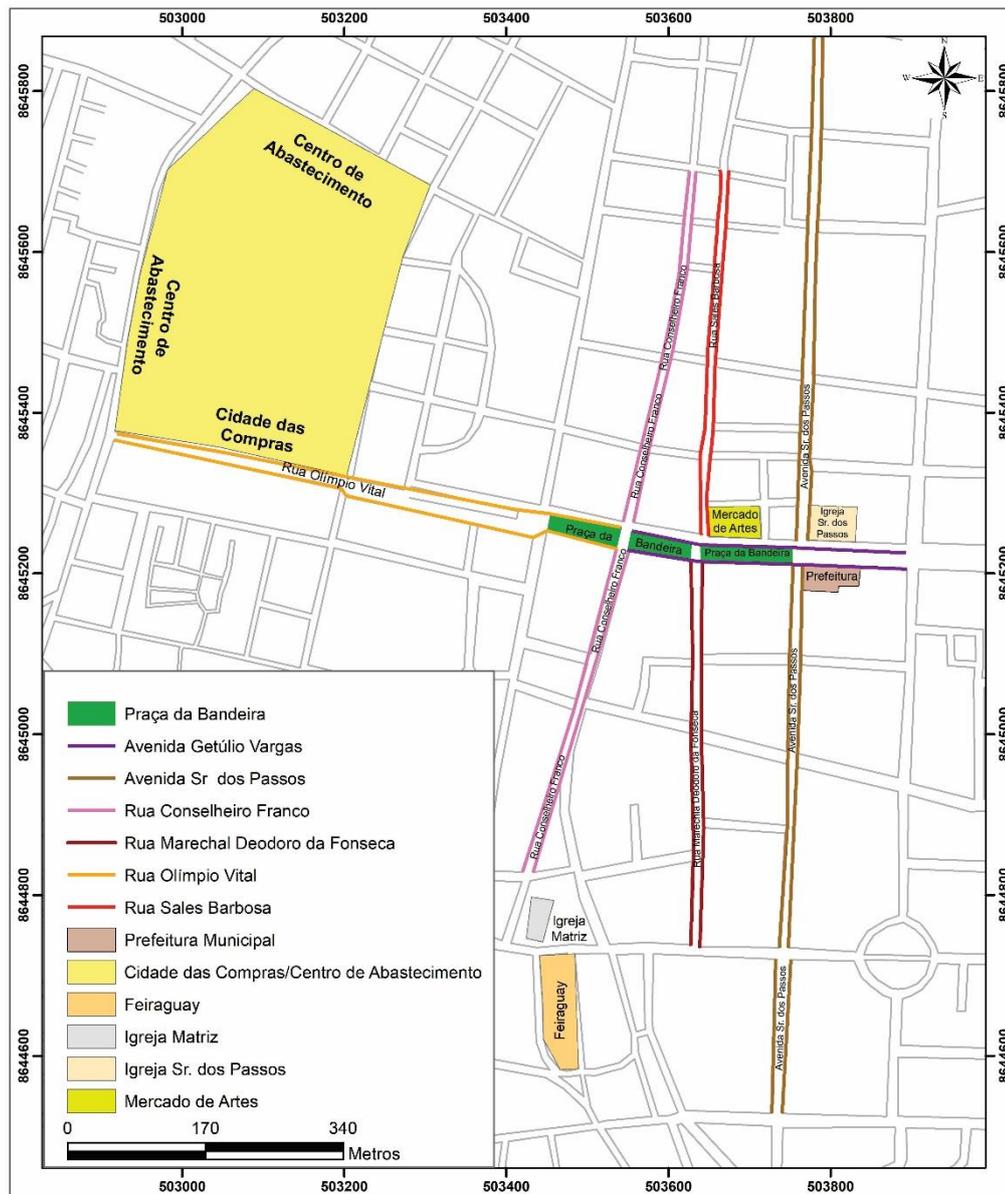
A cidade registra um crescimento populacional significativo desde meados do século XX e uma necessidade constante de modificações na sua estrutura urbana bem como nos hábitos cotidianos dos seus moradores, buscando atender as novas configurações espaciais que se estabelecem e as novas imagens delas decorrentes.

Os espaços citadinos apresentam modificações de forma, função ou de estrutura que vão dando novas feições à paisagem, e, conseqüentemente, novos desenhos espaciais. De acordo com Santos (1978), o espaço é construído processualmente e se estrutura através das formas e funções que lhe são atribuídas. A forma é o visível, a composição visual dos objetos em conjunto. A função é a atividade que é atribuída/desempenhada pelo objeto criado pela sociedade; estes compõem a estrutura social criada ao longo da história variando no tempo e se adaptando de acordo com as características sociais instituídas.

Neste sentido, o objeto de estudo desta pesquisa são as transformações na paisagem que produzem uma nova imagem para a cidade de Feira de Santana a partir das obras do “Projeto Novo Centro” (2020/2022). Este projeto de reestruturação urbana, desenvolvido pelo governo municipal, afirma em seu material de divulgação “executar-imprimir características pós-modernas de urbanização no centro comercial”. Com isso, importantes ruas têm recebido

modificações consideráveis resultando em um novo desenho urbano e, conseqüentemente, alterando a sua paisagem. Essas modificações serão aqui recortadas e representadas pelas Ruas Marechal Deodoro e Sales Barbosa (Mapa 3), nos seus processos de (re)desenhos provocados pelas modificações estruturais engendradas pela implementação do projeto “Novo Centro” na reconfiguração do centro urbano.

Mapa 3: Localização do centro urbano do município de Feira de Santana com destaque para principais ruas e avenidas.



Fonte: Bahia, 2003. Elaborado por CARELLI, L; NERY, B. K. S, 2022.

As vias citadas foram selecionadas, pois abrigam em seus desenhos a história da cidade de Feira de Santana em vários momentos, tais como: entre o fim do século XIX e início do

século XX servindo de local de passagem das boiadas; entre o fim do século XX e início do século XXI foi espaço de ramificações da grande feira livre, pontos de referência do comércio ambulante, espaço de resistência da grande feira livre e entre os anos de 2020 e 2022, áreas de implantação do projeto “Novo Centro”. As várias fases da cidade se fizeram presentes nestas vias que vem mudando as suas imagens acompanhando a sua transformação. Com o projeto “Novo Centro”, mais uma vez, as vias ganharam uma nova configuração, novas paisagens que produzem imagens trazendo para os transeuntes uma nova dinâmica e uma nova percepção espacial.

À vista disso, a pesquisa tem como objetivo principal analisar as mudanças no desenho urbano das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro em Feira de Santana-Ba, derivadas do “Projeto Novo Centro” implementado entre os anos de 2020 e 2022 pelo governo municipal. Tendo como objetivos específicos: identificar as transformações estruturais e funcionais da paisagem das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro decorrentes do Projeto “Novo Centro”; analisar a relação entre as mudanças da paisagem urbana destas ruas e suas consequências no desenho e na imagem da cidade de Feira de Santana; e realizar uma leitura visual sobre os elementos presentes que se relacionam ao ideal de modernidade promovido/desenvolvido/divulgado pelo governo municipal, bem como nos materiais produzidos pela prefeitura para divulgação do projeto.

Buscou-se analisar as modificações realizadas pelas obras do Projeto “Novo Centro” levando em consideração os seguintes parâmetros:

- 1- As características físicas dos elementos presentes no espaço, relação forma/função e a diversidade do uso: foi observado se a forma (mobiliário urbano) utilizada possibilitou seu uso efetivo;
- 2- Permanências x transformações espaciais: observou-se as mudanças com relação às formas e suas funções bem como a relação entre as formas que continuaram no espaço e a inserção de novos elementos, comparando os usos atuais e anteriores;
- 3- Elementos simbólicos: analisou-se a existência de elementos urbanos que estejam relacionados a símbolos ou signos locais que façam alusão a história do local e que sirvam de referência para a população.

O “Projeto Novo Centro” é dividido em duas etapas. A primeira etapa foi anunciada pelo governo municipal em 16 de abril de 2020 com conclusão em maio de 2022. A segunda etapa foi anunciada no dia 03 de fevereiro de 2022 como proposta a ser executada em meados

de 2022, mas sem definição exata de término. O recorte temporal foi definido a partir da divulgação da primeira etapa do projeto através da mídia local e a finalização deste conjunto de obras. Devido ao tempo institucional definido para finalização desta pesquisa (2023), só foi possível analisar a primeira etapa do projeto e suas relações com o desenho urbano e a imagem da cidade.

Por entender que a imagem de uma cidade perpassa por uma construção histórica com diversos atores sociais que modificam o seu desenho (LYNCH, 1997), será realizada uma breve contextualização dos fatos históricos que se configuraram como marcos importantes nas modificações do desenho urbano e nos seus usos, levando em consideração que “a geografia da cidade é inseparável da sua história” (ROSSI, 2001, p. 138) e sem ambas é impossível compreender a cidade como uma obra inacabada em que o seu desenho pode ser lido de várias maneiras e em vários momentos; assim como uma leitura do desenho, entendendo-o como expressão humana, linguagem passível de ser lida através dos seus signos urbanos (TRINCHÃO E OLIVEIRA, 1998). Esses signos urbanos são importantes, pois se configuram como registro da memória espacial-local, fonte de conhecimento e informação.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se, pois contribui de forma sistematizada para ampliar as discussões acerca das mudanças na paisagem e no desenho urbano a partir da aplicabilidade de projetos de reestruturação urbana, e das análises das propagandas divulgadas. Propiciando reflexões acerca da imagem da cidade, da construção e reconstrução dessa imagem e dos interesses políticos, sociais, econômicos e culturais vinculados a essas mudanças.

Desse modo, pode ser utilizado como suporte para as análises vinculadas ao planejamento urbano e a imagem urbana, auxiliando em uma reflexão crítica não só para os cientistas como para a população natural e/ou residente na cidade, como é o caso desta pesquisadora. Esta, ao visualizar as mudanças nestas duas vias, foi impactada profundamente pela sensação de vazio, de estranhamento e um incômodo que resultaram em questionamentos e na busca por ampliar as discussões sobre esta temática.

Considera-se aqui que as cidades e suas paisagens podem ser lidas como um texto não verbal passível a mudanças ao longo do tempo e que a sua interpretação depende do olhar de quem a vê e de quem a produz (FERRARA, 1988). Compreende-se também que a cultura local sofre influência de outras regiões, assim como da cultural global (LANDIM, 2004), é que se propõe, portanto, uma reflexão a respeito dos aspectos históricos, geográficos e culturais. Nessa perspectiva, busca-se articular o estudo do desenho e da geografia em uma abordagem

interdisciplinar, compreendendo as mudanças na paisagem como mote para a construção e (re) construção do espaço geográfico.

Para compreender os registros no espaço através da paisagem, é necessário analisar os aspectos exteriores (as formas estabelecidas, suas funções e utilizações) do ambiente urbano e suas relações recíprocas, observando a paisagem urbana e sua complexa estrutura em constante processo de mudança. Para isso, foram utilizados como ferramenta teórico-metodológico os postulados da morfologia urbana. Esta ciência se baseia no estudo da forma dos centros urbanos derivadas das ações da sociedade sobre o meio e que resultam em um produto físico como mobiliário urbano, ruas, lotes, quadras, edifícios entre outros elementos. Estes podem ser construídos e modificados pelas ações da sociedade através do tempo sobre o espaço urbano e através da temporalidade apresentada por esses elementos como instrumentos necessários ao entendimento e a percepção do indivíduo sobre seu entorno (REGO; MENEGUETTI, 2011).

A abordagem utilizada é de caráter qualitativo, por isso busca compreender os elementos presentes no espaço a partir dos significados atribuídos a eles, considerando o contexto e as características da sociedade a qual estão inseridos, realizando, para isso, observações do espaço, levantamento e análise de dados e informações coletadas (GUERRA, 2014). Como procedimentos metodológicos foram efetuados o levantamento da literatura específica através de leitura e análise de livros, bem como pesquisas em sites como *Scielo*, *Google Acadêmico*, repositório de universidades como a Universidade Federal da Bahia, a Universidade Estadual de Feira de Santana, a Universidade de Brasília e anais de eventos, o que permite o levantamento de periódicos, teses, monografias, artigos, entre outros, que versam sobre temas como planejamento urbano, desenho urbano, imagem e paisagem urbana e sobre a história da cidade de Feira de Santana.

Para realizar a leitura da paisagem urbana, com seus múltiplos signos e significados, foi efetuada, como parte do processo de produção de dados, a pesquisa de campo em dias da semana e horários diferentes, nas duas vias, para aproximação com o espaço e a sua dinâmica. Ao longo do trajeto foram realizados registros fotográficos dos elementos da paisagem e das situações consideradas significativas no que tange às modificações do desenho urbano provocadas pelo “Projeto Novo Centro (2020-2022)”. No diário de campo foram anotadas as impressões da pesquisadora.

Foram analisados, também, os materiais de divulgação da primeira etapa do projeto, que compreendem cartazes de divulgação, plantas base e ilustrações das projeções das ruas após o

fim das obras, todos veiculados pela prefeitura municipal através do próprio *site* oficial e da mídia local (jornais *online*), sendo possível realizar uma comparação/reflexão acerca da proposta inicial, com seus vários elementos estruturais e simbólicos, relacionando ao que realmente foi implementado nesta primeira etapa.

Após esta introdução o texto segue com a seguinte organização: o primeiro capítulo versa sobre as transformações na paisagem do centro comercial de Feira de Santana ao longo dos anos de 1940 e 2020; resultado de reorganizações do espaço que foram direcionados, em alguns momentos, pelo poder público municipal. Estas influenciaram significativamente nas mudanças do desenho e da imagem das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro.

O segundo discorre sobre o “Projeto Novo Centro”, as alterações propostas e uma análise dos elementos que compõem o material de divulgação do projeto; sendo também observadas as semelhanças e diferenças entre projetos de reestruturação urbana aplicados em outras cidades e o projeto aplicado em Feira de Santana.

O terceiro compreende um estudo sobre as propostas para as ruas analisadas e as reais modificações na paisagem e no desenho urbano aplicadas através das obras, destacando também os impactos dessas modificações no espaço e na organização social. Evidenciou-se a significativa resistências dos trabalhadores feirantes na rua Marechal Deodoro e a nova dinâmica estabelecida. Já a conclusão apresenta de forma sistematizada as discussões realizadas ao longo do texto, bem como as considerações finais.

1 PAISAGEM EM MOVIMENTO: A CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

“Fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (ROLNIK, 1995, p. 7 e 8).

A paisagem é estudada por diversas áreas do conhecimento e está relacionada ao que é visual, mas, também, é percebida pelos diferentes órgãos do sentido. “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 2008, p. 67 e 68). É a manifestação das relações da sociedade com o meio e concentra-se no modo de ver e interpretar o que chega aos sentidos na relação sujeito/objeto.

A sociedade transforma o espaço e, conseqüentemente, a paisagem por vários fatores sejam eles econômicos, políticos ou culturais. Estas transformações são o reflexo das crenças, valores, identidades e necessidades de uma sociedade, que também está em constante transformação. Sendo assim, esse espaço se adapta à própria transformação social, tornando a paisagem um complexo único, indissociável, com marcas do tempo e da sociedade, ou seja, “um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2008, p. 74).

Essa heterogeneidade de formas presentes no espaço é o resultado de diferentes usos e apropriações, assim como do poder aquisitivo definido por quem pode ou não pagar, como também das culturas e identidades dos conjuntos sociais que o construíram ao longo do tempo e que acabaram por se misturar. Isso torna as paisagens uma constituição plural, que representa não somente os aspectos culturais das sociedades que as formaram, mas materialização das suas diferentes ideias convivendo no mesmo espaço, tornando-se inédita. Neste sentido “a paisagem se faz através da criação de uma unidade visual onde o seu caráter é determinado pela organização de um sistema de significação” (SCHIER, 2003, p. 6), o que a torna elemento complexo e com múltiplos significados. Ou seja, cada signo disposto na paisagem interage com os demais, formando um sistema de significação. Os elementos da paisagem “dialogam” uns

com os outros, possibilitando a visualização não apenas de um único elemento, mas do conjunto.

Cada paisagem possui sua própria dinâmica que está relacionada ao modo como está organizada e aos elementos que a constituem, o que a torna única. Expressa no espaço ela produz uma imagem.

pode-se dizer que a paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação destas coisas, as imagens. Cada um de nós, de acordo com a nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana (VERDUM, 2012, p. 4).

Para o mesmo autor, ela representa o homem e suas manifestações no mundo, é a base do ser social. Sendo assim, estudar a relação natureza-sociedade a partir dessa categoria de análise é fundamental, pois a partir das suas representações é possível compreender que ela é o resultado dos processos técnicos-produtivos representando o movimento da sociedade em um determinado momento histórico e é forma simbólica impregnada de valores que compreende os significados que lhe dão sentido.

De acordo com Cosgrove (1984) *apud* Corrêa (2011), a paisagem representa a relação do homem e da natureza, meio pelo qual, ideias e valores são expressos modelando-os simultaneamente, tem um sentido político, constituindo-se em uma ideologia visual, podendo ser interpretada sobre aspectos relacionados às atividades e crenças humanas, pois tem caráter multifuncional.

Em sua reflexão, o mesmo autor afirma que a “paisagem de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 223). Para compreender essa “cena”, é preciso compreender a “linguagem” expressa através dos signos e significados de determinada cultura. Sendo assim, “a paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda” (COSGROVE, 1998, p. 224) sendo necessário ser analisada com a relatividade que lhe compreende as relações e suas impressões no espaço ao longo do tempo histórico.

Produto cultural, organizada em um dado tempo, espaço, formação econômica e social a paisagem é agente ativo que modifica as relações estabelecidas, transmite mensagens diretas que podem ser imediatamente apreendidas, ou mensagens subliminares que influenciam sutilmente a dinâmica do espaço, pois está imersa em um mundo de significados. Resulta da

ação humana ao longo do tempo sobre o ambiente natural, construindo e gerando um conjunto de funcionalidades dos elementos presentes e do próprio espaço.

Corroborando com essa ideia, Corrêa (2014, p. 41) afirma que para Sauer (1998) a

paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em área.... As formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura. A paisagem constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica. Trata-se de morfologia na qual forma, função e estrutura são elementos centrais (SAUER, 1998, apud CORRÊA, 2014, p. 41).

Destarte, integradas entre si estrutura, processo, função e forma, categorias filosóficas definidas por Santos (1978) possibilitam uma análise mais abrangente das características da sociedade que as criaram. Portanto, é a associação entre essas categorias que apesar de distintas se relacionam no espaço, e em conjunto representam a paisagem cultural.

Apropriado e modificado pelo homem, o espaço é transformado pelos elementos característicos da sociedade que o ocupa, interagindo e modificando-o, sendo assim aos elementos naturais são integrados aos culturais formando a paisagem cultural. Expressa pelas ações do homem no espaço, a paisagem cultural está sujeita a mudanças derivadas de diversas culturas. Para Corrêa e Rosendahl (1998),

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e, provavelmente, atingindo no final o término do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da paisagem cultural ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p.59).

No ambiente urbano essas mensagens/grafias/linguagens/registros/desenhos expressos através da paisagem representam os valores das populações que as construíram. Em conjunto podem ser consideradas como expressões culturais dando significados as formas e interações presentes na cidade, representando uma mistura de arte, ciência, luta pelo poder e resistência. São passíveis de renovações na morfologia da paisagem urbana para atender os novos modos de vida, condizentes com cada período histórico.

A paisagem urbana é movimento, sendo assim, analisada como processo e não como forma definida, pois vários tempos estão impregnados nas construções que vão sendo alteradas ao longo da história. Ela é a “expressão da ‘ordem’ e do ‘caos’” (CARLOS, 2020, p. 36). É um

registro dos momentos históricos e das movimentações sociais, que impregnadas na paisagem da cidade através das construções, se tornam visíveis.

Essa paisagem fica visível aos nossos olhos através das construções, largura das ruas, do público frequentador, dos tipos de veículos, cores, luzes, sons, entre outros, que são diferentes a depender do dia e horário de observação, pois cada momento do cotidiano demonstra paisagens diferentes. “É o tempo da vida” (CARLOS, 2020, p. 39) que permeia o espaço e as relações estabelecidas nele.

Reforça e amplia essa perspectiva a definição feita por Landim (2004). Para ela a

paisagem urbana configura-se e qualifica-se basicamente por meio desses elementos: o suporte físico, ou seja, o relevo, o solo, o subsolo e as águas, a cobertura vegetal original ou não, as estruturas urbanas ou massas de edificações e sua relação dialética com os espaços livres, o uso do solo, os loteamentos e o clima com suas alterações de ciclo diurno/noturno e as estações do ano. Contudo, a paisagem urbana não é delimitada apenas por esses elementos. Ela é uma imagem, uma criação mental e social; está na mente das pessoas, nas relações de uso que se estabelecem entre os cidadãos, e entre estes e os elementos citados (LANDIM, 2004, p.29).

A relação sociedade-espaço se reflete não somente pelas construções/objetos, mas também pelos seus usos. Por isso, torna-se possível conhecer a cidade através da sua paisagem, pois a paisagem enquanto representação social se configura como linguagem passível de leituras e interpretações diversas.

Para Santos (2008),

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. Daí vem a anarquia das cidades capitalistas. Se juntos se mantêm elementos de idades diferentes, eles vão responder diferentemente às demandas sociais. A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída. Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados, o que levou Lênin a dizer que a grande cidade é uma herança do capitalismo e veio para ficar, devendo os planejadores do futuro levar em conta essa realidade (SANTOS, 2008, p. 73).

A paisagem citada por Santos (2008) é criada ao longo do tempo e deriva de acréscimos e substituições que resulta em paisagens sobrepostas, revelam as mudanças pelas quais a própria sociedade passa no decorrer dos tempos históricos e suas diferentes demandas que são mutáveis e influenciadas pelas inovações tanto técnicas, políticas, econômicas quanto sociais. Nesta

perspectiva os urbanistas, administradores públicos e todos os envolvidos no planejamento das modificações das cidades devem levar em consideração as diferenças entre as formas e seus momentos históricos e o vínculo que se pretende estabelecer com os padrões globais de desenvolvimento das cidades.

Neste contexto ao longo da história, a paisagem da cidade de Feira de Santana tem apresentado significativas modificações muito relacionadas a supostos ideais econômicos, dinâmicas sociais e de modernidade. Essas buscavam criar uma nova imagem para a cidade e para isso muitas vezes dilapidavam elementos representativos da cultura local, outras afastavam para áreas consideradas mais adequadas a prática de atividades mais populares. A modernização muitas vezes significava destruição.

1.1 Feira de Santana: para modernizar é preciso destruir?

Para realizar a análise sobre as modificações urbanas que buscavam dar um novo significado à paisagem da cidade de Feira de Santana, objeto de estudo desta pesquisa, será feita uma breve contextualização de algumas modificações/instalações/inoações que foram realizadas entre os anos de 1940 e 2020 no espaço citadino, anos de intensas transformações locais, e que alteraram em algum momento a paisagem e a organização espacial da cidade. Estas foram divulgadas pelo governo e pela mídia local como elementos importantes para a construção da imagem de uma cidade moderna e, por isso, foram considerados em suas épocas como importantes signos de desenvolvimento e crescimento da cidade.

É importante destacar aqui que para fins de organização metodológica foram selecionados apenas os eventos considerados pertinentes à temática proposta para este estudo, visto que uma discussão mais detalhada sobre todas as modificações da paisagem ocorridas neste intervalo de tempo poderia incorrer na fuga do tema proposto.

1.1.1 Instalação do Centro Industrial do Subaé (CIS) – a conquista do centenário

Feira de Santana sempre teve como atividade econômica principal o comércio, inicialmente vinculado à grande feira livre. De acordo com Poppino (1968), a manufatura de produtos agrícolas, em escala industrial, sempre constituiu em uma atividade secundária no município. Sendo o beneficiamento do fumo a movimentação industrial principal entre 1860 e 1950. Entre 1880-1889, a cidade registra o primeiro crescimento industrial expressivo com a fabricação de roupas que atendiam o mercado local (POPPINO, 1968).

O período entre guerras (Grande Guerra de 1914-1918 e a Segunda Guerra Mundial 1939-1945) foi o impulsionador para o início do desenvolvimento industrial tanto do Brasil como em Feira de Santana. As dificuldades em realizar importações dos países que estavam em guerra forçaram o desenvolvimento da indústria nacional para atender as demandas internas. Porém, essa industrialização não teve uma organização formal até 1952. Fato que ocorreu não só no Brasil, mas também em Feira de Santana que apesar das dificuldades

tornara-se o centro industrial líder do interior da Bahia. O número de estabelecimentos industriais subiu no município, entre 1940 e 1950, de 35 para 183, um aumento de mais de 500 por cento... Três fatores contribuíram grandemente para o notável incremento da indústria em Feira de Santana, depois de 1940: o aumento da população do município, o progresso dos transportes e a dificuldade de aquisição de certos artigos manufaturados do estrangeiro, durante os anos de guerra. Deve-se notar aqui que a população do município cresceu de 29 por cento do último decênio, enquanto a da cidade quase duplicou. Dessa maneira, teriam que expandir-se, consideravelmente, tanto o mercado como a massa trabalhadora disponível para a indústria (POPPINO, 1968, p. 235).

Logo, após esse período, a indústria do couro ganha destaque na cidade, muito vinculada ao comércio de gado que ocorria em dias de feira. A feira do gado atraía visitantes de vários lugares do país para participar das movimentações comerciais realizadas. A cidade despontou como um importante polo comercial. Em 1950, a produção do couro torna-se uma das principais atividades industriais da cidade (POPPINO, 1968). A atividade industrial, apesar de ser baseada em transformação de matéria-prima, ocupava a segunda posição em importância econômica, só perdendo para o comércio do gado que se configurava como principal atividade econômica do município.

Na tentativa de incentivar a industrialização em todas as regiões do Brasil para diminuir as disparidades econômicas de capital o governo adotou várias medidas, tais como “incentivos

fiscais aos investimentos privados, um programa de aplicação de recursos governamentais nas áreas menos desenvolvidas...e a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste — SUDENE, em dezembro de 1959” (BNDES/PR, 1965, p. 36), com área de atuação no Nordeste e em parte de Minas Gerais, para gerir essas ações.

Todas essas atuações incentivaram a industrialização nordestina pensada desde a década de 1950 como possibilidade para a região superar o subdesenvolvimento. No caso específico da Bahia, que é um dos estados mais importantes da região, “foram implantados alguns polos industriais e que se constituíram nos maiores referenciais de desenvolvimento da época, catalisadores dos anseios coletivos de uma população carente por melhorias” (SANTOS, 2002, p. 24).

Nesta perspectiva, o desenvolvimento industrial da Bahia ganha impulso com a política de incentivos do governo e a instalação de centros industriais.

O CIA – Centro Industrial de Aratu, o COPEC- Complexo Petroquímico de Camaçari e o CIS- Centro Industrial do Subaé também são resultados deste tipo de planejamento, reflexo da política econômica nacional, isto é, desenvolver a Bahia e Feira de Santana através da industrialização, mediante apoio governamental (FREITAS, 1998, p. 78).

Implantado em Feira de Santana, em 1970, o Centro Industrial do Subaé (CIS) tinha a função de completar o eixo industrial da capital, Salvador, e dinamizar o segundo setor da economia local que já contava com pequenas indústrias, principalmente relacionadas com as atividades agrícolas regionais, “teve como principais atrativos para sua implantação os incentivos fiscais do Programa FINOR¹, a isenção do imposto de renda e a excedente de mão-de-obra, caracterizando potencialmente um espaço de concentração industrial” (FREITAS, 1998, p.87).

A instalação de um centro industrial em Feira de Santana seguia uma lógica locacional que facilitava a circulação de pessoas e mercadorias. Para isso levou-se em consideração que a cidade é um entroncamento rodoviário contando com a presença de grandes eixos como as BR-324, BR -101e BR-116² o que facilita a ligação a outras rodovias sendo passagem obrigatória entre o Norte-Nordeste e o Centro-Sul do país, além de estar próximo ao porto de Aratu e

¹ Fundo de Investimentos do Nordeste.

² Ver mapa 2.

Salvador e ao maior aeroporto do estado da Bahia o aeroporto Luís Eduardo Magalhães que à época se chamava aeroporto “2 de julho”.

Baseada em uma política de incentivo a industrialização da região Nordeste “a localização de um centro industrial em Feira de Santana é induzida de fora para dentro, refletindo mais a política nacional que propriamente local” (FREITAS, 1998, p. 101). Esse estímulo à industrialização foi bem recebido pelos diversos seguimentos da sociedade que o incorporaram a um discurso modernizador e desenvolvimentista.

A industrialização nos anos 70, consolidada a partir da instalação de um distrito industrial se deu em função de um estímulo exógeno, sendo abraçada pelo poder público local que a transformou em meta prioritária para o alcance do desenvolvimento da cidade, sendo depositada nela a tarefa de solucionar quase todos os problemas de Feira (SANTOS, 2002, p. 89).

Notícia do jornal “Feira Hoje” divulgada à época demonstra como a instalação do CIS, foi desde seu projeto, bem recebida por parte da sociedade, associando sua instalação ao desenvolvimento pleno da região e que devido à tamanha importância era merecedor dos mais altos investimentos por parte da prefeitura municipal.

Ao parecer da Secretária Executiva da Sudene, enviado ao Conselho Deliberativo, afirmava que “face aos aspectos analisados, recomendamos ao Conselho Deliberativo que declare o projeto de implantação do Centro Industrial do Subaé de interesse para a economia regional e, assim merecedor de colaboração financeira do Banco do Nordeste do Brasil S.A”. A aprovação do Plano Diretor do Subaé, muito significará para o desenvolvimento pleno regional, devendo a Prefeitura Municipal, ainda estes dias, manter contatos com o Banco do Nordeste, visando um financiamento da ordem de 1 milhão de cruzeiros, para a sua implantação (FEIRA HOJE, 1971, s/ p).

A cidade teria, de acordo com essa perspectiva, um forte crescimento econômico proporcionado pela instalação de um centro industrial, necessitando, portanto, adequar a sua imagem à modernidade representada por um empreendimento como este. Não caberia mais a cidade manter uma dinâmica ligada à sua herança agropastoril, quando a dinâmica das fazendas e o comércio do gado eram atividades marcantes e influenciavam o cotidiano da população.

Para Santos (2002), a instalação do CIS se constituía como uma das maiores se não a maior conquista da cidade no seu centenário. Em 100 anos a cidade evolui de uma economia cujo comércio era parte mais significativa, relegando ao segundo setor uma posição inferior. Até esse momento sua constituição se baseava em indústrias de pequeno porte que

transformavam a matéria-prima. Com a instalação de um centro industrial era vislumbrada, pela elite local, a imagem do progresso e da modernidade que tanto eram almeçadas, se tornando uma conquista no período em que a cidade completava o seu centenário.

Como demonstra, abaixo, a reportagem veiculada por um jornal local, representando muito claramente o pensamento divulgado no período.

Hoje nossa Feira de Santana é vista como uma cidade possuidora de um Parque Industrial Progressista. Gerador de desenvolvimento econômico e bem estar social.

Produzindo desenvolvimento de muitas naturezas através das grandes compras realizadas no mercado local. Pelo ICMS recolhido, empregos gerados e impulsionando o desenvolvimento e bem-estar da comunidade. Se preocupando em absorver e aperfeiçoar a mão-de-obra local, desenvolvendo novos processos e tecnologia e propiciando no campo social um melhor padrão de vida. As perspectivas são as melhores. Por seus efeitos multiplicadores, as indústrias estendem seus benefícios sociais além dos seus portões. É o limiar do desenvolvimento social e da consolidação econômica, que trará benefícios, no campo da educação, cultura e outras áreas carentes. Enfim, o Parque Industrial Feirense é uma alternativa para viabilizarmos o crescimento de nossa cidade (PERSONALIDADE 87, 1987, p. 19)³.

Considerado pela elite dirigente como o mais importante empreendimento local a instalação do centro industrial incentivou uma série de modificações na paisagem urbana, consideradas modernizações espaciais, todas com o intuito de adequar a cidade a um discurso incentivador de mudanças consideradas modernas e que ganhou força com a instalação das indústrias.

Utilizado como conceito norteador das modificações urbanas o moderno significava ser atual, semelhante as características presentes em outras cidades que eram tidas como exemplos a serem seguidos. Para Berman (1986), “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (BERMAN, 1986, p. 11), é o conjunto de mudanças que integra a vida social. No caso da cidade de Feira de Santana a esse conceito é atribuído um sentido único, sempre relacionado e reportado à ideia de progresso e desenvolvimento do espaço urbano que proporcionaria desenvolvimento econômico e bem estar social.

³ Caderno especial divulgado no ano de 1987, apoiado pelo “Correio da Bahia”, “TV Bahia” e “Rádio Antares FM Estério”.

1.1.2 Feira livre – de elemento fundador a símbolo de atraso

Para adequar-se à nova realidade industrial da cidade era preciso se afastar de todas as características que a vinculava ao atraso representado pela “desordem” e sujeira ou a sua tradição agropastoril, e um dos grandes símbolos dessa ligação era a feira livre que acontecia no centro da cidade (Figura 1, página 36) e que representava não só a história local, mas a tornou conhecida nacionalmente como importante centro comercial do Norte-Nordeste.

Seu processo de formação se inicia

Do encontro de tropeiros às segundas-feiras nas proximidades da Fazenda Santana dos Olhos d'água, que naquela época traziam as suas cargas de farinha, verduras e cereais nos lombos dos animais, para trocar entre si, surgiu a feira livre que depois veio dar nome definitivamente à grande cidade de Feira de Santana. Com o passar do tempo, esse encontro foi crescendo e dando margem ao surgimento de uma feira. Ao lado dessa feira, um povoado apareceu, tornando-se, posteriormente, vila e, depois, uma cidade comercial, que vivia exclusivamente daquele agrupamento semanal de pessoas que vinham comercializar seus produtos (MOREIRA, 1997, 307).

A feira cresceu e se tornou uma centralidade, atraindo pessoas de várias localidades para realizar além das trocas comerciais, encontros ou apenas para presenciar a própria dinâmica da feira que era o “palco” de uma farta diversidade de expressões culturais. A simplicidade das barracas que se espalhavam por importantes ruas e avenidas da cidade, com intensa movimentação de pessoas, que buscavam comprar diversos produtos, eram características da feira livre de Feira de Santana. Como demonstrado na figura 1 à disposição das barracas, feitas com materiais improvisados, desenhou nas ruas um tracejado que aproxima as barracas de acordo com o produto comercializado, consagrando pontos de vendas setorizados. Os fregueses/clientes circulavam em estreitos corredores de passagens entre elas, estabelecendo um contato direto entre quem vendia e quem comprava as mercadorias. O movimento intenso de pessoas representado pela imagem evidencia a sua grandiosidade; o prédio ao fundo do Mercado de Arte, que se inicia a direita da imagem (figura 1) se estendendo quase até o outro lado, representa a convivência entre o velho (prédio vinculado a tradição do comércio da carne e a feira do gado) e o novo (prédio com vários andares associado ao comércio varejista formalizado e empresarial) que acontecia neste período na cidade.

Figura 1- Feira livre na Praça João Pedreira no final da década de 1960, em frente ao Mercado Municipal, atual Mercado de Arte Popular.



Fonte: (Magalhães, 1969)

Para além disso, a feira

era o lugar da identidade espacial e social, do pertencimento, da construção dos laços de amizade e afetividade, do reconhecimento de si e do outro. Assim, a concentração de pessoas e mercadorias e a disposição dos produtos à venda favorecia o contato com o outro e favorecia também os espetáculos dos vendedores e artistas populares. O lugar, destarte, era aproveitado de forma intensa. A feira permitia a visualização da segregação social, daqueles que compravam muito ou pouco, daqueles que vendiam em barracas ou em carros de mão, e daqueles que acompanhavam seus empregadores/patrões (AZEVEDO, 2015, p. 71).

Mais que trocas comerciais a feira representava relações sociais e afetivas que faziam parte da dinâmica local, que se estabeleceram e foram ampliadas ao longo do tempo. Sua diversidade social e cultural expressa pelos seus frequentadores, pelos vendedores de frutas, legumes, cereais, hortaliças, cordelistas e tantas outros marcavam o local como um espaço de exposição, (re)criação e de compartilhamento de culturas.

Apesar de toda a efervescência cultural e identitária que acontecia na feira livre ela passou a ser vista como um atraso, um incômodo, pois além de tornar as principais vias de circulação do centro da cidade intransitáveis durante os dias de sua realização, o lixo, a bagunça e o barulho passaram a se tornar inaceitáveis para uma cidade que se pretendia “moderna”. Portanto, a retirada da feira livre foi uma reivindicação de diversos grupos da sociedade feirense que objetivavam “um lugar mais moderno, embelezado, organizado e higiênico, ou seja, queriam criar uma outra imagem de cidade” (AZEVEDO, 2015, p.81), principalmente após a instalação do CIS.

Nessa perspectiva, afirma Queiroz,

Na Praça João Pedreira, principalmente, nos dias referentes ao funcionamento da tradicional feira livre, concentrava grande movimento de pessoas e de carros, fechando as principais avenidas e ruas de acesso da cidade, o que restringia o uso do solo por parte de outros moradores da cidade e impedia o fluxo de veículos. Os feirantes, as barracas e suas mercadorias transformavam o Desenho Urbano da cidade. A tradicional feira livre era cenário para os múltiplos discursos, da diversidade social, cultural e econômica dos sujeitos participantes da feira (QUEIROZ, 2014, p.53).

As modificações do desenho urbano⁴, nos dias da realização da feira, começaram a se tornar incomodas para uma elite que circulava com seus automóveis pelo centro da cidade, que frequentava casas de moda e o comércio. A cada ano era registrado um crescimento no número de vendedores e vendedoras, muito relacionado à falta de emprego e renda que atingiam o país.

Sendo assim o desenho urbano estabelecido pela feira livre, não agradava a uma parcela da sociedade feirense que a considerava inadequadas as interações sociais estabelecidas, o mobiliário utilizado bem como a interdição das vias nos dias de atividade dos feirantes. A feira não acontecia mais somente às segundas-feiras, nos outros dias da semana diversos setores da feira se estabeleciam nas principais vias de circulação da cidade, ocupando suas calçadas. Nos dias que antecediam o pico de movimentação (segunda-feira), já se registrava um aumento significativo de pessoas e mercadorias que iam se organizando no espaço.

A higiene era outro ponto que merecia destaque quando se relacionavam os aspectos considerados negativos da feira. Colocava-se em evidência a sujeira proveniente da comercialização dos produtos que ficava no fim da feira, o barulho, a presença de “menores de rua”, e, é claro o não pagamento de impostos pelos feirantes que usavam o solo urbano. Esses argumentos fundamentavam as discussões da elite local que pressionava a prefeitura municipal para a retirada dessa atividade do centro da cidade.

Diante do surgimento de tantos problemas “para o governo municipal, a questão do inchaço da feira precisava ser resolvida e as intenções de mudança apontavam para retirada da feira dali como passo fundamental para encaminhamento do nunca alcançado desenvolvimento feirense” (PACHECO, 2009, p. 44). Em consonância com esse pensamento estavam alguns

⁴ O desenho urbano é aqui compreendido como o estudo que relaciona o espaço construído e as interações humanas sobre esse espaço. Se apresenta na disposição espacial do mobiliário, no traçado arquitetônico dos imóveis antigos e modernos, nas ruas com suas conexões e seus usos, nos bairros, praças e parques suscitando imagens, representações e interpretações. Produz e reproduz aspectos sociais permeados de significados, que expressam a construção e a reconstrução das imagens sociais estabelecidas, que podem ser lidos, analisados e compõem seu desenho (DEL RIO, 1990).

modelos nacionais que vinculavam o crescimento econômico das cidades ao desenvolvimento de centros industriais ou de setores que estivessem vinculados à industrialização.

Além disso, no final da década de 1960 é percebido um intenso crescimento de supermercados e mercadinhos. A cidade recebeu uma série de “novidades” como o domínio de normas de pesos e medidas, o que significava deixar de utilizar apenas a percepção de peso do vendedor ou outros instrumentos de pesagem como a bacia ou o litro considerados ultrapassados e passar a utilizar as balanças para realizar a pesagem dos produtos. Assim como um volume cada vez maior de produtos industrializados, a expansão da relação entre fornecedores e varejistas, e o status social, pois comprar nos mercados também significava, simbolicamente, possuir um poder aquisitivo maior. Para o governo municipal era preciso organizar o comércio de alimentos em atacado e demarcar o espaço para o comércio varejista.

O aumento da urbanização e a supervalorização dos aspectos urbanos em detrimento dos rurais fazia parte do contexto brasileiro desde o início da república. Associada a essa ideia tem-se a utopia civilizadora que permeava Feira de Santana desde as primeiras décadas do século XX e que era utilizada como justificativa para realização de mudanças no seu espaço urbano. Todos esses elementos justapostos aos interesses da Associação Comercial da cidade em ampliar o mercado varejista incentivaram o discurso de que era preciso afastar a feira livre do centro da cidade (TELES, 2017). Associado a isso estava um discurso de “limpeza” e organização do espaço citadino.

O tradicional, representado pela feira, e o desejo da modernidade e do progresso, que se pretendia instalar, só podia ser alcançado com o seu deslocamento. Para tanto, foi construído o Centro de Abastecimento⁵ em área mais distante do espaço central da cidade. Em 1977 os feirantes foram transferidos, apesar dos embates e tensões provocados pelos trabalhadores que não concordavam com a retirada, seja por questões afetivas ou econômicas.

Para os autores Magalhães, Silva e Oliveira (2009) a retirada da feira livre foi à última e mais significativa de todas as etapas do processo de modernização da cidade desenvolvido naquele período. Para Oliveira (2013) com a instalação do CIS

o progresso e a modernidade se tornaram alvo dos grupos que detinham o poder econômico e político, porque a cidade ideal, do progresso apresentava-se distinta da cidade real, e esta buscava cada vez mais se associar a industrialização. Não lhe cabia mais uma feira livre nas condições em que ela acontecia, porque denotava feiura,

⁵ Ver localização no mapa 2 na página 17.

sujeira e falta de civilidade, como diziam os mais interessados no assunto. Ou seja, a feira livre se tornou um incômodo para a imagem da cidade (OLIVEIRA, 2013, p. 57).

Ao retirar a feira do centro da cidade em 1977 foram incentivados novos hábitos e modelos de consumo, através da inauguração de grandes supermercados que concentram uma grande diversidade de produtos e colocaram as pessoas em contato com equipamentos urbanos que estimulavam a compra de produtos industrializados. Vinculando o mercado atacadista e a produção do campo mais fortemente ao comércio e à indústria. A criação do Centro de Abastecimento está intimamente ligada a reconstrução da imagem e do redesenho do centro da cidade e significou a finalização (pelo menos momentânea) de um processo de organização do comércio, como afirma Pacheco (2009)

A construção do Centro de Abastecimento surgiu como cerne para conclusão de objetivos que há muito vinham já sendo construídos como: organização do comércio de grande porte, “limpeza” do centro da cidade e abertura das vias centrais para o trânsito de veículos, padronização comercial, incluindo-se relações de trabalho, sistema de créditos, pagamento de impostos e controle do comércio informal, além de políticas de controle de preços dos produtos de primeira necessidade. Todos estes se mesclaram no baluarte “transferência da feira”, indo de encontro a um costume enraizado fortemente em Feira de Santana, que é o de comércio nas ruas (PACHECO, 2009, p. 36).

Com o fim da feira buscava-se acabar com cheiro e as cores das barracas com seus produtos, a multidão de pessoas que compravam e vendiam às mercadorias, os curiosos que apenas iam assistir os tipos humanos e as apresentações dos artistas, os encontros, as trocas e as vivências que se desenrolavam no seu entorno, ou seja todas as características que lhe garantiam uma identidade singular. Mudava-se a Feira de Santana cujas bases foram construídas pelas trocas e pechinchas e fez surgir a Feira de Santana dos centros atacadistas e varejistas. Para a elite local o tão almejado progresso começava a ser alcançado com o rural deixado para trás e com a tentativa de apagamento da memória real da origem popular da cidade.

Entretanto, a cidade não deixaria por completo os seus laços com a grande feira, eles permaneceram e voltaram à cena urbana mesmo após a medida higienizadora. Outras mudanças nas vias onde aconteciam à feira foram desenvolvidas para tentar afastar por completo as suas marcas, estas seguindo a mesma lógica de modernização da urbe.

1.1.3 É preciso modernizar

Com a retirada da feira livre do centro da cidade os governos municipais buscaram realizar, em várias gestões que se seguiram após 1977, alterações nas vias onde ela acontecia, dentre elas a Avenida Senhor do Passos e o seu entorno. Todas as modificações buscavam desvincular a relação existente entre esses espaços e a feira livre, símbolo de atraso. Para tanto, diversas obras foram realizadas, com o intuito de proporcionar um aspecto, considerado pelos dirigentes, mais moderno e civilizado a esses espaços. Sendo assim, em 1982 houve colocação de pavimentação asfáltica, e a retirada dos postes de fiação da energia elétrica que se encontravam na parte central da Avenida Senhor dos Passos. As figuras 2 e 3 apresentam essa mudança na avenida. Mesmo em ângulos diferentes é possível perceber as modificações na paisagem.

A Figura 2, mostra uma via em mão dupla, com postes de iluminação pública ao centro e estacionamento de veículos permitido tanto nas laterais quanto no meio. Na Figura 3 (página 40) a avenida Senhor dos Passos tem uma nova imagem, com novo asfaltamento, sinalização vertical, sem a presença dos postes de iluminação no centro que foram substituído por divisores de concreto e com estacionamento direcionado para as laterais da via.

Figura 2- Avenida Senhor dos Passos em 1960/1970



Fonte: Blog por Simas. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2015/08/avenida-senhor-dos-passos-em-tres.html>. Acessado em 02 agosto 2022.

Figura 3- Avenida Senhor dos Passos em 1984



Fonte: Blog por Simas. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2009/05/feira-ontem-em-maio.html>. Acessado em 02 agosto 2022.

A partir de meados de 1988 o prefeito José Falcão da Silva fez a encomenda do “Projeto Centro” que propunha um redesenho urbanístico na área central para adequar a cidade

as imposições do momento histórico vivido em Feira de Santana no qual a Princesa, aos poucos, se despia das vestes simples e singelas do seu passado agropastoril e sutilmente retirava seus adereços da cultura sertaneja, era a expressão da materialização da vida, anseios, desejos e da cultura urbana (OLIVEIRA, 2013, p. 69).

Para isso, o projeto propunha intervenções urbanísticas importantes como alargamento de ruas, reestruturação de calçadas, arborização, colocação de bancos pré-moldados, pavimentação asfáltica, entre outras. Era um projeto que se mostrava grandioso na perspectiva do redesenho urbano da cidade de Feira de Santana, se aproximando de uma imagem considerada moderna muito semelhante ao “Projeto Novo Centro” com suas obras iniciadas em 2020⁶, que também possui um discurso vinculado a instalação de características consideradas modernas na área central da cidade.

Dentre os objetivos do “Projeto Centro” estava o ordenamento de pequenos estabelecimentos comerciais como bancas de revista e trailers. Nessa perspectiva, dois símbolos da cultura e da dinâmica local, o abrigo Predileto localizado na Praça da Bandeira (Figura 4)⁷ foi reformado, o abrigo Santana foi demolido e em seu lugar foi colocado um espelho d’água (Figura 5). Ao redor desses abrigos aconteciam não somente a feira livre, mas o embarque e

⁶ O Projeto Novo Centro será analisado com mais detalhes no segundo capítulo.

⁷ Ver mapa 2

desembarque de passageiros que vinham de cidades vizinhas para comprar mercadorias e o encontro das pessoas que socializavam de diversas formas.

Pautadas no ideário modernizador essas obras pretendiam não só modernizar, mas embelezar a cidade. Para isso, “suplanta-se uma construção que representa um ‘velho’ para a construção de um espaço novo, moderno” (MASCARENHAS, 2008, p. 28 e 29). A retirada de elementos que representavam marcos importantes da cultura local como os abrigos (Figura 4) não só deixavam um vazio no espaço (Figura 5) onde existiam, mas representavam a concepção que valorizava a substituição, do que é considerado antigo e inadequado, pelo novo.

A retirada do abrigo Santana, símbolo da cultura sertaneja, que representava não só um hábito cultural da população local em frequentá-lo, mas estava fortemente associado à realização da feira livre, pois era no seu entorno que se localizava uma das concentrações mais importantes, como mostra a figura 4, significou o apagamento simbólico de elementos que estavam vinculados a ela, em busca de apagar da imagem da cidade qualquer aparência relacionada ao atraso simbolizado pela feira livre.

Figura 4- Feira livre na Praça João Pedreira, em torno do Abrigo Santana.



Fonte: (Memorial da Feira s/d e autor)

No local do abrigo foi construído um espelho d'água (Figura 5). Considerado um signo moderno, era inspirado por elementos que constituíam a paisagem urbana da capital do país, Brasília, signo maior da modernidade brasileira à época. Para Duarte (2012) a capital federal foi um

ícone de um ideal de planejamento urbano implantado no Brasil, com caráter único no mundo, e pela diversidade populacional que conheceu desde seu início. Brasília neste sentido, e infelizmente, é o exemplo entre o ideal do planejamento concebido

nos escritórios e que não levou em consideração a realidade territorial e socioeconômica do país (DUARTE, 2012, p. 55).

Do mesmo modo como aconteceu na capital federal às modificações urbanas realizadas pelo governo municipal não levaram em consideração a realidade da cidade de Feira de Santana. Para além do afastamento do centro da cidade de elementos simbólicos da cultura local, as modificações no espaço urbano significavam também a impossibilidade do trabalho para muitas pessoas que tinham como fonte de renda a venda dos produtos na feira livre e que não conseguiram ser inseridas na nova dinâmica do centro de abastecimento.

O espelho d'água (Figura 5) representava uma modificação completa no espaço, proporcionando uma sensação de vazio em relação ao equipamento anterior, o abrigo, e uma dinâmica diferente da movimentação da feira. Os carros circulando na via complementam a sensação de um espaço fluído, os semáforos, também considerados um signo de modernidade, organizavam a circulação dos veículos e possibilitavam a passagem das pessoas que circulavam por este espaço.

Com isso, a paisagem local ganha um novo significado, apagando os símbolos que estavam associados à presença da feira e colocando em seu lugar outros. O local se tornou ponto de passagem, tornando a paisagem “adequada” para um ambiente urbano supostamente moderno e organizado.

Figura 5- Espelho d'água no local onde antes se encontrava o Abrigo Santana



Fonte: (OLIVEIRA, 2013)

Entretanto, a criação do espelho d'água foi sendo utilizado de maneira inesperada como afirma Oliveira (2013).

Muitos mendigos e meninos de rua faziam dele sua piscina ou o usava como banheiro, e isso estava totalmente fora do propósito para o qual fora criado. Aquelas cenas, certamente, incomodavam a visibilidade almejada para a paisagem urbana. O Poder Público, por sua vez, decidiu esvaziá-lo enquanto não se obtinha uma alternativa. A solução encontrada pelos técnicos da Prefeitura Municipal foi a criação de um jardim local e, em 1999, o então prefeito, Claiton Mascarenhas, inaugurou o espaço dando evidência para a obra de Juracy Dórea, arquiteto e artista plástico feirense (OLIVEIRA, 2013, p. 74).

A obra “Caminhos de Feira de Santana” criada pelo artista feirense Juracy Dórea, é uma réplica ampliada de uma escultura do Projeto Terra em contato com o povo, desenvolvida pelo mesmo artista na década de 1980. Ela dá uma ideia de movimento e dos diversos caminhos que se cruzam na cidade (Figura 6).

Figura 6- Praça da Bandeira com a presença da obra "Caminhos de Feira de Santana"



Fonte: (Magalhães J. , 2015)

Destarte, essas modificações no local de maior movimentação da feira livre compreendem uma lógica de ressignificação dos espaços com substituição de equipamentos supostamente antigos, ultrapassados, por outros, alterando seus desenhos para se alinharem ao ideal de modernidade.

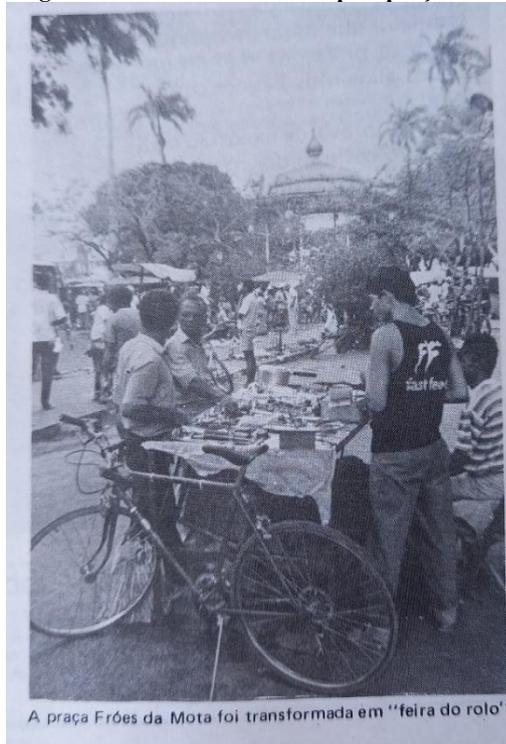
1.1.4 O comércio de rua e o redesenho das rotas urbanas

Ao final da década de 1970, após a retirada dos feirantes das ruas do centro da cidade e sua realocação para o Centro de Abastecimento, grupos de vendedores ambulantes ocuparam

as imediações onde ocorria a antiga feira livre. Isso se deve a dois fatores: antigos vendedores que atuavam na feira livre comercializando diversos produtos voltaram a comercializar com barracas ou lonas no chão, motivados pela não adaptação ao Centro de Abastecimento ou por que as vagas oferecidas no novo espaço eram menores do que o número de vendedores que trabalhavam na feira, que chegou a ter 5.500 feirantes⁸. Nestes espaços se instalaram também novos vendedores, denominados de camelôs, que não estando inseridos no mercado de trabalho formal encontravam na informalidade o meio de sustento.

Um desses lugares passou a ser denominado de “Feira do Rolo”, devido ao tipo de comercialização realizada, pois negociavam produtos usados considerados como “ferro-velho”, estes variavam desde aparelhos eletrônicos até partes de bicicletas. A Feira do Rolo se localizava entre a Praça da Bandeira e a rua Sales Barbosa, ao lado do Mercado de Arte⁹, locais onde a feira livre acontecia. No ano de 1990 esta feira foi deslocada pela prefeitura municipal em uma tentativa de ordenamento dos camelôs no centro da cidade. Os vendedores da "feira do rolo" se instalaram num canteiro da praça Fróes da Mota (Figura 7), enquanto os demais camelôs - vendedores de confecções, calçados, relógios e bijuterias permaneceram na rua Sales Barbosa.

Figura 7- A “feira do rolo” ocupa a praça Fróes da Mota



Fonte: Jornal Folha do Norte¹⁰

⁸ Correio da Bahia, janeiro de 2004.

⁹ Ver mapa 2.

¹⁰ Jornal Folha do Norte, 27 de junho de 1992, pág.3, n° 4.375.

A figura 7 apresenta a denominada “feira do rolo” ocupando umas das principais praças do centro da cidade, a praça Fróes da Mota. Considerada por muitos como inadequada e com realizações de trocas comerciais ilegais, esta feira sempre foi tida como um incômodo que precisava ser afastado, sendo relegado a invisibilidade e alvo de constantes reclamações por parte dos jornais locais.

Os comerciantes proprietários das lojas, por sua vez, começaram a questionar a permanência dos camelôs e ambulantes nos espaços das principais ruas comerciais da cidade, alegando estarem sendo prejudicados com o que consideravam “concorrência desleal” devido ao baixo preço dos produtos vendidos. Questionavam, também, o não pagamento de impostos pelos camelôs, a dificuldade da circulação dos consumidores pelas vias e de visualização das fachadas das lojas devido ao número de barracas instaladas. São argumentos que se atualizaram e justificam a implementação do Projeto “Novo Centro” em 2022.

O início dos anos 90 foi marcado pela consolidação dos camelôs na Sales Barbosa. O cenário de desemprego estrutural atinge o Brasil, reflexo da alta inflação, fraco crescimento econômico, dificuldades na distribuição de renda e alta dívida externa do país. Feira de Santana inserida neste contexto nacional tem um grande número de desempregados e registra um aumento do trabalho informal. A busca por sobrevivência impulsiona uma grande quantidade de trabalhadores a realizarem o trabalho na rua, estes se concentram na região do centro da cidade, pois era uma das áreas de grande fluxo de pessoas, o que tornava mais fácil a comercialização das mercadorias.

Neste período são realizadas pela câmara municipal diversas discussões entre os camelôs, os lojistas e a prefeitura municipal, estas buscavam ouvir as reivindicações desses dois seguimentos e criar uma alternativa de organização que contemplasse ambas as partes. Entre retiradas forçadas e tentativas de organização por parte do governo local os trabalhadores foram sendo divididos por ramos de atividade e pelo tipo de produto comercializado. Os próprios camelôs ansiavam uma organização que não prejudicasse o tipo de atividade comercial desenvolvida. Não desejavam sair da Sales Barbosa, mas permanecer de forma organizada. No final do ano de 1991, eles foram organizados através de demarcação de espaços e padronização de barracas na rua Sales Barbosa. Os vendedores de relógios e bijuterias foram organizados na rua Benjamim Constant, atrás do Mercado de Arte Popular. A organização foi feita com o apoio dos camelôs e da própria associação da categoria (JORNAL FEIRA HOJE, 1991).

Neste mesmo período a produção em larga escala da China chega ao Brasil com acesso facilitado pelo Paraguai, fazendo a rota China-Paraguai. O perfil das mercadorias

comercializadas foi ampliado e um grupo de camelôs que vendiam produtos eletrônicos vindos do Paraguai passou a ser chamado pelos próprios consumidores de Feiraguai, a conhecida feira de produtos eletrônicos, “mostrando que a rota brasileira de sacoleiros vem influenciar o nome das antigas feiras nordestinas. Desse modo, o Feiraguai de Feira de Santana pode ser visto como uma abordagem sobre a reinvenção da cultura da feira livre nordestina” (QUEIROZ, 2014, p.53).

Essa “Nova Feira Livre” da cidade, com novas mercadorias comercializadas continuou a causar incômodo aos comerciantes do centro, pois além da concorrência relacionada aos preços dos produtos, esse grupo ganhou força comercial atraindo muitos consumidores e se destacando pela sua característica popular muito semelhante a uma feira livre, o que não condizia com o ideal de modernidade buscado pela elite local. Além disso existiam conflitos entre os próprios grupos de camelôs que vendiam mercadorias diferentes, mas ocupavam o mesmo espaço.

A solução foi, então, proposta pela prefeitura municipal em 1994, na gestão do então prefeito José Raimundo Pereira de Azevedo, transferir o grupo denominado de “Feiraguai” para outro local do centro da cidade, porém mais afastado.

A partir de negociações com o grupo de vendedores ambulantes, representados por seis comerciantes, o Poder Municipal desloca-os, de forma pacífica, para a Praça Presidente Médici, próxima à Igreja Matriz, garantindo aos comerciantes condições dignas de trabalho, como infraestrutura: água, energia e limpeza. Como o local não fazia parte da área central do comércio, tornava-se ideal para suprir às reivindicações dos comerciantes do setor formal e da própria Prefeitura, já que estes vendedores ambulantes estariam isolados (QUEIROZ, 2014, p.14-15).

A Praça Presidente Médici era considerada área marginalizada, pois concentrava oficinas de borracharia, pontos de drogas, entre outras atividades consideradas inadequadas. A imagem do local era desvalorizada pela população, sendo, portanto, aos olhos do governo local e da elite econômica, adequada para abrigar os camelôs.

Em 1996, confiando nas promessas do governo municipal, é efetivada a transferência dos camelôs para o novo endereço que passou a ser conhecido com Feiraguay¹¹. O deslocamento para uma área mais afastada do centro da cidade, como está representada no mapa 4 (página 48), demonstra que foi utilizada a mesma lógica de apagamento dos elementos culturais e simbólicos representados pela grande feira livre que também foi transferida para local mais distante da zona central.

¹¹ Ver mapa 3.

Mapa 4- Rota de Migração dos Vendedores Ambulantes de Feira de Santana



Fonte: Queiroz (2014)

A rota de deslocamento realizada pelos camelôs apresentada no mapa 3 evidencia a distância considerável entre os pontos 2 (Rua Sales Barbosa) e 3 (Praça Presidente Médici). Ofertado pelo governo como ponto para a realocação desse grupo o ponto 3 está mais distante do ponto 1 (Avenida Senhor dos Passos) e 2 onde aconteciam a grande feira livre, conseqüentemente, distante da zona de intensa movimentação de pessoas, que garantia aos vendedores maiores possibilidades de comercializar as mercadorias. Essa transferência isolou-os por um período da principal zona comercial da cidade, conseqüentemente, tornando-os invisíveis aos olhos de quem queria transformar a cidade em espaço urbano modernizado.

Entretanto esse isolamento foi perdendo força, à medida que o Feiraguay acaba despontando como um grande centro de varejo, de produtos que vão desde roupas e calçados até eletrônicos. Fato influenciado pela proximidade com importantes ruas comerciais como a Marechal Deodoro e Conselheiro Franco e principalmente por estar localizado entre duas importantes rodovias do estado a BR 324 e BR 116 Sul¹², facilitando, portanto a circulação das pessoas de diversas regiões e mercadorias por essas vias. Este fato acaba por incentivar a circulação de consumidores nas ruas próximas, redesenhando toda a região

Para Alfaya (2018) o Feiraguay tem um significado e uma existência que ultrapassam o âmbito comercial, está relacionada à representação do que é a própria cidade, é efetivamente

¹² Ver mapa 2.

simbólico, modifica e é modificado pela dinâmica cidadina, pois é a própria representação do que é a cidade. Para o autor

existe como um microcosmo de reprodução dos traços sociais, culturais e econômicos da cidade de Feira de Santana. É uma síntese do que é comércio e de como é a cidade. O Feiraguay, portanto, pode ser compreendido como uma pequena Feira de Santana dentro da própria Feira de Santana (ALAFAYA, 2018, p. 118).

O Feiraguay tem uma importância grande no sentido de representar a capacidade de resiliência da cidade. É um contexto social que abrange características comerciais iniciadas com a feira do gado e a feira livre. Demonstrado pelo convite frequente dos comerciantes para que os consumidores olhem seus produtos, pela negociação do preço das mercadorias, a popularidade dos frequentadores, a presença de pessoas de outras cidades e estados, as cores e sons variados que se apresentam em pequenos corredores cheios de consumidores que mesmo com pouco espaço para circularem preferem comprar seus produtos neste local que se assemelha ao comércio de rua.

O comércio de rua em Feira de Santana realizado por vendedores ambulantes e camelôs tem redesenhado rotas urbanas a partir de processos de exclusão e marginalização que ganham maior visibilidade em 1977 com a retirada da feira livre. Ações que tem como foco o afastamento dos trabalhadores das ruas tem sido aplicadas todas as vezes que o retorno dos ambulantes à área central se torna um incômodo para a imagem da cidade. Esse processo passa a ser cíclico verificado de tempos em tempos na cidade, como, por exemplo, a retirada da feira livre da área central da cidade e as tentativas constantes do governo municipal em restringir os espaços onde esses trabalhadores podem atuar.

Entretanto, o Feiraguay reinventou a praça Presidente Médici, redesenhou através do seu público consumidor, o fluxo de pessoas do centro principal para as imediações da praça, o que atraiu lojas que se instalaram nas proximidades da praça aproveitando a intensa circulação de pessoas. A região do Feiraguay se tornou um importante ponto comercial da cidade com características semelhantes a de um shopping popular, como serviços de segurança e limpeza privados, organização das lojas e pagamentos de taxas para manutenção do espaço pelos comerciantes.

Após um incêndio que destruiu 26 barracas do Feiraguay e da falta de atuação do governo municipal para melhorar as condições de trabalho os comerciantes se organizaram e em 1996 criaram a Associação dos Vendedores Ambulantes de Feira de Santana (AVAMFS). Esse processo resultou em uma reorganização do espaço urbano “sob a lógica de um cotidiano de feira livre com nova roupagem de shopping popular” (QUEIROZ, 2014, p. 78). O Feiraguay

se torna, um empreendimento com força comercial para atrair consumidores de várias partes do Brasil, ganhando fama nacional.

Interessante perceber que, mais uma vez, na história da cidade os interesses da elite política e econômica se sobrepõem aos interesses populares. A cidade que nasceu de uma feira, que tem seu nome derivado dela e que se tornou nacionalmente conhecida devido a sua importância econômica e geográfica, nega novamente a sua possibilidade de permanência no espaço onde se desenvolveu. Ao mesmo tempo, ela insiste e se reconstrói, com outros personagens, novas mercadorias, consumidores e em outros espaços.

Nas primeiras décadas do século XXI a presença de comerciantes de outras nacionalidades, como coreanos e chineses, trazem novas identidades a esse espaço (re)configurando-o. O Feiraguay começa a ganhar novas roupagens, com trabalhadores de nacionalidades diferentes, contando com uma variedade cada vez maior de produtos inclusive eletrônicos recém lançados no mercado, tornando-se referência comercial para as cidades da região. O anúncio da construção de um shopping nas proximidades demonstra que o seu raio de influência se amplia e se solidifica, adequando aos símbolos de consumo e modernidade.

O Feiraguay, se assemelha a dinâmica do comércio popular das ruas Marechal Deodoro e Sales Barbosa (com exposição de mercadoria em box ou barracas, o chamamento dos clientes e a negociação no preço do produto) e fortalece esses dois espaços, possibilitando um novo desenho com o aumento das atividades comerciais e de circulação de pessoas na região.

1.2 A Rua do Meio

A Rua Sales Barbosa junto com a Rua Marechal Deodoro até 1895 era uma única rua chamada de Rua do Meio, porque ficava entre outras duas ruas principais, a Rua Direita, atual Conselheiro Franco, e a Rua Barão do Cotegipe, atual Avenida Senhor dos Passos. Importante via de circulação, dividida em duas as ruas se estabeleceram como pontos de referência da cidade. A figura 8 apresenta a imagem das duas ruas hoje divididas por nomes diferentes, mas que visualmente se apresentam como uma linha reta.

Figura 8- Sales Barbosa e Marechal Deodoro: se apresentam no espaço como continuação uma da outra.



Fonte: Intervenção da autora sobre Foto *Google Earth* (2022)

Lima (2014) em sua pesquisa denomina essas duas ruas como sendo o “Complexo da Rua do Meio”. Segundo ele,

A Rua do Meio propriamente dita era formada por duas partes, a rua de cima e a de baixo, respectivamente, na atualidade Rua Marechal Deodoro da Fonseca e a Rua Sales Barbosa. Conformada por residências e lojas comerciais, pela organização espacial feirense, a parte de cima era onde ficariam alocadas as residências, principalmente daquelas famílias mais abastadas (LIMA, 2014, p. 55).

Ao percorrer da via até meados nos anos de 1950 encontravam-se estabelecimentos comerciais, cartórios, escolas profissionalizantes e o Banco da Bahia. Ao fim da Rua do Meio situava-se a região mais temida e com fama duvidosa da cidade.

Estava ali armado o “antro da perdição”, comungando o seu cotidiano. Não eram apenas os prostíbulos que incomodavam, mas também uma gama de práticas que girava em torno do território como um todo. Assim, prostituição, jogatina, bebedeira e vadiagem eram pedras comportamentais que atrapalhavam a sedimentação do discurso de modernização (LIMA, 2014, p.72).

O discurso moderno propagado nas cidades brasileiras após a república, valorizava o ambiente urbano, como espaço limpo, ordeiro, no qual a população deveria manter hábitos de civilidade. Para isso, era necessário se afastar de características que estivessem vinculadas a ruralidade (considerada antiquada), ou a hábitos condenáveis distantes do aceitável como prostituição, jogatina e a vadiagem.

A Rua do Meio, entretanto concentrava parte dessas características, o que provocava um discurso por parte da mídia e da elite local, que instituiu a via como espaço inapropriado, principalmente em períodos noturnos. Criando um imaginário urbano que desprivilegiava e depreciava a rua, que associada às práticas sociais inadequadas, relegando-a a marginalidade e como consequência a falta de investimento público nessa região, tornando-a cada vez mais precária e deteriorada. Os indivíduos que a frequentavam eram considerados “desclassificados”, se afastando do modelo social de trabalhadores organizados e de família, adequados a uma urbi que pretendia ser civilizada e moderna. O espaço se tornava, portanto, estigmatizado. Para Pesavento (2001)

A linguagem da estigmatização configura uma condição atribuída, que expressa uma alteridade condenada. As correspondências se estabelecem nos registros de língua constituindo os lugares malditos que têm como contraponto e referência uma identidade desejada, composta pelo discurso erudito e/ou técnico (PESAVENTO, 2001, s/p).

Muito distante da identidade desejada para uma cidade urbanizada a Rua do Meio era considerada o “antro de perdição”, espaço sem valoração social, onde imperava a satisfação dos prazeres. Como destoava da imagem almejada para a urbe deveria se adequar à nova realidade imposta para o novo perfil da cidade almejada pela elite local. Para isso, era necessário retirar esses sujeitos que realizavam práticas inadequadas, e transformar a paisagem da rua. Essa retirada “corroborava, portanto, para o fortalecimento da identidade de Feira de Santana como uma urbe de feição moderna e, ao mesmo tempo, contribuía para a consolidação da imagem de cidade comercial” (SANTOS, 2020, p. 234).

Para a elite dirigente como não havia possibilidade de acabar permanentemente com essas presenças era preciso controlar os comportamentos e criar estratégias que a médio e longo prazo fossem afastando esse perfil de frequentadores e comerciantes. Para tanto, a imprensa e o poder judiciário foram essenciais.

Frequentemente, reportagens eram divulgadas informando aos cidadãos feirenses os graves acontecimentos vinculados à desordem e violência que aconteciam na rua e a sua inadequação ao ideal de cidade. Em notícia de jornal divulgada em 1957 as práticas condenáveis são evidenciadas.

Já ultrapassaram os limites da mais elástica tolerância os abusos praticados pelos taverneiros responsáveis pelo funcionamento da tasca denominada “Café Oriente”, na

famigerada “Rua do Meio”. Há anos que a baiúca “Oriente”, ponto de reunião dos mais sórdidos elementos da sociedade, vem pondo em polvorosa, pelas correrias, tiroteios, espancamentos, bebedeiras e toda sorte excessos dos seus frequentadores – prostitutas da pior espécie, malandros, desordeiros contumazes e ébrios habituais [...] (FOLHA DO NORTE, 1957, p.4 apud SANTOS, 2020, p. 243).

Ao colocar em evidência e reafirmar a inadequação destes hábitos em um ambiente que se pretende moderno, portanto civilizado, a mídia local reitera a necessidade de retirada desses “elementos da sociedade” e das suas práticas. O poder judiciário, por sua vez, utilizava dos instrumentos legais, para forçar a saída principalmente das prostitutas, justificando a contenda da realização desta atividade na rua. Como também, prevendo que a sua saída abriria espaço para instalação de casas comerciais mais adequadas ao centro da cidade.

A consequência dessas ações simultâneas que ocorreram entre os anos de 1940 e 1960 foi o afastamento desse tipo de comércio e a substituição por casas comerciais tidas como mais “adequadas” para o espaço. O que deu novo significado a paisagem através da proibição de comportamentos, do silenciamento e o afastamento dos sujeitos.

1.2.1 Caminhos e descaminhos da Rua Sales Barbosa: As transformações da paisagem na rua do poeta

Localizada no centro da cidade¹³, a via leva o nome do feirense Francisco de Sales Barbosa. Nascido em 29 de janeiro de 1862 e falecido em 7 de março de 1885 o poeta e escritor feirense fundou o jornal Echo Feirense aos 17 anos de idade. Conhecida no século XIX como a rua do Meio, a atual rua Sales Barbosa era continuação da rua Marechal Deodoro (Como mencionado no item anterior). Essas duas ruas que formavam uma só eram vistas como um local “‘maldito, perigoso e proibido’ pelo discurso modernizante que circulava na urbe” (LIMA, 2014, p. 16). A rua Sales Barbosa nos fins do século XIX parecia de acordo com Vasconcelos (2013), ser um ambiente sujo, fétido, pois ali se jogavam os lixos e os dejetos das casas. Era onde circulavam provavelmente escravos boêmios, tinha presença de bares e cabarés.

Situada entre a Rua Monsenhor Tertuliano Carneiro e a Avenida Senhor dos Passos, fazendo a ligação entre a Praça da Bandeira e a Praça dos Remédios, a Rua Sales

¹³ Ver mapa 3.

Barbosa constituía-se nas primeiras décadas do século XX como territórios de prostitutas, vendedores ambulantes, cambistas do bicho e outros “homens comuns”, “ordinários” (OLIVEIRA, 2008, p. 163 e 164).

Os frequentadores da rua, esses “homens comuns”, lhe proporcionavam uma feição “tipicamente popular”. Seu cotidiano com presença de animais, casas residenciais e o grande Mercado Municipal, também chamado de Mercado da Carne ou do Fato, que atraía um público grande para realizar as compras, demonstra que mais do que residencial esta via não despontou somente pela passagem das boiadas, que aconteciam desde o início da constituição da cidade, mas também pelo comércio da carne e de outros tipos de mercadorias, fortalecendo seu perfil ligado a ruralidade, como também ligada ao comércio.

Figura 9- Sales Barbosa, tendo ao lado direito o Mercado Municipal.



Fonte: (Silva, s/d)

A figura 9 evidencia a simplicidade das moradias, dos frequentadores, a presença de animais e a tranquilidade da rua. Apesar da movimentação devido ao Mercado de Carne a direita da imagem, que se sobressai diante da sua imponência, a tranquilidade não é “quebrada”. O ambiente urbano convivendo com elementos do ambiente rural demonstra que apesar do crescimento urbano os elementos rurais ainda eram constituintes da paisagem.

Entre as décadas de 1950 a 1980 do século XX, ocorreram intensas mudanças na rua. Por imposição das autoridades locais as boiadas deixaram de passar pela Rua Sales Barbosa. Havia um entendimento por parte dos dirigentes que essa prática seria um atraso, um retrocesso a uma cidade que se percebia cada vez mais urbana e pretendia se desvincular dos hábitos rurais, era considerado também perigoso, porque volta e meia um boi fugia e corria em direção as pessoas. Neste intervalo de tempo a grande feira livre teve um aumento considerável de

vendedores e consumidores ampliando a sua área de ocorrência pelas ruas vizinhas do local original onde ocorria (Figura 10).

Um dos pontos de ramificação da grande feira livre, a rua Sales Barbosa se tornou um espaço de consolidação e ampliação do comércio, a movimentação era intensa, a presença do Mercado Municipal na via aumentava ainda mais a circulação de pessoas e mercadorias. Embora não mais servisse como rota de passagem das boiadas, ainda se registravam a presença de alguns animais de carga que serviam para auxiliar seus donos no transporte das mercadorias compradas. A ruralidade e o perfil popular eram elementos marcantes na paisagem da rua.

Figura 10- Feira livre na Rua Sales Barbosa, ao lado do Mercado Municipal, atual Mercado de Arte.



Fonte: Memorial da feira (s/d nem autor)

Comparada à figura 9, a figura 10 apresenta uma movimentação mais intensa. Homens, mulheres e crianças circulam na rua em uma dinâmica de feira livre. Observa-se a presença marcante de populares, que compõem a massa trabalhadora da cidade. Com mercadorias carregadas nas costas, ou em animais de cargas a intensidade dessa circulação se destaca. As residências ainda persistem em sua simplicidade diferenciando-se apenas o Mercado Municipal que apresenta estrutura mais imponente.

Com a retirada da feira livre do centro da cidade em 1977, modificando completamente a dinâmica dos locais onde ela ocorria, a via ficou livre para a circulação de veículos. O então Mercado Municipal foi reformado e transformado em Mercado de Arte Popular, onde produtos regionais, livros, confecções e alimentos passaram a ser comercializados.

Com a ausência da feira e a possibilidade de circulação mais fluida de pessoas e automóveis, em 1981 a pedido da Câmara de Dirigentes Logistas (CDL), no governo do então prefeito Cobert Martins da Silva, foi construído o calçadão, objetivando melhorar o trânsito de pedestres que realizavam suas compras nas diversas lojas que já estavam instaladas (TELES, 2017). Era a inauguração de uma nova fase, consolidando o perfil comercial com a dinâmica estabelecida pelo calçadão, elemento presente em grandes centros urbanos, e que demonstrava a grande importância comercial da região. Destacando o novo desenho urbano que possibilita novas rotas de circulação e sociabilidades.

De acordo com Lima (2005) o projeto do “calçadão” realizado em 1972 na cidade de Curitiba foi o pioneiro no Brasil e tinha como base a humanização do centro da cidade dando prioridade ao pedestre que passou a se sentir parte integrante do cenário urbano. Essa proposta, rua para pedestres, foi aplicada em outras cidades brasileiras, que buscavam seguir o padrão de beleza e modernidade inspirado pela capital paranaense, embora alguns elementos aplicados na proposta inicial não tenham sido seguidos por todas as cidades como mobiliário urbano em acrílico e mesinhas espalhadas sobre a calçada.

A figura 11, retirada de uma reportagem do jornal Tribuna da Bahia¹⁴ do ano de 1981 evidencia o novo perfil proposto para a via. Uma nova face, um novo desenho como evidencia a chamada da reportagem. Com piso em pedra portuguesa e banco de cimento com jardim no centro, a via permitia a circulação de pessoas sem impedimentos de veículos, barracas ou carros de mão e a visualização das fachadas das lojas. Nenhum elemento nesta imagem traz referência a aspectos rurais, que aparentemente foram deixados no passado. É a nova imagem que se pretendia produzir, um local limpo, amplo e agradável para a realização das compras.

¹⁴ Importante jornal da Bahia, fundado em 1969, se destacando pela resistência no período militar.

Figura 11- Calçadão da Sales Barbosa 1981



Fonte: TRIBUNA DA BAHIA (1981)

Este calçadão além de possibilitar a circulação de pessoas, modificou a paisagem. A imagem apresenta a circulação das pessoas sem impedimentos na via, possibilitada pela ausência de elementos que atrapalhassem de algum modo a passagem das pessoas, como as barracas ou os carros de mão. A rua, portanto, deixou de ter na sua dinâmica elementos vinculados a ruralidade, os vaqueiros e suas rezes, e a feira livre, passando a ser conhecida como ponto forte e puramente comercial (formal), com uma grande variedade de lojas que comercializavam artigos de vestuário, calçadista e de armarinho. O canteiro central que servia como bancos, proporcionava não só um aspecto de maior tranquilidade para fazer compras, mas também uma opção de descanso e de socialização.

Entretanto, a figura 12 datada do ano de 1984, demonstra um início de mudança na paisagem da rua. A rua começa a apresentar a presença de vendedores ambulantes com suas barracas, aproveitando o movimento intenso de clientes. Neste momento, elas se concentram a direita da imagem, já bem próximo às lojas se estendendo para o meio como é evidenciado na parte inferior da imagem. O espaço central ainda permanece com os bancos de cimento. Em sua maioria as barracas não tem estrutura fixa, feitas de maneira improvisada. Os carros de mão estão presentes cobertos por guarda-sol. A apropriação deste espaço pelos ambulantes retoma um processo já visto durante a realização da feira livre, o de apropriação do espaço pelo comércio informal.

Figura 12- Calçadão da Sales Barbosa 1984



Fonte: Blog Por Simas. Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com/2020/01/rua-sales-barbosa-feira-de-santana.html>. Acessado em: 2 agosto 2022.

Entre as décadas de 1980 e 1990 ocorre um aumento significativo de vendedores ambulantes na cidade, estes se direcionavam para esta atividade como consequência da falta de oportunidade de trabalho formal, que era uma realidade não só na cidade, mas em todo o país. O aumento de barracas no centro da cidade provocou uma mudança de postura do governo municipal na gestão do prefeito Cobert Martins da Silva, que após muitos embates elaborou um novo projeto para a Rua Sales Barbosa, no qual ocorreria a instalação efetiva dos vendedores ambulantes. O jornal Folha do Norte¹⁵ em 1991, escreve que:

Com a remoção do canteiro central do calçadão da Rua Sales Barbosa, a Secretária de Obras da Prefeitura, deu o primeiro passo para colocar em prática o projeto que vai permitir a fixação em definitivo dos ambulantes no local, muito embora a idéia não agrade aos empresários lojistas estabelecidos na área. Agora será feita a concorrência pública para escolher a firma que construíra os bancos de alvenaria e plantará árvores no lugar do canteiro. Tão logo o trabalho seja concluído na Sales Barbosa os vendedores de relógios, equipamentos eletrônicos, voltarão ao calçadão, conforme decisão adotada pelo prefeito Colbert Martins, durante reunião realizada com representantes dos ambulantes (FOLHA DO NORTE, 1991, p. 15).

A reportagem levanta duas questões importantes. A primeira delas é que a decisão da fixação das barracas na rua estava consolidada pelo prefeito que havia entrado em acordo com

¹⁵ Primeiro jornal impresso da Bahia, fundado em Feira de Santana em 1909.

o representante dos ambulantes, e a segunda, os empresários lojistas não tinham ficado satisfeitos com a decisão anunciada pela prefeitura. O que evidencia um conflito de interesses entre esses dois seguimentos, que vai perdurar por muitos anos. Fato que a proposta da prefeitura garantia a construção de bancos e plantação de árvores, o que não ocorreu. Ao contrário o banco de cimento que havia no canteiro central foi retirado para que as barracas fossem fixadas no chão em toda a extensão da rua.

Entretanto, mesmo após a fixação das barracas, mais vendedores ambulantes foram se estabelecendo nas principais ruas da cidade. De acordo com Teles (2017), desde esse período, a presença de comerciantes informais nas principais vias do centro da cidade é contínua, sempre retirada pela prefeitura. Os embates entre o poder público municipal e esse segmento nunca deixaram de ocorrer. Para a supracitada autora a concentração de ambulantes e camelôs nas principais ruas da cidade como a Marechal Deodoro e a Sales Barbosa segue uma lógica comercial, pois são pontos de maior circulação de pessoas, conseqüentemente maior número de consumidores/clientes.

Cobertas em grande parte por materiais de lonas para proteger não só os trabalhadores do sol e da chuva, mas as mercadorias, as barracas se estendiam por toda a extensão da via. Além delas outros vendedores ambulantes se abrigavam em frente das lojas com seus carrinhos de mão, mesas, ou apenas com barracas improvisadas.

As lojas vendiam alguns produtos do mesmo seguimento dos comercializados pelos camelôs, como roupas e calçados, porém a grande circulação de consumidores garantia a venda das mercadorias para os diversos públicos que se misturavam, na movimentação como apresenta a Figura 13.

Figura 13- Rua Sales Barbosa vista a partir da Praça da Bandeira, ano 1995.



Fonte: Jornal Folha do Norte (8 de abril de 1995)¹⁶

¹⁶ Jornal Folha do Norte, Feira de Santana-Ba, 8 de abril de 1995, nº 1.510.

A figura 13 apresenta uma paisagem da rua Sales Barbosa completamente marcada pelo comércio popular, que permanece, portanto, como característica marcante, isso se deve tanto pela aparência dos produtos vendidos quanto pelo público que a frequentava. As pessoas se apertavam no pequeno espaço entre as lojas, barracas, mesas e carros de mão. Restava da época em que a boemia era um elemento marcante na paisagem o Mercado Municipal, transformado em Mercado de Arte e que relembra o passado, quando acontecia a passagem das boiadas e a comercialização da carne. É o passado e o presente convivendo com suas diferenças, pois “a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (SANTOS, 2006, p. 67).

Com o decorrer do tempo as barracas dos camelôs ocuparam toda a extensão central da rua. O transitar de pessoas buscando mercadorias vendidas nas lojas e nas barracas era intenso. Trabalhadores ambulantes circulavam na via aproveitando o intenso movimento de consumidores. A popularidade dos frequentadores é característica importante. A Figura 14 apresenta a rua em momento de intenso movimento. Pessoas andando a pé ou em bicicletas circulavam no espaço que era marcado pela exposição das mercadorias, pelas trocas sejam elas comerciais ou culturais. Essa dinâmica consolidou a rua como parte importante do comércio informal da cidade.

Figura 14- Rua Sales Barbosa no ano de 2013.



Fonte: Blog da Feira¹⁷

¹⁷ Blog online, disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2013/12/24/centro-comercial-de-feira-de-santana/>. Acessado em 27 dez 2022.

Neste vai e vem de caminhos e descaminhos da rua Sales Barbosa as relações espaciais estabelecidas tiveram perspectivas diferentes ao longo do tempo. As diversas funções da via alteraram a paisagem demonstrando através de seus símbolos características sociais e econômicas de cada época. Esses múltiplos e simultâneos aspectos estabeleceram uma integração e fortaleceram uma característica que se vinculou a via, local de passagem e de comércio. Os tipos de comércios estabelecidos e seus frequentadores foram sendo alterados ao longo do tempo, agregando a este ambiente novos signos e símbolos.

1.2.2 Transformações e permanência na rua Marechal Deodoro

Presente desde o início do processo de constituição da cidade a rua Marechal Deodoro da Fonseca se consagrou como importante ponto comercial e como espaço de resistência. Como consequência, também, sofreu com o descaso por parte dos governantes e a marginalização como estigma social.

Até o início do século XX o local era ocupado principalmente por residências (Figura 15). A figura apresenta a rua no ano de 1919, com presença de poucas pessoas e de animais, a via se assemelha a uma área rural o que nesse e em outros períodos era muito comum nas ruas da cidade. Essa semelhança com o rural era alvo de muitas críticas de dirigentes e da elite local, o que ocasionou uma série de mudanças no decorrer da história.

Figura 15- Rua Marechal Deodoro 1919.



Fonte: Arquivo Antônio do Lajedinho (Memorial da Feira s/d).

Na imagem seguinte (Figura 16), embora sem data específica, é visível uma mudança significativa na paisagem. A rua apresentava uma parte central com presença de postes e árvores nas calçadas. O que evidencia que neste período a cidade já contava com iluminação elétrica, fato considerado pelos habitantes da urbe, de acordo com Lima (2014), como símbolo moderno e que só chegou à cidade de Feira de Santana no ano de 1935, na gestão do prefeito Elpídio Nova. Nesse registro fotográfico é possível que o fotógrafo tenha escolhido um horário de pouca movimentação de pessoas, pois a via se encontra vazia, o que para o leitor da imagem possibilita a interpretação de que a tranquilidade é um elemento marcante dessa rua.

Figura 16- Rua Marechal, sentido Praça da Bandeira.



Fonte: Helnando Simões (Memorial da Feira, s/d).

A figura 17 demonstra mais uma modificação na paisagem da rua. Se na imagem anterior a tranquilidade chama a atenção, nesta é possível observar a quantidade de carros que a ocupam, não se apresentando com a calma e tranquilidade de antes, mas movimentada pela presença dos veículos e pelas pessoas que a frequentam. Os elementos que podiam ser vinculados a características rurais, foram substituídos pelo carro, símbolo moderno e urbano, que começou a circular nas ruas da cidade por volta dos anos de 1950. Portanto, “a paisagem urbana sofria mudanças, era ajustada aos signos do progresso, dentre eles, o automóvel” (SANTOS, 2020, p. 163).

As árvores que nas imagens anteriores apareciam sem preocupação estética, nesta apresentam-se simétricas e lineares, demonstrando que há uma busca em apresentar uma imagem de organização, limpeza e modernidade. Apesar da ausência de data em algumas imagens é possível inferir pelos elementos presentes que entre os anos de 1919 a 1960 a paisagem deixa de contar com elementos ligados a ruralidade, como os animais presentes na via e passa a se afirmar com elementos urbanos, como os carros.

Figura 17- Rua Marechal Deodoro com frotas de marinetes e de automóveis.



Fonte: Helnando Simões (Memorial da Feira, s/d).

Com o passar dos anos às residências foram sendo substituídas por casas comerciais e a rua se tornou puramente comercial. Produtos de diversos seguimentos eram comercializados e o fluxo de pessoas e mercadorias se tornou intenso. Estes elementos se intensificaram com o crescimento da feira livre que tornou a rua um dos pontos de sua ramificação, mudando completamente a sua paisagem.

O comércio formal compartilhava o espaço com os feirantes e seus fregueses. As mercadorias vendidas eram diversas. O fluxo de pessoas, automóveis e mercadorias eram intensos. A organização da feira era realizada de acordo com a necessidade das pessoas que trabalhavam e frequentavam. Os produtos eram comercializados em barracas, carros de mão ou simplesmente em lonas no chão (Figura 18).

Figura 18- Rua Marechal Deodoro em dia de feira livre 1968.



Fonte: Magalhães (Memoria da Feira, s/d).

Na figura 18 a presença de um grande número de pessoas concentradas em um lado da rua é ponto de destaque. Barracas, carros e carros de mão, juntamente com comerciantes e vendedores ambulantes se dividiam no espaço em uma aparente organização, que estabelecia a

circulação de veículos à esquerda e a direita a circulação de pessoas. A tranquilidade de outrora foi substituída pela intensa movimentação, tornando essa a característica marcante da rua.

Após a retirada da grande feira livre das ruas centrais da cidade em 1977, a Rua Marechal Deodoro continuou com fluxo intenso de mercadorias e pessoas que a frequentavam não somente pelo comércio das lojas, mas também por que se estabeleceu ali uma reminiscência da antiga feira livre. Neste espaço os vendedores de frutas, legumes, hortaliças e tantas outras mercadorias que não se instalaram ou que foram, mas voltaram do Centro de Abastecimento, se fixaram, tornando este ponto como local de resistência da feira que não “morreu”, mas que continua “viva” e pulsante. Para Pacheco (2009)

Apesar dos prejuízos, as experiências sustentadas naquela feira livre, ao longo de sua existência, deixaram um legado que não se findou com a transferência espacial de suas atividades e nem com a atuação do poder público em seu funcionamento. Mesmo os laços com o campo, no comércio feirense de alimentos, seriam mantidos de outras formas, com novas roupagens (PACHECO, 2009, p.39).

Foi o que aconteceu na “Feira da Marechal”, que resistiu as investidas de retirada do governo municipal e passou a acontecer todos os dias da semana exceto aos domingos. O público consumidor aproveitava a ida ao centro da cidade para também comprar as mercadorias da feira. Em barracas, sentados nas calçadas ou em carros de mão os vendedores se estabeleceram nas laterais da rua. “Parte considerável da calçada serve de vitrine aos vendedores, feirantes e lojistas, havendo uma mistura de produtos na rua, formando um mercado a céu aberto, uma grande feira livre” (AZEVEDO, 2015, p. 131).

Efervescente mesmo diante da imposição moderna a “Feira da Marechal” como ficou conhecida se tornou símbolo de sobrevivência e resistência, como afirma Vasconcelos (2013), “Agora passante... um convite para sentir: quando estiver perto da Marechal feche os olhos, e sinta seu perfume! Elimine os odores! Guarde apenas os melhores aromas e a essência do povo” (VASCONCELOS, 2013, p. 73), assim como os perfumes, os odores fazem parte da paisagem e da identidade da rua.

Aromas diversos que iam sendo alterados ao longo da rua, sons das conversas, dos carros com alto falantes, das buzinas, cores das frutas, legumes, grãos e hortaliças comercializadas, tudo misturado ao suor do trabalho dos feirantes e dos clientes que se apertavam entre as barracas e os carros para vender e comprar os produtos. Essa era a paisagem que se apresentava a quem visitava a Marechal entre os dias de segunda a sábado, e que a tornou ponto simbólico da cultura da feira livre.

Entretanto, as tentativas de remoção dos feirantes deste espaço continuavam acontecendo. Em reportagem divulgada pelo jornal Folha do Norte de 1985, o governo municipal, na gestão do prefeito José Falcão da Silva, se esforçava novamente em retirar os feirantes da Rua Marechal Deodoro. Segundo o jornal,

Os vendedores de frutas e verdura, estabelecidos ao longo da rua Marechal Deodoro e algumas áreas próximas serão relocados amanhã para um novo galpão, específico, construído no Centro de Abastecimento de Feira, acabando de uma vez por todas com a reclamada “feira livre” existente no centro da cidade. A informação foi prestada pelo prefeito José Falcão da Silva, durante entrevista coletiva,... O deslocamento que visa “acabar com a concorrência desleal” que esses feirantes fazem àqueles estabelecidos no CAF e também disciplinar de maneira harmônica a venda de frutas e verduras, faz parte do plano do prefeito de “arrumar a cidade, pois esse é o nosso sonho” garante (FOLHA DO NORTE, 1985, s/p).

A reportagem deixa claro que o governo municipal tinha uma preocupação estética com a cidade, chegando a sugerir que a presença dos feirantes a tornava “bagunçada” e que com sua retirada seria possível “arrumar a cidade”. Portanto, para concretizar o projeto de cidade limpa, organizada e moderna era preciso retirar os feirantes que resistiam na Rua Marechal e imediações.

Apesar das intensas investidas do governo municipal a transferência dos ambulantes para o Centro de Abastecimento não foi concretizada. Como mostra a reportagem abaixo (Figura 19) que denuncia o descaso do poder público em não manter as mínimas condições de higiene da rua. A reportagem é clara em afirmar que, após muitas “lutas” os feirantes conseguiram permanecer no local onde realizavam suas atividades, entretanto, continuaram sem o apoio do governo local que relegou a rua ao esquecimento, a falta de investimento mínimo para que houvesse a higiene necessária para comercialização das mercadorias e a circulação dos clientes. Maneira velada de relegar os feirantes ao abandono e a marginalização.

Figura 19- Reportagem do jornal Feira Hoje de 1991



Fonte: Feira Hoje (1991)

Entretanto, ao longo desse tempo até os dias atuais os feirantes resistem e o poder público municipal vem tentando constantemente ordenar o espaço, justificando que a desorganização e a sujeira impedem o fluxo adequado dos pedestres e dos veículos. Embates são travados de diversas formas sem que haja um diálogo efetivo com os maiores interessados com a organização do espaço, os próprios feirantes. A figura 20 apresenta a rua Marechal Deodoro no ano de 2015, na gestão do prefeito José Ronaldo de Carvalho, em dia de intenso movimento com a atuação de fiscalizadores da prefeitura municipal que de acordo com a própria prefeitura tentam organizar o espaço.

Figura 20- Rua Marechal Deodoro em 2015



Fonte: Jornal Grande Bahia (2015)¹⁸

¹⁸ Jornal online disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2015/05/feira-de-santana-forca-tarefa-da-prefeitura-promove-ordenamento-da-rua-marechal-deodoro/>. Acessado em 27 dez. 2022.

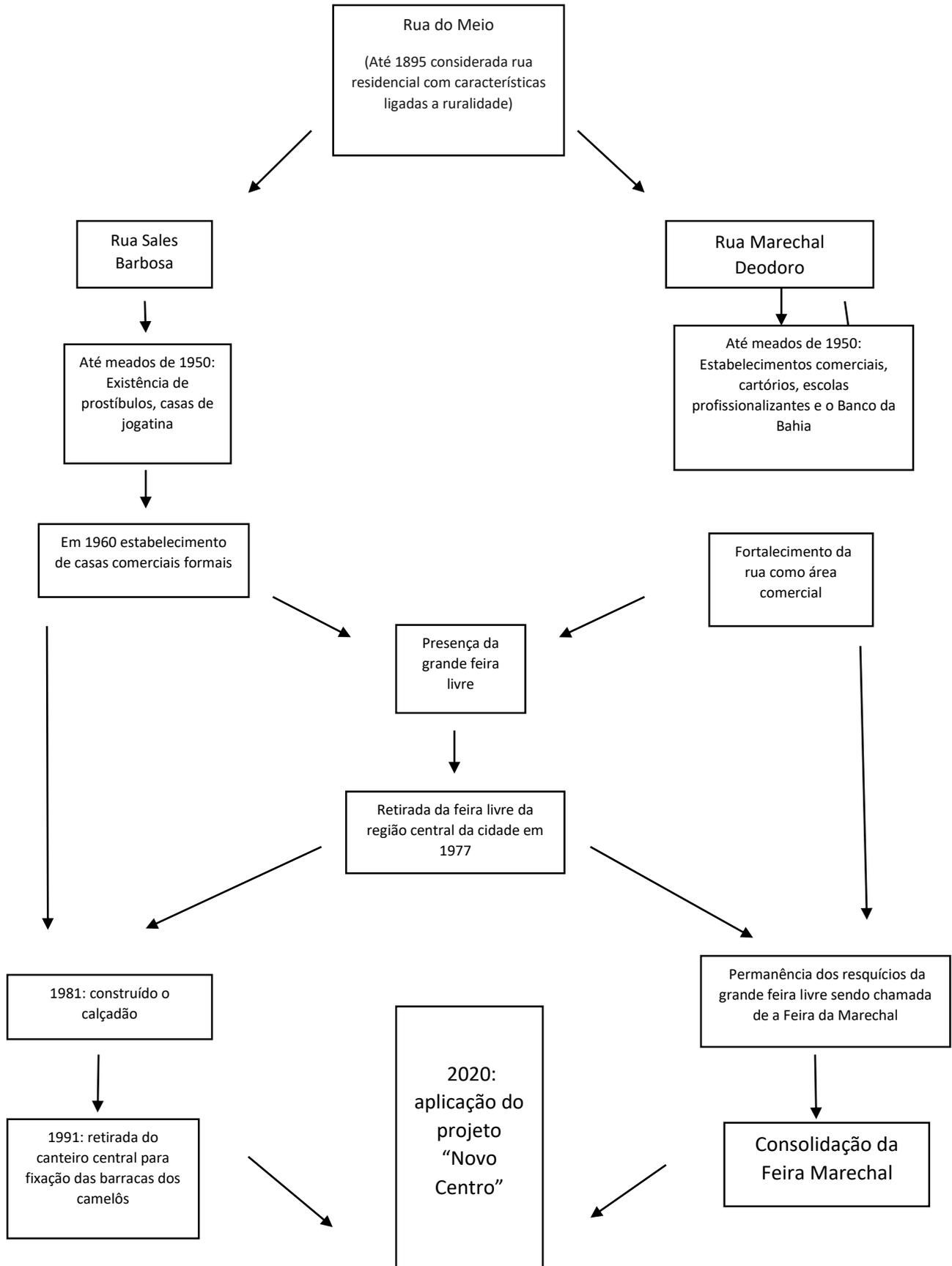
As ações contínuas do poder público na tentativa de “organizar a rua” demonstram a importância da mesma para a cidade. Entretanto, esses procedimentos sempre buscaram modificar a própria dinâmica e a imagem da mesma.

Nesse sentido, Lima (2014), esclarece que

Nos dias atuais, ao percorrer as Ruas Marechal Deodoro da Fonseca, Sales Barbosa, Capitão França, Praça Fróes da Mota e os seus respectivos becos e ruelas, atual centro comercial de Feira de Santana, percebemos o quanto suas imagens reafirmam e denunciam que se trata de uma área popular. Lugares que se caracterizam como ponto de encontro, de interação social e comercial de grupos advindos dos quatro cantos do município e também de cidades circunvizinhas, trazendo para o espaço não apenas as suas mercadorias – mas também e principalmente – suas vivências, costumes, ideologias, cotidiano e hábitos... Além de se caracterizarem no cotidiano urbano da Feira de Santana do presente como um dos espaços de maior interação social das camadas populares, esses espaços aparecem no imaginário feirense como sendo perigosos e malditos, onde alguns cuidados devem ser tomados num simples transitar, pois neles coabitam larápios, furtadores, lanceiros, marreteiros, pivetes, prostitutas, enfim “marginais” de todas as espécies, transformando com isso, o território num antro do “mal” (LIMA, 2014, p. 47).

Nessa perspectiva, esses espaços precisam ter suas imagens transformadas para se adequarem a tão sonhada modernidade almejada pela elite feirense. Ao longo da história da cidade muitas foram as transformações na paisagem com o intuito modernizador. Tanto a rua Sales Barbosa com a rua Marechal Deodoro, que juntas formavam a Rua do Meio, passaram por significativas transformações, o esquema abaixo apresenta uma síntese dessas transformações.

Transformações nas ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro



Fonte: Elaboração da autora

Muitas modificações engendradas nas ruas tiveram como elemento importante a retirada dos trabalhadores ambulantes, feirantes e quaisquer outros que se apresentassem como inadequados ao ideal moderno, já que, supostamente, estes conformam um imaginário de atraso e incivilidade. Para se efetivar essa retirada e conseqüentemente a transformação socioespacial desejada em vários momentos da história da cidade projetos urbanísticos são elaborados buscando a modernização da cidade. Entre os anos de 2020 e 2022 um novo projeto com essa mesma perspectiva foi colocado em execução pelo governo feirense, o “Projeto Novo Centro”.

2 PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA: A BUSCA DE UMA CIDADE CADA VEZ MAIS “MODERNA”

“Cabe ao planejamento urbano, na etapa das propostas, buscar o vetor do possível através de alternativas que possibilitem a melhoria da qualidade de vida dos moradores, promovendo o desenvolvimento socioeconômico de uma cidade para desviar a rota do previsível, mesmo que não consiga contemplar todas as esperanças do desejável” (DUARTE, 2012, p. 37).

Pensar a cidade com toda a sua pluralidade é um desafio para os gestores municipais, pois, complexo, o espaço urbano se apresenta com diferentes formas e usos para os espaços e com uma dinâmica que se altera constantemente. Diante disso, o poder público municipal propõe projetos de intervenções urbanísticas na tentativa de (re)ordenar o espaço urbano justificando, dentre outros motivos, a necessidade em aumentar as potencialidades e reduzir as dificuldades de acesso aos espaços, em uma perspectiva de coadunar com as grandes e/ou tradicionais cidades modernas brasileiras e/ou mundiais.

As intervenções urbanísticas são o resultado do processo de planejamento urbano que para ser elaborado e aplicado necessita de amplo campo de “conhecimentos e metodologias que abrangem aspectos da sociologia, da economia, da geografia, da engenharia, do direito e da administração” (DUARTE, 2012, p. 26) e arquitetura, visto que alterações nos espaços provocam mudanças estruturais, nos objetos usos e funções, possibilitando ou não maiores acessibilidades de grupos sociais. Essas mudanças podem, ainda, ser feitas justamente para dificultar ou mesmo impedir o acesso a alguns lugares da/na cidade. Em projeto desenvolvido para humanizar os espaços públicos de Buenos Aires, capital da Argentina, o arquiteto Sabato afirma que,

É preciso, por sua vez, compreender a linha histórica e cultural que nos une às gerações anteriores para não cortar o fio da evolução e não produzir rupturas bruscas que façam da cidade um produto artificial, próprio de pensamentos circunstanciais e não como um símbolo materializado da vida e dos sonhos de seus fundadores e posteriores habitantes, sendo o espaço público, o local em que o coletivo se humaniza e contribui para a melhoria das condições de vida da sociedade (SABATO, 2011, p. 6).¹⁹

¹⁹ Es necesario a su vez comprender la línea histórica y cultural que nos une con las generaciones precedentes para no cortar el hilo del devenir y no producir quiebres bruscos que conviertan a la ciudad en un

A necessidade de preservar elementos históricos que compõem a paisagem da cidade é fundamental para o desenvolvimento de projetos urbanísticos, tendo em vista a construção de ambientes integradores, que abertos a coletividade possuem caráter simbólico e social, sendo por excelência espaços humanizados. Essa deveria ser a premissa utilizada em projetos de intervenção urbana, visto que são desenvolvidos para os espaços que são ocupados por pessoas, para evitar a transformação em espaços artificiais, sem significado para a população local.

O Estatuto da cidade que direciona o planejamento urbano “estabelece as regras de ocupação do solo, define as principais estratégias e políticas do município e explicita as restrições, as proibições e as limitações que deverão ser observadas para manter e aumentar a qualidade de vida para seus munícipes” (DUARTE, 2012, p. 26 e 27 apud REZENDE; CASTOR, 2006, p.1). Configura-se como um importante ato de pensar a cidade com todas as suas nuances e de projetar soluções que melhor se vinculem a dinâmica local e que sejam benéficas para todos os seguimentos sociais.

De acordo com o Estatuto da Cidade que versa sobre as normas e diretrizes gerais na execução da política urbana, em seu Art. 2º, IV o planejamento é fundamental para o “desenvolvimento das cidades, da distribuição espacial da população e das atividades econômicas do Município e do território sob sua área de influência, de modo a evitar e corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente” (BRASIL, 2001). É ele que vai direcionar as ações governamentais que possibilitarão o acesso da população aos serviços públicos adequados aos seus interesses, bem como, a utilização dos equipamentos urbanos levando em consideração o bem estar social e do meio ambiente.

Dentre esses instrumentos de planejamento está o Plano Diretor, um dos mais importantes documentos para a gestão municipal. Elaborado pelo poder executivo e aprovado pelo legislativo é a política básica de desenvolvimento local, parte integrante do processo de gestão, sendo necessário revisar a lei que a instituiu a cada dez anos. Nesse mesmo documento é possível observar a importância da realização de planos municipais, que visem organizar as ações nos municípios com foco na gestão orçamentária e participativa, no desenvolvimento

producto artificial, propio de pensamientos circunstanciales y no como un símbolo materializado de la vida y los sueños de sus fundadores y posteriores habitantes, siendo el espacio público, el lugar en el cual lo colectivo se humaniza y se contribuye a mejorar las condiciones de vida de la sociedad (SABATO, 2011, p. 6).

econômico e social e na elaboração de planos setoriais que busquem atender as diferentes demandas sociais.

O mais recente Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Territorial do Município de Feira de Santana (PDDU) foi elaborado no ano de 2018. Nele consta em seu Art. 187, § 1º, I que cabe ao poder público municipal “desenvolver Plano de Requalificação da Área Central considerando sua importância, visando o incremento das atividades econômicas, o estímulo ao uso habitacional e as atividades culturais e de entretenimento” (Feira de Santana (BA), 2018). Essa lei oficializa o que vem sendo colocado em prática desde o século XX na cidade, uma tendência clara de ressignificação do centro.

Os planos de requalificação desenvolvidos pela administração urbana e aplicados na cidade têm como uma das justificativas a necessidade de “organização” do comércio informal. Como no caso da intervenção urbana que resultou na transferência da feira livre para o Centro de Abastecimento de Feira de Santana. Os projetos urbanísticos modificaram o desenho urbano da cidade, reorganizando os espaços, suas estruturas e suas dinâmicas para adequar ao contexto urbano contemporâneo. Para Sartor (2000)

as tendências atuais de transformação na administração urbana mantém relação com a ideia de competitividade, no sentido de explorar as vantagens da cidade tendo em vista a sua inserção no mercado globalizado, por isso reverter a percepção do caos e da degradação tem se tornado uma tarefa comum nas municipalidades. A cidade é transformada em uma mercadoria propriamente adequada ao *marketing* urbano, a produção e a disseminação de uma imagem positiva da cidade tem sido uma das estratégias centrais do comportamento empresarial na administração urbana (SARTOR, 2000, p.67).

Reverter o que é considerado pelos dirigentes locais como a “imagem do caos e degradação” e transformar em uma imagem “positiva” da cidade passou a ser uma busca constante nas administrações públicas de Feira de Santana. Para isso o centro da cidade vem ao longo do tempo sendo o espaço onde ocorreram as maiores modificações derivadas de projetos urbanísticos. Levando em consideração que a cidade é composta por diversos espaços significativos e de forte expressão cultural, cabe aqui um questionamento: Por que os centros das cidades são espaços em que há uma maior implementação de projetos de modificações urbanas?

Para responder o questionamento feito anteriormente buscaremos entender a importância dos centros urbanos para o desenvolvimento da imagem da cidade. O centro da cidade pela própria definição se encontra no meio da cidade e se desenvolveu justamente porque agrupava em outros tempos as atividades que necessitavam de maior acessibilidade.

Com o aprofundamento da divisão do trabalho, o número das atividades que precisavam de maior acessibilidade aumentou, o que acarretou ao mesmo tempo o adensamento e multifuncionalidade dos centros. Além dos equipamentos do poder, da religião e do comércio, instalaram-se todos os tipos de atividades e de serviços que deveriam dispor do melhor acesso possível e da frequência máxima (ASCHER, 2001, p. 63).

O adensamento de atividades importantes em um mesmo espaço atrai uma grande quantidade de pessoas, o que realimenta o adensamento e a centralização das atividades. Para Vargas e Castilho (2016), por serem locais onde se localizam diversas instituições públicas, religiosas e comerciais, estes tem suas centralidades fortalecidas pela junção dessas atividades. Sendo “identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animado pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias decorrente da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial simbólico das cidades” (VARGAS; CASTILHO, 2016, p.1). São, portanto, as atividades do comércio, varejista e a administração pública que tem sido as impulsionadoras da recuperação/transformação das áreas centrais.

Como local de concentração e maior movimentação seja comercial, turística, educacional, cultural e de oferta de serviços de saúde, o centro possui a maior movimentação de pessoas e normalmente é onde se concentram as imagens mais divulgadas da cidade, sendo assim o poder público busca modificar e adequá-lo para que haja uma valorização positiva da imagem da cidade com o intuito de atrair investimentos importantes para o desenvolvimento da economia local como também aumentar o fluxo de consumidores. Como afirma Vargas; Castilho (2016)

No mundo contemporâneo, os centros são parte integrante das vitrines urbanas e devem sintetizar a sua ‘boa e bela’ imagem para garantir uma vantagem competitiva entre as cidades. No entanto as ações para melhorar o centro, com essa visão competitiva entre as cidades, pode vir a malograr, uma vez que existe a possibilidade de esses projetos serem reproduzidos rapidamente (VARGAS; CASTILHO, 2016, p. 46)

Os problemas urbanos presentes nas áreas centrais possuem relações intrínsecas com os problemas sociais vividos nas grandes cidades. Trânsito congestionado, aumento do comércio ambulante, falta de acessibilidade e aumento de pessoas em situação de rua, promovem uma organização própria e são considerados por alguns especialistas como os grandes problemas presentes nas áreas centralizadas. Para Meyer (2001) essa organização espacial e funcional das áreas centrais e a busca por inserir estas áreas no modelo de urbanismo tem sido os elementos

motivadores do desenvolvimento de políticas públicas e projetos de intervenção. Esses projetos em alguns casos são fruto de reflexões críticas e da busca em melhorar as condições de apropriação desses espaços e em outros refletem apenas os interesses de grupos sociais e econômicos.

Em Feira de Santana, o comércio de rua, desenvolvido em primeiro momento pelos comerciantes de gado e feirantes e depois agregando camelôs e ambulantes sempre foi considerado um problema para a área central. Na tentativa de resolver esse “problema” diversas estratégias foram colocadas em prática pelo poder público municipal com o apoio de alguns grupos sociais durante o século XX, indo de elementos pontuais como asfaltamento de avenidas até grandes transformações como a retirada da feira livre do centro da cidade. Nas primeiras décadas do século XXI novas versões de projetos de reorganização urbana continuam a serem desenvolvidos.

Em 25 de fevereiro de 2013 o então prefeito José Ronaldo de Carvalho lança mais um projeto de intervenção urbana, o Pacto de Requalificação do Centro Comercial de Feira de Santana, o “Pacto de Feira”. Com ações em curto, médio e longo prazo. O projeto contemplava

obras de impacto na infraestrutura, de ruas, praças e calçadas situados no âmbito do coração comercial da cidade, a exemplo da avenida Senhor dos Passos, cuja fiação elétrica passará a ser subterrânea, a implantação da Zona Azul visando disciplinar o estacionamento de veículos, carga e descarga de mercadorias, e a padronização das barracas de camelôs, ao longo do calçamento da rua Sales Barbosa e ruas adjacentes (FEIRA DE SANTANA, 2013).²⁰

As obras previam também a requalificação do Centro de Abastecimento, com obras no setor de artesanato, áreas de eventos culturais e reforma ou instalação de galpões. Melhoria e a colocação da passarela ligando o Terminal Centro (Terminal de ônibus localizado na rua Olímpio Vital) ao Centro de Abastecimento, além de reforma das praças João Pedreira e Praça da Bandeira. Também melhorias na infraestrutura do Mercado de Arte Popular. Contratação de uma empresa para iniciar estudos sobre o planejamento da construção do shopping a céu aberto da Rua Sales Barbosa e implantação de poços artesianos na Rua Olímpio Vital onde seria projetado um canteiro ornamental de flores e plantas, executado juntamente com a Associação dos Floristas.

²⁰ Site oficial da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.

O projeto tinha como intuito segundo o divulgado pelo governo municipal uma integração entre as secretarias e a comunidade. Como demonstra a fala do secretário de Desenvolvimento Econômico à época, Antônio Carlos Borges Junior, em reportagem divulgada no site da prefeitura municipal:

No lançamento do Pacto de Feira foi anunciada a participação da Associação dos Floristas, dando clara demonstração de que todos podem participar dando sua contribuição. E a entidade mostra que até plantando uma rosa está exercitando a cidadania e contribuindo para a requalificação do Centro (FEIRA DE SANTANA, 2013).²¹

A parceria poder público municipal e comunidade é destacada como o diferencial do projeto, sendo considerado pelos dirigentes como um plano baseado no diálogo e no convencimento, que buscava implementar ações equilibradas e bilaterais, ou seja, contemplando o governo e os trabalhadores do comércio informal das ruas. Entretanto essa perspectiva é questionada por parte da mídia local. Em reportagem divulgada quatro anos após o início da aplicação do “Pacto da Feira” é possível perceber que o diálogo não foi sempre utilizado nas ações de organização do centro comercial da cidade.

‘Pacto da Feira’ fracassa e governo usa força policial para reprimir os feirantes

Lançado no início do terceiro governo do prefeito José Ronaldo (DEM) o ‘Pacto da Feira’, um plano para reordenar o centro da cidade de maneira pacífica e convincente, fracassou a olhos vistos. O centro da cidade continuou sendo ocupado desordenadamente e agravaram-se os problemas de higiene, estética e mobilidade urbana.

Ontem a Prefeitura de Feira de Santana deu a prova da falência do plano e ‘quebrou o pacto’ de vez: autorizou forças policiais a expulsar vendedores ambulantes em um dos locais mais movimentados do centro comercial, a avenida Senhor dos Passos, provocando um tumulto urbano constrangedor, com cenas de violência e intolerância que geralmente acompanham ações como essas (BLOG DA FEIRA, 2017).

Considerados como um problema, pelos dirigentes do governo municipal, e como a causa da desordem urbana, esses grupos precisavam ser retirados do centro urbano para que fosse finalmente implantada a ordem a esses espaços. Para tanto a prefeitura desenvolvia ações de retirada forçada com atuação da força policial ou da guarda municipal justificando o procedimento com a necessidade de organização do espaço central da cidade. Como afirma Mamani (2017)

A ordem, transformada em uma “bandeira” política e em um modelo de ação municipal, é acompanhada de políticas de renovação urbana que estimulam a livre circulação de pessoas e veículos nas ruas e combatem as práticas comerciais populares

²¹ Site oficial da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.

– que ocupam praças, ruas e calçadas – servindo-se de novas normas, novos cadastros, remoções para novos mercados e repressão (MAMANI, 2017, p. 524).

De acordo com Teles (2021) em sua análise sobre a transferência dos trabalhadores de rua na cidade de Feira de Santana para o Shopping Popular, esses são considerados como pessoas de baixo status social, trabalhadores desqualificados, sendo portanto, vítimas da intolerância, da perseguição social e da falta de respeito histórica por parte dos diversos governos municipais.

Baseados nessa lógica os modelos de projetos urbanísticos aplicados tem si mostrado intolerantes ou indiferentes ao crescente aumento das desigualdades sociais, a precarização crescente do trabalho e a desvalorização do trabalhador, bem como a própria divisão socioespacial derivada dessas desigualdades, aumentando ainda mais a fragilidade desses grupos sociais com a impossibilidade de realizar o seu trabalho de modo que garanta efetivamente o sustento das famílias.

No caso do “Pacto da Feira”, além das obras o projeto previa intervenção no centro comercial por meio de ações de reordenamento, remoção e transferência de local das barracas que ocupavam as calçadas visando melhorar a circulação de pedestre e também evitar dificuldades para o tráfego de veículos, bem como o redimensionamento de barracas, a partir da retirada de coberturas fora de padrão, retirada de telas que aumentam o tamanho das barracas, e a remoção de estruturas colocadas por lojistas nos passeios. Para isso ruas como a Marechal Deodoro, Avenidas Getúlio Vargas, Senhor do Passos, Presidente Dutra e praça Bernardino Bahia também passaram a ser espaços constantes de atuação do governo municipal.

Ampliando suas ações para outros espaços públicos o “Pacto da Feira” atuou também nas feiras livres da cidade, com a padronização e demarcação de locais para instalação de barracas visando a manutenção de corredores para garantir o acesso de consumidores, nova cobertura para as feiras, e remanejamento de ambulantes para áreas laterais. Além de podas de árvores, limpezas de parques e jardins, pintura de meios fios, restauração de praças e ordenamento do trânsito foram algumas atividades desenvolvidas.

Uma das marcas do projeto divulgadas pela prefeitura municipal é a participação efetiva das secretárias para construção do projeto de ordenamento do centro da cidade. Como afirma reportagem divulgada pela prefeitura municipal.

O centro comercial de Feira de Santana começa a ser ordenado com as ações integradas entre as secretarias municipais, todas comprometidas com o Projeto Pacto de Feira, que tem intensificado as medidas administrativas visando modernizar e dar mais fluidez ao fluxo de veículos e pessoas no centro da cidade através, principalmente, da reorganização concatenada do comércio ambulante (FEIRA DE SANTANA, 2013)²²

Para que houvesse a reorganização do comércio ambulante foi direcionada a realocação de parte dos feirantes para o próprio Centro de Abastecimento e os camelôs seriam deslocados para um local ainda a definir após a realização de estudo de viabilidade. Embora, a princípio, houvesse a iniciativa de começar um estudo para a construção de um *shopping* a céu aberto na Rua Sales Barbosa à ideia foi substituída pela construção de um shopping popular no local onde funcionava o setor de artesanato no Centro de Abastecimento²³. Exatamente um ano após o lançamento do “Pacto da Feira”, no dia 25 de fevereiro de 2014, é lançado o projeto Shopping Popular de Feira de Santana, o “Cidade das Compras”. O objetivo era retirar os camelôs de áreas como o calçadão da Rua Sales Barbosa, Avenida Senhor dos Passos, Rua Marechal Deodoro e adjacentes, remanejando assim os camelôs que trabalhavam no centro comercial da cidade para um local construído dentro do próprio Centro de Abastecimento.

Para Mendes e Cavedon (2012) essa ideia de que a atividade dos camelôs traz a desordem e que para o ordenamento do espaço público é necessário transferir para locais organizados permeia os governos na atualidade. “Essa lógica de organização e eliminação dos problemas urbanos gerou a constituição de locais específicos para a prática da camelotagem, com construção do que ficou conhecido como camelódromos ou até *shoppings* populares” (MENDES; CAVEDON, 2012, p. 127).

Dando continuidade e ampliando as modificações propostas pelo “Pacto da Feira” é lançado em 24 de dezembro de 2019, pelo prefeito Colbert Martins da Silva Filho, que à época do lançamento e implantação do “Pacto da Feira” e do *Shopping* Popular era vice-prefeito, na gestão de José Ronaldo de Carvalho, mais um projeto de intervenções para o centro comercial da cidade, o projeto “Novo Centro”. Divulgando como marca principal do projeto a modernidade, como afirma o jornal Grande Bahia

O projeto de requalificação apresentado pelo prefeito Colber Martins filho (MDB) é inovador em Feira de Santana, por adotar características pós-modernas de urbanismo, a exemplo da fiação das redes elétricas e de voz e dados subterrâneos, calçadas ampliadas com faixa para ciclovias, arborização e estacionamentos delimitados, além de uso de asfalto em Concreto Betuminoso Usinado A Quente (CBUQ) e bloco de

²² Site oficial da Prefeitura Municipal de Feira de Santana.

²³ Ver mapa 3.

concreto intertravado de elevada qualidade técnica. O Projeto ‘Novo Centro’ contempla, também, sistemas de iluminação pública por led, esgotamento sanitário e drenagem pluvial em profundidade.

Caso executado como foi apresentando pelo prefeito, o projeto deve intensificar o uso comercial do centro da cidade, vai valorizar os imóveis comerciais e ampliar as relações de trocas entre os cidadãos, além de ressignificar o conceito de modernidade para a própria cidade (JORNAL GRANDE BAHIA, 2019, s/p)²⁴.

A perspectiva de inserir na paisagem urbana elementos que simbolizam a modernidade e a pós modernidade segundo a citação, é destaque na divulgação do projeto. A modernidade é aqui compreendida como o conjunto de modificações do espaço urbano que se assemelham as mais recentes obras urbanas aplicadas em outras cidades consideradas referências em desenvolvimento urbano. Este ato é entendido pelo prefeito como um “ato de coragem”. Que destacou em sua fala no momento da divulgação “a necessidade de se promover a mudança estrutural. Citou a transferência da grande feira livre para o Centro de Abastecimento como ato de coragem – a mesma que está tendo agora, da administração municipal da época. ‘Estamos fazendo o que é preciso ser feito’” (JORNAL GRANDE BAHIA, 2019).

A necessidade de realizar mudanças no centro comercial da cidade para adequá-lo ao perfil moderno em cada período histórico é entendida como um ato de coragem pelo governo público municipal e como uma necessidade para o desenvolvimento da cidade. Buscando o apoio da população a fala do gestor deixa subentendido que as mudanças, do modo como são propostas pelo projeto, são o único e eficiente modo de ordenamento do espaço urbano.

Essas modificações têm dois grandes eixos estruturantes, que são: a retirada dos ambulantes das principais vias de circulação do centro comercial e alterações estruturais que resultam em modificações nas paisagens. Entendidos pelo poder público municipal como causadores de grande parte da chamada “desordem” do centro comercial os camelôs, ambulantes e feirantes precisam ser retirados dessas vias para que estas sejam, portanto, requalificadas. Essa lógica permeia os discursos divulgados pela prefeitura e será à base das modificações propostas pelo projeto “Novo Centro”.

Para efetivar a transferência dos camelôs para o *Shopping* Cidade das Compras e feirantes para o Centro de Abastecimento em 09 de setembro de 2020 o então prefeito Colbert Martins da Silva Filho sanciona o decreto que suspende as licenças e permissões para as ocupações das vias públicas por camelôs, ambulantes e feirantes. O decreto nº 11.728 dispõe

²⁴ Jornal eletrônico disponível em: www.jornalgrandebahia.com.br

sobre a transferência e a desocupação de qualquer tipo de comércio ambulante nas áreas centrais do município.

No decreto são mencionadas as leis que nortearam o decreto municipal entre elas estão: o Estatuto do Pedestre de Feira de Santana que assegura aos pedestres o direito de ir e vir. O Estatuto do idoso que garante a eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas que impeçam a circulação do idoso. E o direito e a mobilidade da pessoa com deficiência que através do art. 46 da Lei Nº 13. 146/2015 garante a retirada de todas as barreiras ao acesso dessa população.

O decreto considera também como marcos importantes o Decreto municipal Nº 11.660/2020 que estabelece a instalação dos ambulantes cadastrados no Centro Comercial Popular. A ação judicial em curso movida pelo Ministério Público que direciona o cumprimento da política de mobilidade urbana e meio ambiente, e a execução das obras de ordenamento das áreas centrais da cidade, destacando a urgente necessidade de remanejamento do vendedores ambulantes que ocupam áreas destinadas ao cidadão nas ruas da Marechal Deodoro, Sales Barbosa, Senhor dos Passos, Hermínio Santos, Recife, Leonardo Borges, Benjamin Constant e Libânio de Moraes.

Todas essas leis e ações mencionadas neste decreto justificam o que consta no seu Art. 1º:

Por razões de interesse da acessibilidade, ordem pública e urbanização, ficam extintas e tornadas sem efeito toda e qualquer licença ou permissão de comércio ambulante ou atividade irregular e determinada a desocupação de qualquer tipo de equipamento utilizado para tal finalidade nas áreas centrais deste Município, devendo, a partir desta data, serem os ambulantes cadastrados realocados no Centro Comercial Popular e os feirantes no Centro de Abastecimentos e feiras livres do Município (FEIRA DE SANTANA (BA), 2020).

Nesse mesmo documento é estabelecido o prazo máximo de realocação para o dia 15 de setembro de 2020, podendo ocupar o Centro Comercial Popular os devidamente regularizados e cadastrados. Também é definida a fiscalização para evitar que esses trabalhadores retornem com a ocupação das ruas e passeios públicos. Para tanto, é designada a Fiscalização Preventiva Integrada (FPI) sob a coordenação da Secretaria Municipal de Prevenção à Violência (SEPREV) que deverá realizar o que for necessário para a transferência dos ambulantes e camelôs para as áreas destinadas para esse tipo de comércio (FEIRA DE SANTANA (BA), 2020).

No Art. 3 do decreto é definido o que deve ser feito caso haja o seu descumprimento, ficando estabelecido que “serão procedidas medidas legais e aplicadas, conforme o Código de Polícia Administrativa, do Governo Municipal” (FEIRA DE SANTANA (BA), 2020). É portanto, delineado, pelo menos a princípio, pelo poder público municipal os rumos do comércio informal representado pelos camelôs, ambulantes e feirantes da cidade.

Realizado o que foi divulgado durante o projeto “Pacto da Feira” e sendo elemento importante para o desenvolvimento das ações do “Projeto Novo Centro” é inaugurado em 21 de setembro de 2020 o *Shopping Cidade das Compras* (Figura 21). Divulgado como um moderno empreendimento comercial tendo como foco principal promover a requalificação das ruas centrais do comércio da cidade.

Figura 21- Shopping Popular de Feira de Santana: Cidade das Compras



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Com 26 mil metros quadrados e perspectiva de contemplar 1.800 camelôs cadastrados pela prefeitura municipal que atuavam, sobretudo, nas ruas Sales Barbosa, Conselheiro Franco e Avenida Senhor do Passos, o centro Comercial Popular de Feira de Santana foi inaugurado envolto a muitas discussões, principalmente, relacionadas as taxas cobradas e quantidade de unidades oferecidas. De acordo com Teles (2021)

Uma série de problemas e irregularidades surgiram a partir da organização desse espaço sendo as mais graves o pequeno número de unidades (box) para a quantidade de trabalhadores nas ruas da área central – foram construídas 1.680 unidades para cerca de 5.000 trabalhadores que estavam nas principais ruas e uma cláusula no contrato entre a prefeitura municipal e a empresa que administra o espaço obrigando a prefeitura além de proibir e coibir qualquer camelô ou similar nas ruas do município indenizar o consórcio caso haja concorrência com o aparecimento de camelôs e ambulantes comercializando nas ruas (TELES, 2021, p. 12).

Construído para abrigar os camelôs, ambulantes, feirantes ou microempreendedores individuais que atuavam na região central da cidade, este empreendimento possibilita alguns pontos de reflexão sobre questões relativas aos benefícios destinados ao empresariado e aos trabalhadores. É possível observar que: a) a quantidade de unidades oferecidas não equivale ao quantitativo de trabalhadores que atuavam nas ruas da cidade; b) As taxas com custos de aluguel, condomínio, energia, e demais dispêndios que, porventura, envolvam o funcionamento regular do boxe disponibilizado, somados são considerados elevados para muitos trabalhadores o que tornou a sua ida para o empreendimento inviável; c) A cláusula contratual força a prefeitura a coibir os demais trabalhadores que não foram contemplados com as unidades ou mesmo que não conseguem arcar com as taxas a voltarem para as ruas impossibilitando o desenvolvimento desta atividade.

Após a inauguração do Shopping Cidade das Compras inicia-se a retirada dos trabalhadores das ruas centrais da cidade. Em 30 de setembro de 2020, foi iniciada a retirada das barracas da rua Sales Barbosa, este fato se constituiu como elemento simbólico das transformações que ocorreram neste espaço e que significaram o afastamento de uma atividade característica do centro comercial da cidade e a imposição de uma nova dinâmica na rua.

Figura 22- Retirada das barracas dos camelôs na rua Sales Barbosa



Fonte: Acorda Cidade (2020)²⁵

A remoção das barracas significou não só a “limpeza” da área central da cidade como mostra a figura 20, mas foi o resultado de um discurso, disseminado pelos dirigentes locais, que

²⁵ Jornal online www.acordacidade.com.br

maciçamente afirmaram que a única alternativa viável para a organização comercial do centro da cidade seria a retirada dos trabalhadores das ruas. Só assim seria possível construir uma imagem de um centro comercial mais seguro e limpo. Em consequência, tem-se uma nova dinâmica marcada pelo afastamento do trabalhador de rua e pelo favorecimento do setor empresarial. É, neste contexto, que começam a ser aplicadas as obras do “Projeto Novo Centro” um projeto pautado na revitalização e requalificação do centro comercial.

2.1 O projeto “Novo Centro”

Nessa perspectiva da busca incessante de uma cidade cada vez mais renovada, moderna, é lançado em Feira de Santana o projeto “Novo Centro”. Divulgado pelo *site* oficial da prefeitura e pelas propagandas veiculadas pela mídia local, como um projeto de revitalização/requalificação do centro da cidade o projeto iniciou suas obras em 16 de abril de 2021. A primeira etapa das modificações do centro urbano abrange um total de 985.852m² compreendendo as ruas Marechal Deodoro, Sales Barbosa, Recife, Conselheiro Franco, Barão de Cotegipe, Barão do Rio Branco, Felinto Bastos, Avenidas Senhor dos Passos e Sampaio, área do entorno da rodoviária interestadual de Feira de Santana, Praça Bernardino Bahia e áreas ao entono (Mapa 5). A segunda etapa do projeto foi divulgada em 3 de fevereiro de 2022, sem que a primeira etapa fosse totalmente concluída. Esta contempla as praças Fróes da Motta, da Matriz e a D. Pedro II, que como já mencionado anteriormente não poderá ser analisadas em decorrência do tempo institucional de finalização da presente pesquisa.

As intervenções compreendem modificações no calçamento, recuperação de pavimentação asfáltica, sinalização de ciclo faixas, rede de drenagem, iluminação pública (Dutos enterrados), paisagismo²⁶ e mobiliário urbano (bicicletário, lixeiras, balizadores e bancos). Todas essas são compreendidas e divulgadas pelo governo municipal como ações que irão proporcionar a revitalização/requalificação destes espaços, e que, portanto, trarão mais

²⁶ “Além daqueles espaços criados à luz da arquitetura, recentemente a percepção ambiental ganha status e passa a ser materializada na produção de praças e parques públicos nos centros urbanos. Com a finalidade de melhorar a qualidade de vida, pela recreação, preservação ambiental, áreas de preservação dos recursos hídricos, e à própria sociabilidade, essas áreas tornam-se atenuantes da paisagem urbana” (LOBADO; ANGELIS, 2005, p. 131).

beleza, comodidade e conforto para as áreas. Este discurso busca o apoio e a aprovação da população com relação à implantação do projeto.

O Conjunto 1 de obras abrange basicamente as áreas a serem urbanizadas adjacentes as seguintes vias: Av. Senhor dos Passos, Rua Sales Barbosa, Rua Conselheiro Franco e Rua Marechal Deodoro. Via de regra, em todo o Centro Comercial, a pavimentação asfáltica foi executada sobre revestimento de paralelepípedos o que foi modificado pelas obras do projeto.

Mapa 5- Localização das ruas que foram delimitadas como áreas de intervenção do projeto “Novo Centro”



05

Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)²⁷

Nas publicações oficiais o projeto é divulgado como umas das maiores intervenções do centro urbano da cidade, abrangendo importantes ruas do centro comercial. Nos cartazes de apresentação (figuras 23 e 24) são utilizados dois termos importantes para a análise e compreensão das propostas das transformações: a revitalização e requalificação.

Nas figuras 23 e 24 apresentam a utilização dos dois termos sem que haja diferenciação. Estes constam no material de apresentação do projeto para a comunidade e são apresentadas de

²⁷ Para visualização da área das modificações dentro do centro urbano ver mapa 2.

forma sequenciadas. Utilizados, concomitantemente, deixam dúvida da concepção do projeto e do foco de intervenção.

Figura 23- Capa de apresentação do Projeto “Novo Centro”.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

Figura 24- Página 1 da apresentação do Projeto “Novo Centro”.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

Cabe aqui uma reflexão sobre os termos utilizados, pois exprimem a concepção que norteou a construção do projeto. Para Mendes (2013) os processos de intervenção do espaço urbano, sejam nomeados de

reurbanização, revitalização, reestruturação, recomposição, renovação, reabilitação, requalificação etc. Todos esses conceitos têm subjacente a ideia de transformação urbana, independentemente do seu grau ou intensidade, e de melhorias na vida urbana de uma forma geral” (MENDES, 2013, p. 34).

Apesar de possuírem em sua essência a ideia de realizar transformações urbanas e de serem usados na divulgação do projeto como sinônimos, os termos revitalização e requalificação não possuem exatamente o mesmo significado. Para Almeida (2004) a revitalização urbana consiste na recuperação de áreas consideradas abandonadas, subutilizadas ou degradadas. Nestes casos as ações desenvolvidas se baseiam nas reformas, reestruturações das instalações consideradas antigas transformando-as em modernas, podendo incluir para isso mudanças na infraestrutura da área removendo e construindo novos elementos urbanísticos dando-lhes novas funções. Nesta perspectiva de transformação estão sendo aplicadas as obras do “Projeto Novo Centro”.

Essa prática transformadora socioespacial é liderada estrategicamente pelas elites locais que ambicionam adequar a cidade a uma imagem comercialmente atrativa. Para justificar e conseguir o apoio popular para a realização das transformações das áreas centrais foram produzidos discursos sobre o centro e suas problemáticas, justificando a proposta de “revitalização” do mesmo. No caso de Feira de Santana se associou a “degradação” ao comércio popular e informal.

O projeto tem como base o discurso do mau uso ou uso inadequado desse espaço, o que prejudica a circulação dos consumidores nos centros das cidades. Esse “mau uso” refere-se ao trabalho desenvolvido pelos camelôs, feirantes e ambulantes no centro da cidade. Para resolver essa problemática é previsto o fim ou a diminuição desses tipos de ocupação dos espaços. Sendo assim, a cidade

que se pretende com as “revitalizações” é uma cidade que se preocupa com uma categoria de indivíduos: o consumidor. Grupos que não se encaixam nessa nova condição para específicos tipos de serviços parecem não estar incluídos nas principais idealizações esboçadas pelas revitalizações. Esse é o caso de grupos ligados às classes populares. Aí podemos incluir os camelôs ou favelados (BOTELHO, 2016, p. 24).

Camelôs, ambulantes e feirantes são em muitos momentos apontados por inviabilizar o desenvolvimento econômico da região – em especial dos lojistas -; movimentar dinheiro sem obrigações fiscais e trabalhistas, terem suas mercadorias associadas ao contrabando, acumularem lixo nas ruas e facilitar a ação de marginais que atuam entre as barracas ou seja tornando para o espaço desordenado, ao olhos do poder público. Esse discurso é usado como justificativa para a realocação desses trabalhadores para outros espaços que possam ser ocupados pelas classes mais populares, normalmente mais distantes das áreas consideradas

centrais e nobres as quais não devem ter suas imagens associadas as atividades desenvolvidas por grupos menos favorecidos.

Os projetos de revitalização visam inserir nas áreas as funções de lazer, consumo e entretenimento, muito atrelado a uma visão de modernidade o que exige que os espaços se tornem condizentes com a imagem de cidade moderna, com características atualizadas de consumo, que compreende a facilidade de acesso e circulação, a beleza e organização que convidam o consumidor a consumir sempre mais.

No Brasil o termo revitalização fez surgir uma série de questionamentos entre os profissionais da área, pois traz uma conotação de exclusão e depreciação dos grupos sociais que ocupavam tais áreas antes das intervenções (SOTRATTI, 2015). Além de ser incoerente falar em revitalizar uma área que está em plena vitalidade. De acordo com esse pensamento, esses espaços foram ocupados, pois existia uma “brecha” deixada tornando-o propício para o desenvolvimento de atividades populares, associando que

os pobres tendem a fazer uma ocupação apenas dos espaços residuais. O planejamento poderia, desse ponto de vista, designar os lugares mais apropriados para o uso e permanência desses grupos sociais, dado que não teriam, de acordo com essa concepção, possibilidades de escolha em suas formas de ocupação da cidade (JR FROGOLI, 2000, p. 86).

Devido a essa conotação negativa o termo vem sendo substituído por requalificação urbana que amplia e dá um novo sentido a proposta.

Comumente presente em planos estratégicos de cidades atuais, a requalificação apresenta propostas alicerçadas na recuperação e na valorização das origens e das verdadeiras representações sociais, humanizando e controlando o sistema de exclusão das cidades contemporâneas (se opondo ao sentido excludente do termo revitalização), e, ao mesmo tempo, reinventando identidades baseadas em produções socioculturais locais (SOTRATTI, 2015, n.p).²⁸

O discurso que norteia a requalificação urbana demonstra uma tentativa de inclusão social de uma população considerada marginal, como no caso de ambulantes, feirantes e camelôs, que inseridas em novos espaços, possam estabelecer novas funções e novos desenhos urbanos. Entretanto, muitos projetos chamados de requalificação na prática não se preocupam em valorizar as representações sociais ou controlar a exclusão, ao contrário tem o propósito de

²⁸ Verbete do Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.

excluir certos grupos sociais desses espaços “requalificados”. Ou seja não é o termo em si, mas o modo como é utilizado.

Sendo assim, a requalificação urbana pode ser entendida como

um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infra-estruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica. Procura a (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área (sendo frequentemente apelidada de uma política de centralidade urbana) (Moura et.al., 2006, p. 20).

A requalificação, portanto, tem seu foco voltado para a acessibilidade o que resulta em uma melhoria na qualidade de vida da população, para isso é necessário construir ou recuperar (modificando quase que completamente) equipamentos que provocarão a valorização do espaço. Alterando “a função primitiva de forma a dar resposta às exigências da época” (MENDES, 2013, p. 35). Esses projetos, quando planejados por apenas um grupo social específico, não possuem uma função reparadora que dialogue de forma crítica com a cidade já existente, esbarrando em alguns momentos em uma grande dificuldade em estabelecer um padrão urbano totalmente novo e adaptado a dinâmica de consumo moderna, visto a complexidade que existe em “derrubar uma cidade e construir outra cidade no lugar”.

Esses termos possuem semelhanças e diferenças em seus significados e propostas, utilizados no projeto de forma alternada e sem explicação do seu significado possibilita, dessa forma, uma confusão dos objetivos e da concepção proposta pelas intervenções.

Nos materiais de divulgação do projeto “Novo Centro” constam imagens de projeções de como ficarão as ruas após a finalização das obras, como também textos que sugerem as melhorias derivadas dessas modificações no espaço. A figura 25 apresenta uma dessas imagens, nela é possível perceber algumas discordâncias entre o texto onde são citadas as ruas que receberão as modificações e as imagens das projeções das ruas que terão as obras. Não há um alinhamento entre as ruas mencionadas e as imagens, vias que foram citadas no texto não são apresentadas na imagem ou vice-versa.

A frase inicial da publicação demonstra que esse projeto é compreendido como o maior processo de revitalização realizado na cidade, provavelmente, isso se deve a quantidade de ruas que terão seus espaços modificados, pela lista de realizações e pelo valor gasto com as obras.

Todos esses elementos estão destacados na imagem chamando a atenção do leitor e sugerindo uma grandiosidade para a proposta.

Figura 25- Imagens do Projeto ‘Novo Centro de Feira de Santana’ relaciona estruturas que serão implantadas.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

Todas as imagens destacadas neste cartaz de divulgação proporcionam a visualização de como as ruas ficarão após a finalização das obras. Nelas as ruas são apresentadas como locais limpos, com maior mobilidade para as pessoas, ordenamento de veículos com faixas destinadas para parada e circulação, e arborização em cinco das seis projeções apresentadas, vinculando o bem estar social ao ambiental. A ausência de ambulantes nas vias apresentadas é um dos elementos marcantes que destoam da realidade local.

A perspectiva de transformar os espaços priorizando a circulação das pessoas é destacada nos meios de divulgação, como a “filosofia do projeto”, que afirma proporcionar mais espaços humanizados. Isso é demonstrado na reportagem do jornal Acorda Cidade.

Tendo como foco principal a mobilidade urbana, o Novo Centro, projeto de requalificação do Centro Urbano de Feira de Santana, vai priorizar as pessoas, tanto no seu direito de ir e vir pelas ruas centrais do comércio local, quanto na oferta de vias e equipamentos públicos que dialoguem com as novas demandas sociais.... a filosofia do projeto está calcada na humanização dos equipamentos públicos, dentro da lógica

da mobilidade urbana, onde prevalece a pessoa, e não o veículo (ACORDA CIDADE, 2020, s/p)²⁹.

As “novas demandas sociais”, de acordo com esta reportagem, estão vinculadas a mobilidade das pessoas, sem identificar quem são essas pessoas, e que estas, são priorizadas em detrimento dos veículos. Para que isso ocorra é afirmado que haverá uma “humanização dos equipamentos públicos”, que pode ser entendido como o espaço das ruas e calçadas, precisando, portanto, estar livre de vendedores ambulantes e com menos carros circulando para que os pedestres possam circular e assim realizar suas compras de forma mais aprazível. Estes espaços então “humanizados” terão a característica peculiar de não inserir uma parcela da população. Excluindo, portanto, os trabalhadores ambulantes, camelôs e feirantes que tem sua renda decorrente do trabalho desenvolvido na rua. A filosofia do projeto, portanto, tem como um dos pilares a exclusão.

Entretanto, a “humanização” de um equipamento público também pode ser compreendida como a ação de preservar as características culturais que lhe são próprias o que neste caso também não ocorre, embora esteja prevista no próprio PDDU da cidade que no seu Art. 15, IX, afirma que é dever do governo municipal desenvolver ações visando a “preservação da memória e da identidade local, por meio da manutenção das características simbólicas e materiais dos espaços peculiares que definem a imagem de Feira de Santana...” (FEIRA DE SANTANA, 2018). Não entendida como importante elemento constituinte da identidade local, as feiras livres de Feira de Santana, por exemplo, sofrem com o descaso e a marginalização dos seus espaços sendo relegado ao afastamento das áreas centrais da cidade, fato que se repete com o “Projeto Novo Centro”.

Para dar mais visibilidade às ações desenvolvidas foram divulgadas projeções de algumas vias que serão modificadas. Para isso, são utilizadas imagens geradas em computador, com modelagem tridimensional, com base em alguns dados do projeto. Este modelo de projeção é chamado de *rendering*, técnica muito utilizada para realizar projeções de espaços urbanos que serão posteriormente modificados.

As imagens apresentadas contam com frases em sua parte inferior explicando quais as principais mudanças que serão realizadas, fazendo inferências às dinâmicas que serão estabelecidas após a conclusão das obras. Todas elas vinculam as modificações ao bem estar social, ambiental e a maior possibilidade de melhoria das vendas para as lojas comerciais visto

²⁹ Jornal eletrônico disponível em www.acordacidade.com.br

que os lugares serão adequados para realização das compras, pois permitirão um fluxo mais intenso das pessoas.

A figura 27 apresenta a projeção da Avenida Senhor dos Passos evidenciando a arborização que formará um cordão verde, a possibilidade do uso de bicicletas com as ciclo faixas, melhorando assim a qualidade ambiental do local e a ampliação das calçadas que possibilitarão de acordo com o texto, mais acessibilidade aos pedestres.

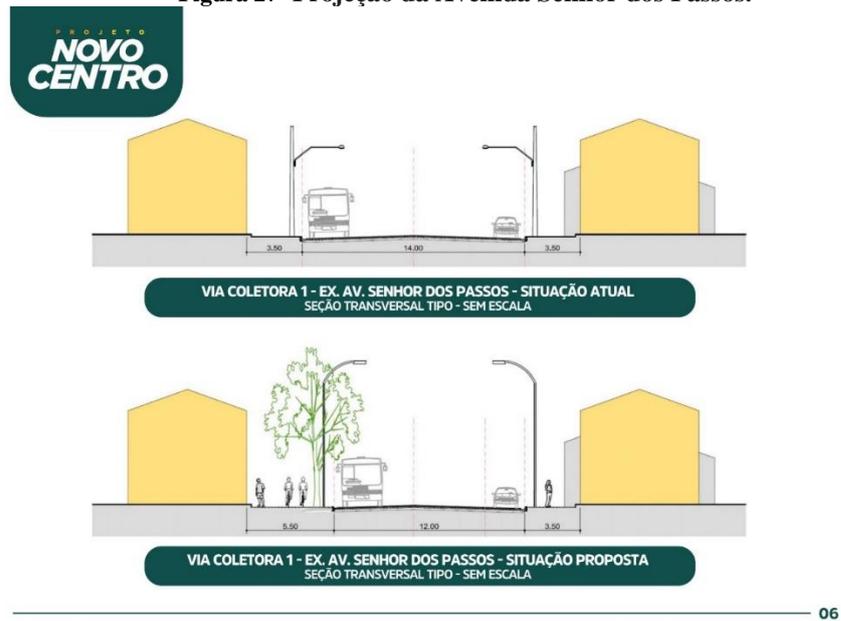
Figura 26- Projeção da Avenida Senhor dos Passos.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

A imagem seguinte (Figura 27) apresenta as principais alterações relacionadas a ampliação das calçadas e diminuição da avenida. A situação atual, colocada na parte superior da imagem, apresenta as dimensões de uma via com 14,00 m de largura e calçadas com 3,50 m, a situação proposta, colocada na parte inferior da imagem, apresenta a diminuição da avenida que passa a ter 12,00m, com sua lateral direita reservada para o estacionamento de veículos e uma calçada com 5,50m, sendo que esta conta no lado esquerdo com arborização. Os postes de iluminação pública são alterados. A presença de desenhos representando pessoas busca demonstrar que a preocupação do projeto está centrada na melhoria da circulação dos pedestres, bem como a presença de árvores sugere que houve uma preocupação ambiental para a área que não contava com o cordão verde proposto pelo projeto.

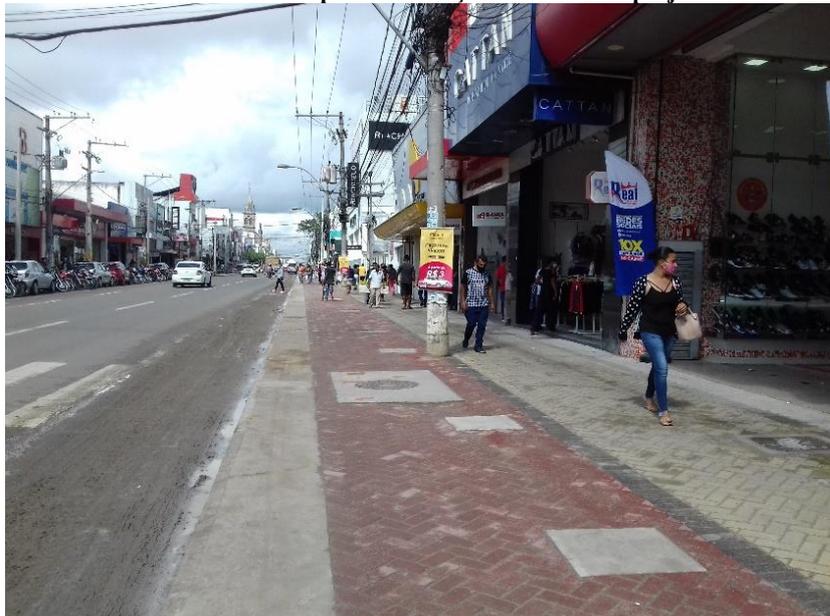
Figura 27- Projeção da Avenida Senhor dos Passos.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

As alterações da avenida Senhor dos Passos efetivamente compreenderam a modificação do piso e alargamento das calçadas. Para que isso ocorresse foram retirados do espaço todos as barracas de camelôs. O cordão verde apresentado na proposta não foi colocado e nem a ciclovia. A via continuou tendo um lado destinado ao estacionamento de veículos e o outro para a circulação de ônibus urbanos, o espaço de circulação de pedestre foi ampliado e o de veículos foi diminuído. A imagem abaixo (Figura 28) apresenta a rua após a finalização das obras.

Figura 28- Avenida Senhor dos Passos após a finalização das obras do projeto “Novo Centro”



Fonte: Arquivo pessoal (28 de junho 2021)

Com referência a ampliação do fluxo de pessoas a projeção da rua Conselheiro Franco é a única que traz um ponto de referência local, a Igreja dos Remédios, apresentada em segundo plano (Figura 29). De acordo com essa imagem a calçada se destaca em relação à rua, existem vagas destinadas ao estacionamento de veículos de forma organizada. Embora, no texto haja a menção de que a via se tornará adequada para o comércio, trabalho e lazer, não há nesta imagem nenhum elemento que possa ser vinculado à prática do lazer.

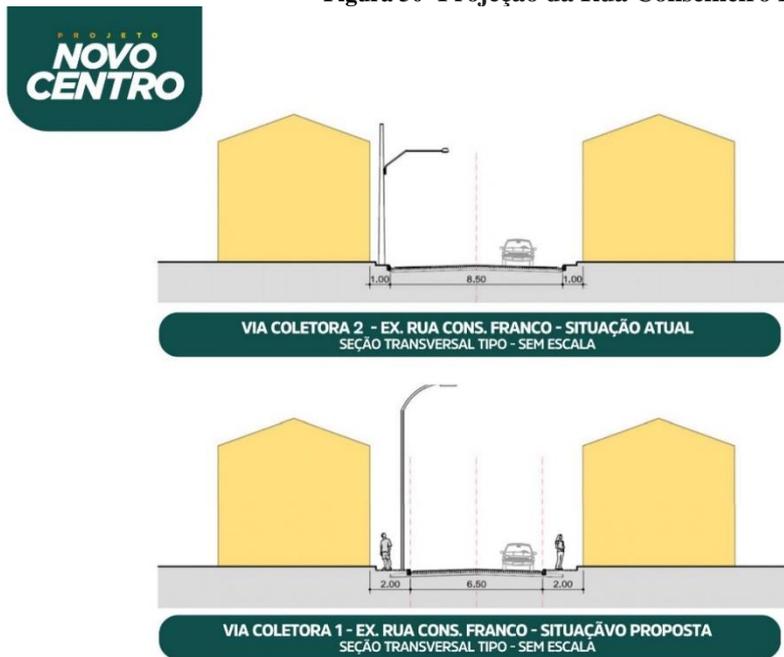
A figura 30 apresenta as principais alterações propostas para a rua. Na situação atual a rua apresenta uma largura de 8,50m e as calçadas de 1,00m. A situação proposta apresenta uma diminuição da rua que passa a ter 5,50m e as calçadas 2,00m. Os postes de iluminação pública são alterados e o desenho de pessoas na calçada novamente busca demonstrar que o pedestre está sendo valorizado.

Figura 29- Projeção da Rua Conselheiro Franco.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

Figura 30- Projeção da Rua Conselheiro Franco.



12

Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

No caso da rua Conselheiro Franco foram cumpridas as modificações propostas que se basearam no alargamento da calçada e na diminuição da rua, proporcionando mais espaço para circulação de pedestres e menos para os veículos. O local destinado ao estacionamento de veículos foi mantido em parte da via, mas não foram inseridos elementos que possam ser utilizados para o lazer. A figura 31 apresenta a rua no ano de 2023, após término das obras.

Figura 31- Rua Conselheiro Franco após a finalização das obras do projeto “Novo Centro”



Fonte: Arquivo pessoal (23 de janeiro de 2023)

A presença de vendedores ambulantes nas ruas, como demonstra a imagem, voltou a ser constante mesmo após a retirada forçada pela prefeitura municipal. Vendedores de frutas, legumes, hortaliças entre outros produtos circulam nas ruas onde antes das obras realizavam as suas atividades.

Ligando a parte mais centralizada do comércio ao Shopping Popular Cidade das Compras e ao Centro de Abastecimento, a Rua Recife é um ponto estratégico de modificação, pois de acordo com o projeto facilitará o acesso dos consumidores aos camelôs que foram transferidos para o shopping popular “Cidade das Compras”. Para tanto de acordo com a projeção os espaços destinados ao estacionamento de veículos são sinalizados e a pavimentação em piso intertravado possibilitará o fluxo mais aprazível dos consumidores pela via. A arborização seguiu sendo um elemento marcante nas projeções (Figura 32).

Figura 32- Projeção da Rua Recife.



Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

A figura 33 apresenta a situação atual da rua que conta com largura de 9,00 m e calçadas com 3,00m, a proposta é de diminuição da rua que passaria a ter 6,50m e ampliação das calçadas que contarão com 4,50m de cada lado. Os postes de iluminação pública serão trocados e a arborização da via será feita nos dois lados da calçada, que contará também com ciclo faixas. Os desenhos de pessoas caminhando ou andando com bicicletas reforçam o perfil das mudanças apresentadas.

Figura 33- Projeção da Rua Recife.



15

Fonte: Jornal Grande Bahia (2021)

As mudanças realizadas na via efetivamente compreenderam a retirada dos camelôs que trabalhavam nas calçadas, a ampliação das mesmas e a modificação na pavimentação. Não foram inseridas árvores como havia sido divulgado no projeto. Em parte da rua foram instalados balizadores em ferro (Figura 34) e o estacionamento de veículos foi direcionado em outro trecho da via que dá acesso ao Shopping Cidade das Compras (Figura 35). É possível verificar a presença de trabalhadores ambulantes vendendo diversas mercadorias circulando constantemente neste espaço.

Figura 34- Rua Recife após obras de projeto “Novo Centro”



Fonte: Arquivo pessoal (20 de janeiro de 2023)

Figura 35- Rua Recife em trecho que dá acesso ao Centro de Abastecimento



Fonte: Arquivo pessoal (20 de janeiro de 2023)

As projeções apresentadas seguem um padrão, vinculam muito pouco ou quase nada as mudanças propostas às características próprias da cidade. Há uma descaracterização dos espaços que perdem seus símbolos urbanos e passam a seguir padrões de modernização estabelecidos pela dinâmica que vincula o ordenamento urbano a valorização do fluxo de consumidores. Essa lógica transformadora e “modernizadora” permeia os projetos urbanísticos aplicados na cidade e vão seguindo um padrão de afastamento dos trabalhadores das ruas do centro comercial.

2.2 Cidades diferentes, projetos correlatos

Apesar de cada cidade guardar características próprias e diferentes em relação ao seu desenho urbano e sua paisagem é possível reconhecer na atualidade elementos recorrentes que emergem na análise sobre forma ou seja à estrutura física das cidades, isto é, ao conjunto de espaços livres e espaços construídos; e da paisagem urbana levando-se em consideração a modificação constante do espaço, seu crescimento, desenvolvimento e degradação. Sobrepostos aos símbolos representativos da cultura local ou agregados aos signos já existentes estes itens que compõem a imagem das cidades são importantes instrumentos de análise das transformações espaciais.

Para inserir as cidades em um padrão de beleza e modernidade considerados ideais na contemporaneidade os dirigentes buscam assemelhar os espaços a de outra(s) considerada(s) melhor(es). Buscando valorizar os “pedaços da cidade”, acreditando que com isso é capaz de valorizar o todo, são aplicados projetos urbanísticos que recriam ícones da arquitetura e do urbanismo. Essas dinâmicas são influenciadas pelas forças econômicas, pelas relações entre o Estado e a sociedade e muitas vezes por influências arquitetônicas e urbanísticas de outros países.

Esses projetos urbanísticos muito semelhantes são aplicados em cidades diferentes, muitas vezes excluindo das paisagens elementos culturais locais, transformando os espaços das cidades em repetitivas paisagens divulgadas como únicas e singulares. Diante disso, Rolnik (2019) em sua análise sobre as paisagens criadas para atender as necessidades de mercado expõe alguns questionamentos que dialogam com as reflexões aqui desenvolvidas:

Que estranhas paisagens são estas que, apesar de afirmarem singularidade em suas formas arquitetônicas únicas e espetaculares, multiplicam-se e repetem-se, aterrissando em cidades tão distintas do planeta, capturando e reconfigurando seus territórios?... Quais são os territórios preexistentes e de que forma são capturados, transformados e deslocados? De que forma resistências e insurgências emergem nessas interfaces, gerando embates e disputas pelos lugares? Como essas insurgências reconfiguram o espaço urbano?” (ROLNIK, 2019, p. 21).

De acordo com Vargas e Castilho (2016) grande parte das intervenções urbanas estão distantes das necessidades locais. Para os autores é importante que antes de definir as ações sejam realizadas discussões para identificar as demandas locais. Nesse sentido, “as demandas e necessidades locais e seu atendimento teriam de estar na base da política de *city marketing* e refletir a veracidade das suas estruturas. Se assim acontecesse, talvez todo o aparato de cenografias e de reinvenção do urbano não fosse necessário” (VARGAS; CASTILHO, 2016, p. 48).

Fato que, necessários ou não, os projetos de intervenção urbana são aplicados em diversas cidades, algumas gestões municipais afirmam que no seu processo de desenvolvimento houve a escuta da sociedade como um todo, outras, porém, baseiam seus discursos em motivações econômicas. Para exemplificar a reflexão feita serão apresentados brevemente alguns projetos urbanísticos desenvolvidos em diferentes cidades brasileiras, mas que possuem em suas características claras semelhanças entre si, transformando os espaços das cidades em paisagens padronizadas e tendo como promotor da reconfiguração territorial o Estado. Esses

projetos, tais como os descritos a seguir, possuem semelhanças com o projeto “Novo Centro” implementado em Feira de Santana.

2.2.1 O Projeto Novo Centro - São José dos Campos - SP

Desenvolvido na cidade de São José dos Campos em São Paulo nos anos de 2015/2016 e já finalizado, o projeto leva o mesmo nome do desenvolvido na cidade de Feira de Santana. Como nos outros projetos apresentados, a base se dá na requalificação da região central da cidade. Entretanto, apesar da propaganda realizada pelos governos municipais, não são todas as áreas central da cidade que receberam as modificações, mas são escolhidos alguns espaços considerados estratégicos no que se refere principalmente a intensa movimentação comercial. Modificando esses espaços pontuais divulgasse a ideia de que toda a área central terá uma nova imagem, mais adequada aos padrões contemporâneos de modernidade.

A proposta compreendia a requalificação dos passeios, com aumento e implantação de bancos, iluminação com barras de LED, ciclovias, alargamento de ruas para a criação de *boulevard*³⁰, além de inserir alguns elementos como chafariz, quiosques cine teatro e ações de paisagismo, todos em locais estratégicos de movimentação noturna.

O objetivo do projeto, segundo tal, era dar mais fluidez, atrair mais consumidores para as ruas tornando o centro um espaço com intensa circulação não somente durante o dia, mas a noite, dinamizando o comércio da região.

A figura 36 apresenta uma projeção de como ficaria uma das vias após finalizadas as obras. O destaque é dado para a arborização do espaço, pela largura da via que possibilitará um tráfego maior de veículos e o alargamento das calçadas o que permitirá um aumento da circulação de pessoas, além de espaços destinados para o estacionamento de veículos. Assim como no projeto desenvolvido em Feira de Santana a preocupação é voltada em tornar os espaços o mais atrativo possível para os consumidores aumentando, assim, a possibilidade de vendas e lucros para os comerciantes da região.

³⁰ Vias de passagens amplas, arborizadas.

Figura 36- Ilustração do projeto de Novo Centro São José dos Campos.



Fonte: Prefeitura de São José dos Campos (2015)³¹

O projeto “Novo Centro” aplicado em São José dos Campos tem mais semelhanças do que o nome do projeto realizado em Feira de Santana. Busca-se modificações que alterem as dinâmicas das vias e proporcionem um maior acesso de pessoas e, conseqüentemente, mais consumidores. A preocupação é concentrada em proporcionar um ambiente agradável, com circulação facilitada e possibilidade de descanso para isso são modificados os passeios com o alargamento e a colocação do mesmo pavimento colocado em outras cidades, os bancos são inseridos no mobiliário urbano e a inserção do paisagismo.

Todas as modificações propostas estão inseridas no contexto de reestruturação do espaço em busca de uma maior valorização priorizando elementos atrelados ao conforto dos consumidores. Isso demonstra que a preocupação do projeto aumentar o consumo priorizando assim os comerciantes locais.

2.2.2 Urbaniza Centro - São José dos Campos-SP

Sete anos após a divulgação do Projeto Novo Centro em São José dos Campos, é divulgado pela prefeitura municipal mais um novo pacote de obras que abrange algumas ruas do centro da cidade, o projeto de intervenção urbana do centro da cidade é chamado de “Urbaniza Centro”. Evidenciando que existe em muitas cidades ciclos de renovações urbanas,

³¹ Site oficial da Prefeitura municipal de São José dos Campos https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=23051

como acontece em Feira de Santana. Tendo como base de divulgação a perspectiva de tornar a cidade mais harmônica, agradável e humana para toda a população, mas, em especial, para os comerciantes, pois é divulgado como uma oportunidade de movimentar a economia e atrair novos clientes.

A intervenção envolve projeto de drenagem, ampliação dos espaços de caminhada, paisagismo e abrange algumas ruas do centro comercial. Com finalização prevista para novembro de 2022 o projeto é divulgado pelo governo municipal como um impulsionador da economia local trazendo um novo urbanismo para a cidade.

A figura 37 apresenta a projeção de como ficará uma das vias após a finalização das modificações. O padrão se repete, destaque para a arborização e para a ampliação das calçadas que proporcionarão mais facilidade no deslocamento dos consumidores. A sinalização da via e os postes de iluminação com aterramento seguem o exemplo de lógica do mobiliário urbano utilizado em outros projetos contemporâneos.

Figura 37- Ilustração do projeto de revitalização.



Fonte: Prefeitura de São José dos Campos (2022)³²

O modelo padrão compreende aspectos semelhantes ao projeto “Novo Centro” desenvolvido em Feira de Santana. O embelezamento alcançado pelo aterramento de fios e de

³² Site oficial da prefeitura municipal da cidade de São José dos Campos. <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2022/fevereiro/18/prefeitura-lanca-projeto-de-revitalizacao-da-rua-xv-de-novembro/>

colocação de outros mobiliários urbanos, bem como o aumento da calçada facilitando a circulação de pessoas atraindo um público frequentador cada vez maior tem como consequência o aumento das vendas dos comerciantes e, conseqüentemente, aumento na movimentação da economia da região. Além disso proporcionar a melhoria na acessibilidade e caminhabilidade, que estão atrelados aos princípios de Direito à Cidade do Estatuto da Cidade. Entorno das “melhorias” realizadas no espaço está inserido o forte fator impulsionador das mudanças, a economia, que movida pelos interesses das classes econômicas dominantes influenciam nas ações dos governos municipais para a realização de mudanças urbanas que irão privilegiar os comerciantes formais da região.

Toda divulgação do projeto gira em torno da ampliação econômica local, porém o seguimento favorecido com as modificações são as atividades comerciais formais. Essa perspectiva de atender com os benefícios advindos das modificações apenas uma parcela da sociedade é compartilhada pelo projeto aplicado em Feira de Santana, que neste caso, excluiu das ruas os comerciantes informais (ambulantes e camelôs) para favorecer o outro grupo de comerciantes representados pelos lojistas.

2.2.3 “Caminhos de Joinville – Requalificação do Centro”- Joinville - SC

Anunciado em 2019 o projeto de promoção, da requalificação e da ressignificação da área central de Joinville buscava o engajamento entre diferentes segmentos empresariais como comércio lojista, além do segmento de serviços, proprietários de imóveis, agentes culturais e gestores de equipamentos públicos para criar um ambiente favorável aos negócios, ao comércio, cultura e lazer, além de incentivar investimentos e novos negócios no Centro de Joinville.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Joinville (2019) o projeto foi elaborado pela Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável (Sepud) para ser desenvolvido a longo prazo devido a amplitude das ações planejadas, o projeto urbanístico busca priorizar a circulação dos pedestres, mas mantendo a permissão da circulação de veículos. As ações preveem ampliação dos passeios, mas mantendo pistas de rolagem para veículos, com nivelamento da pista com a calçada.

As ações de paisagismo incluíram a padronização das fachadas dos estabelecimentos comerciais a partir de um novo padrão de fachadas publicitárias e toldos. O mobiliário previsto conta com bancos, bicicletários, floreiras e equipamento que permitem carregar os aparelhos eletrônicos e usar *wi-fi* (árvore tecnológica), além de totens informativos sobre o local (CDL JOINVILLE, 2019). Essa proposta amplia suas ações com relação as anteriores, visto que a cidade de Joinville é considerada uma cidade turística e com elevado desenvolvimento econômico e social, o projeto busca facilitar o acesso as informações além de atrair através da organização do centro uma quantidade cada vez maior de pessoas.

A figura 38 apresenta as projeções dos espaços após as modificações. Essas possibilitam uma maior visualização da facilidade de circulação das pessoas consequentemente associando a ideia da priorização do público frequentador e de uma maior acessibilidade dos centros comerciais urbanos, além da padronização das fachadas e dos espaços de sociabilidade considerados pontos centrais do projeto para atrair cada vez mais os consumidores. A presença de árvores e do bicicletário compõem a imagem assim como nos projetos anteriormente apresentados e vinculam o centro comercial ao bem estar ambiental que se liga diretamente ao bem estar físico dos frequentadores.

Figura 38- Projeto de revitalização em Joinville.



Fonte: CDL Joinville (2019)

2.2.4 Projeto “Novo Centro”- Fortaleza -CE

Apresentado em 17 de agosto de 2018 pela prefeitura municipal de Fortaleza – CE, o projeto “Novo Centro” previa ações voltadas para o ordenamento do centro da cidade com ações a serem executadas a curto, médio e longo prazo, divididas em eixos: habitação, política de apoio a pessoas em situação de rua, turismo e cultura, infraestrutura e mobilidade, ordenamento do comércio informal, segurança e fiscalização.

Entre as ações divulgadas pela gestão municipal estão: a construção de terminais viários, reforma de calçadas, faixas exclusivas para ônibus, implantação de ciclofaixas, ciclovias, construção de travessias elevadas e ampliação das calçadas. A organização do comércio informal tem grande destaque na divulgação do projeto, e para que isso seja concretizado é fundamental a padronização das barracas e criação de quiosques com o objetivo de ordenamento deste tipo de atividade. As obras também contemplam novo mobiliário urbano, cabeamento interno das operadoras de energia e telefonia, drenagem e paisagismo.

O centro da cidade é considerado pelo governo municipal como um espaço desordenado e de acordo com esse entendimento, necessitava de uma transformação que organizasse a circulação de pessoas e dos veículos. Para facilitar o acesso às lojas e aumentar o lucro dos lojistas da área o projeto tinha como base proporcionar uma maior acessibilidade dos consumidores.

A diferença significativa deste projeto com os anteriormente apresentados se faz com o ordenamento dos camelôs e ambulantes nas vias requalificadas. Com a organização do trânsito de veículos, a padronização de quiosques e o alargamento das calçadas os trabalhadores puderam permanecer nos seus locais de trabalho como apresenta a figura 39 com a comparação do antes e do depois do fim das obras do projeto “Novo Centro”.

Figura 39- Rua Barão do Rio Branco em Fortaleza-CE, antes e depois das obras do projeto “Novo Centro”.



Antes

Depois

Fonte: Global Designing Cities Initiative (2020)³³

As transformações aplicadas na rua Barão do Rio Branco em Fortaleza-CE têm semelhanças e diferenças com as aplicadas nas ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro em Feira de Santana-Ba. Entre as semelhanças estão o alargamento das calçadas, objetivando possibilitar maior fluidez para circulação das pessoas, implantação de mobiliário urbano como lixeiras e balizadores. Entre as diferenças estão a permanência de forma organizada e padronizada dos trabalhadores (camelôs e ambulantes) na via. As mudanças realizadas pela prefeitura municipal de Fortaleza, tiveram uma preocupação em reorganizar o espaço incluindo os trabalhadores das ruas nesse novo desenho espacial. O que não aconteceu em Feira de Santana, onde as mudanças aplicadas nas citadas ruas não agregaram os trabalhadores havendo um processo de exclusão e de afastamento dos mesmos.

De modo geral os projetos urbanísticos aplicados em diferentes cidades buscam contemplar aspectos como mobilidade, acessibilidade, ampliação da circulação de pessoas/consumidores e consequentemente aumento das vendas para o comércio local. Observa-se pelas imagens apresentadas que o perfil das propostas para as ruas se assemelham em diversos aspectos, apesar de estarem em cidades com histórias e dinâmicas sociais, econômicas e espaciais diferentes os projetos pouco sofrem adequação as demandas locais, pois seguem um padrão de beleza, de funcionalidade e de modernidade. Os equipamentos urbanos utilizados também seguem a mesma lógica.

³³ Jornal online disponível em: <https://globaldesigningcities.org/2020/03/10/calçada-viva-recuperando-espaco-para-pedestres-no-centro-de-fortaleza/>

3 AS MUDANÇAS DA FORMA DA CIDADE

“É necessário atentar para a diferença que há entre as premissas e intenções de determinados projetos e suas realizações concretas, já que a complexidade da conexão entre as intenções técnicas e as decisões políticas podem resultar em diversas formas de exclusão social, mesmo dentro de projetos, a princípio, igualitários” (JR. FRUGOLI, 2001, p. 31).³⁴

Analisar as modificações na forma e no desenho urbano de uma rua, avenida, praça ou uma cidade, é um desafio para os pesquisadores que se debruçam nesse campo. As variáveis estruturais, sociais, culturais, políticas e econômicas se cruzam no espaço como um bordado de crochê, onde os pontos e nós das linhas formam desenhos que representam mais do que formas geométricas, mas as habilidades, emoções e intencionalidades do criador da obra. Se uma das linhas ou ponto é colocado de forma incorreta, todo o bordado é prejudicado visto que não há como finalizá-lo de maneira correta, obrigando o seu criador a procurar o erro, desmanchá-lo e refazer.

Em constante transformação “a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade” (ROSSI, 2001, p. 57). Modificadas ao longo do tempo histórico estas e seus elementos estruturantes refletem o contexto e as intencionalidades de cada época. Portanto, “a cidade é vista como uma grande obra, identificável na forma e no espaço, mas essa obra pode ser apreendida através de seus trechos, de seus diversos momentos” (ROSSI, 2001, p. 66) e das sobreposições presentes no espaço.

A forma pode ser compreendida como a organização do espaço, o contorno espacial dos objetos e sua disposição, e as relações obtidas entre esses e o todo, levando em consideração o que é percebido, observado pelo contorno, cores, texturas e as dimensões (DEL RIO, 1985). No contexto da rua os elementos que a compõem e propiciam a sua utilização mantendo relações entre si em conjunto criam a sua forma. Estes tem relação direta com as condições históricas,

³⁴ JUNIOR, Heitor Frugoli. Conflitos e negociações em torno da requalificação do centro de São Paulo: a Associação Viva o Centro. Plural; Sociologia, USP, São Paulo, 2001, p. 29-62.

sociais, econômicas, políticas, como também das teorias e das posições culturais e estéticas de quem idealiza as modificações.

A rua como espaço, por teoria, democrático e agregador das diferenças culturais, sociais e econômicas, é um importante reflexo das políticas implementadas na cidade e de como esta, em toda a sua complexidade busca agregar ou separar os elementos sociais que a constitui. Seguindo essa lógica para realizarmos o estudo sobre as mudanças advindas com a aplicabilidade do Projeto “Novo Centro”, utilizaremos como base o desenho urbano que apesar de manter relações com a arquitetura e o planejamento urbano possui suas próprias questões e conteúdo teórico. Este trata de elementos do cotidiano, se atentando para as necessidades diárias da sociedade e considerando o ambiente como suporte para os diversos usos (DEL RIO, 1985). Em síntese, ele é o

campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas. Procura-se tratar da produção, da apropriação e do controle do meio ambiente construído, processos estes que estão, necessariamente, permeados pela dimensão temporal (DEL RIO, 1990, p. 54).

Esse conjunto de sistemas integrados a dinâmica da população desenha sobre o espaço ao longo do tempo um traçado que reflete não só os usos, mas as características sociais, econômicas e políticas que confluem para a construção, integração ou exclusão dentro de uma cidade, bairro, ou rua, por exemplo.

Alinhada ao desenho urbano utilizaremos a morfologia urbana que compreende “o estudo da forma urbana, considerando-a um produto físico das ações da sociedade sobre o meio que vão edificando-o, ao longo do tempo” (COSTA; NETTO, 2015, p. 31). A análise morfológica contempla as edificações e suas implantações no solo urbano, o parcelamento do solo e seus arranjos como o traçado das vias, praças, quadras, quarteirões e lotes. Havendo “uma intrínseca correlação entre a forma, a sua gestão e o seu efeito na paisagem da cidade” (COSTA; NETTO, 2015, p. 30).

Os elementos estruturantes da morfologia em especial dos espaços públicos sejam eles ruas ou praças têm sido substancialmente modificados em diversas cidades pelas ações governamentais, principalmente no que se refere a dinâmica de ocupação e utilização do espaço

através das alterações quase que por completo das estruturas preexistentes. Esse fato revela a importância desses espaços na construção da imagem da cidade. Para Minatto (2015)

As vias de circulação formam um dos mais poderosos e estáveis agentes conformadores da cidade, e acumularam sempre múltiplos desempenhos. Além da circulação do tráfego, possuem funções cívicas, sociais, culturais, sanitárias: através das ruas, as cidades surgem aos olhos do transeunte com suas edificações, jardins e monumentos; pelas ruas se comunicam todas as partes componentes da cidade, nas ruas se reúnem as pessoas em suas mais espontâneas manifestações; muitas vezes as ruas funcionam como áreas livres que fornecem ar, luz e sol, aos edifícios; ao longo das ruas correm os serviços públicos de água, esgotos, eletricidade, entre outros (MINATTO, 2015, p.121).

Diante de tamanha importância social, espacial e política a rua é um “objeto/universo” de análise de diversos elementos que se apresentam como partes integrantes da cidade. Sendo assim para analisar as transformações nas ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro advindas com o projeto “Novo Centro” será utilizado como base a forma, o contexto e a função dos elementos que compõem a paisagem das ruas selecionadas. A forma urbana pode ser definida de acordo com Lamas (2004) como o

aspecto da realidade, ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialização dos aspectos qualitativos e figurativos. A forma, sendo o objeto final de toda concepção, está em conexão com o ‘desenho’, quer dizer com as linhas, espaços, volumes, geometrias, planos e cores, a fim de definir um modo de utilização e de comunicação figurativa que constitui a ‘arquitetura da cidade (LAMAS, 2004, p. 44).

Existe uma interação e tridimensionalidade entre a forma, função e o desenvolvimento dos métodos utilizados na Morfologia Urbana, pode-se verificar que “a forma urbana surge como reflexo das ações políticas, sociais e econômicas ao longo do tempo e que estes aspectos são relevantes na análise do seu reflexo atual, a paisagem urbana contemporânea. Este procedimento a reconhece como decorrente de um longo processo de adaptação e ajustes, efetuados pelos agentes da sua transformação” (COSTA; NETTO, 2015, p. 24).

Relacionada ao estudo da forma e dos fenômenos que lhe deram origem e que estão interligados entre si, o conceito de Morfologia Urbana está relacionado a leitura da imagem, dos objetos arquitetônicos e urbanos ou até mesmo do vazio. O Estudo e

a utilização da morfologia e da paisagem no processo de planejamento urbano precisa ser encarada como uma prioridade para o desenvolvimento sustentável de cada cidade, uma vez que o processo de desenvolvimento e a qualidade da paisagem estão vinculados à qualidade de vida de seus habitantes e do meio ambiente (MINATTO, 2015, p. 25).

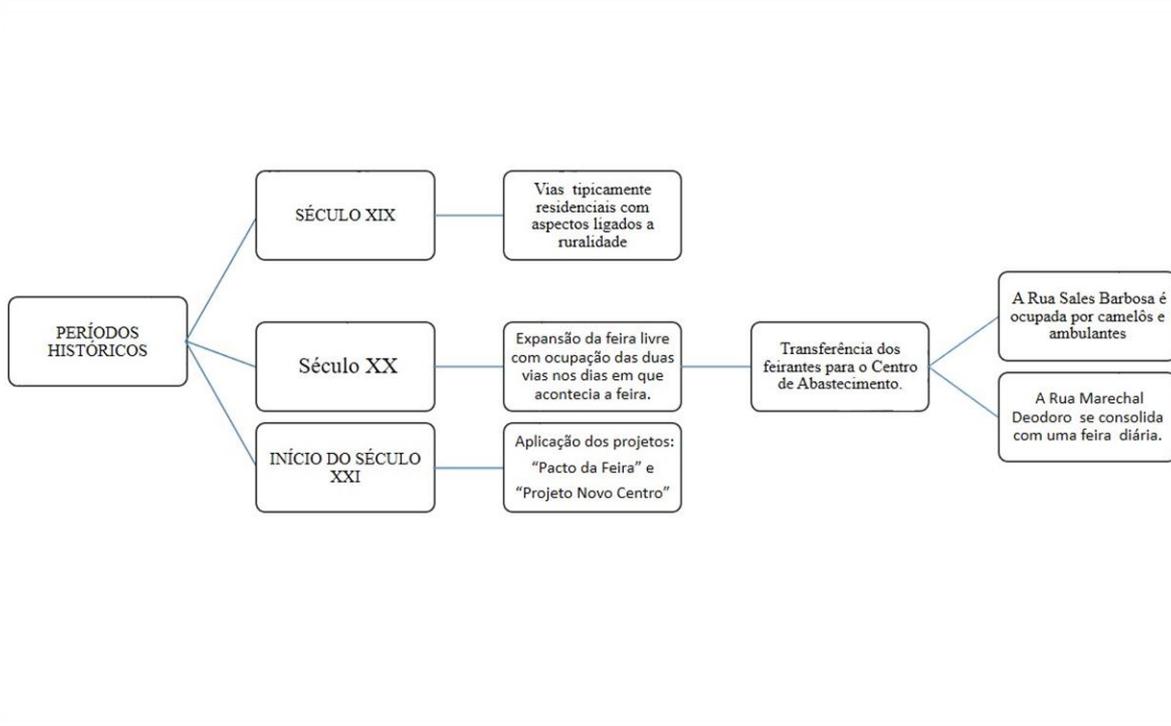
O contexto histórico vai mudando as necessidades da sociedade e conseqüentemente as formas precisam ser modificadas para dar respostas às diversas situações e proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos habitantes. Estas precisam estar relacionadas com a função permitindo assim o desenvolvimento efetivo das atividades. Do mesmo modo que configuram-se como elemento comunicador através do modo de organização dos diversos objetos que compõem a paisagem (Lamas, 2004).

Em seus estudos referenciais sobre a imagem da cidade Lynch (2011) afirma que uma imagem ambiental pode ser dividida em três elementos: a identidade (que é o diferencial do espaço com relação aos demais, estando muito relacionado ao significado para o observador), a estrutura (a organização do espaço) e a imaginabilidade (é a característica do objeto ou espaço que evoca uma imagem dando um sentido). Esse modo de analisar a cidade tem relação intrínseca com os estudos da morfologia urbana, pois a forma e a utilização dos objetos influenciam diretamente na imagem urbana. A forma da cidade vai além do mobiliário urbano presente no espaço ela se expressa através da apropriação destes elementos e espaços pela sociedade criando a partir das relações estabelecidas uma imagem.

Associada ao desenvolvimento histórico a paisagem acumula formas de tempos anteriores que se sobrepõem como se fossem camadas históricas (COSTA; NETTO, 2015). Sendo assim para analisá-las é preciso entendê-las como objeto final de uma conexão entre linhas, espaços, geometrias e cores que criam uma comunicação entre si possibilitando uma leitura espacial. Portanto a morfologia pode ser entendida como o estudo da evolução das formas (LAMAS, 2004).

A rua compõe o traçado urbano configurando-se como importante elemento que une lugares e paisagens. As transformações da paisagem das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro foram discutidas ao longo do primeiro e segundo capítulos. A figura 40, a seguir, apresenta as transformações ocorridas ao longo do tempo histórico separadas por períodos da evolução urbana destas vias.

Figura 40- Transformação temporal das ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro



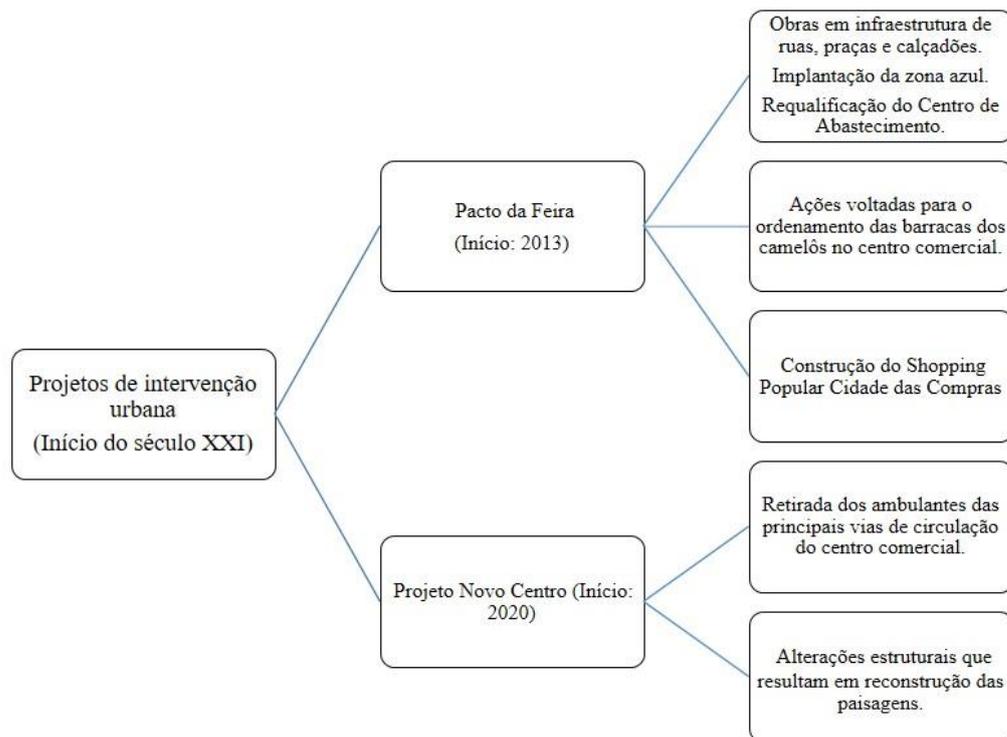
Fonte: Elaboração da autora (2022)

Ao longo dos séculos XIX ao XXI as duas ruas apresentam semelhanças em seus desenhos urbanos. No século XIX a presença de residências e de aspectos ligados a ruralidade chamavam a atenção nas vias, que juntas formavam apenas uma. No século XX a feira livre ocupou boa parte das vias que passaram a ser estritamente comerciais e a ter um fluxo cada vez maior de pessoas e mercadorias, principalmente nos dias que aconteciam a feira livre. Após a transferência da feira para o Centro de Abastecimento, na década de 1970, e das transformações advindas de modificações estruturais realizadas pela prefeitura municipal, as ruas tiveram seus desenhos alterados. A Sales Barbosa se especializou no comércio popular, muito pela presença e ocupação da rua pelos camelôs e ambulantes. A Marechal Deodoro se consolida como espaço de feira livre diária, originária dos feirantes que atuavam na grande feira livre, mas não quiseram ou não conseguiram ir para o Centro de Abastecimento. Tanto a Sales como a Marechal são de comércio popular e ambas possuem resquícios da antiga feira-livre.

Já no início do século XXI projetos de intervenção urbana são aplicados na cidade com a perspectiva de trazer um aspecto moderno a paisagem urbana alterando a imagem das ruas analisadas. Para isso, são realizadas modificações no centro comercial que vão desde obras de

infraestrutura até a retirada dos vendedores das ruas. O esquema abaixo (Figura 41) sintetiza as modificações realizadas pelos dois projetos.

Figura 41- Modificações propostas pelos projetos Pacto da Feira e Projeto Novo Centro



Fonte: Elaboração da autora (2022)

Foram analisadas as seguintes variáveis com relação as ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro e a aplicação do projeto “Novo Centro”: as características físicas da proposta; as permanências X transformações espaciais e a identidade urbanística da área estudada. Como identidade urbanísticas compreende-se a

capacidade de um espaço urbano se diferenciar do outro através da materialização, no espaço físico, de signos e/ou símbolos (quer sejam novas concretudes ou permanências históricas) distintivos da cultura de um povo de um determinado lugar. Essa materializações seriam construídas tendo como base a história do lugar e a memória coletiva. Esses símbolos ou signos seriam a concretude de aspectos dos costumes, crenças ou tradições, ou seja, seriam os rebatimentos da cultura expressos no espaço (LIMA, 2008, p. 105).

Neste sentido, haveria uma identificação das pessoas com os espaços, pois os símbolos e/ou signos presentes estariam de certo modo conectados as histórias e o modo de vida daquela população. Para a autora

pode-se afirmar que se um indivíduo se identifica com uma determinada proposta de desenho urbano – é devido ao fato do mesmo reconhecer que valores e costumes semelhantes aos deles foram considerados na confecção da mesma. Dessa forma, o mesmo sente afinidade com o espaço, se envolvendo e se responsabilizando pelo mesmo. A partir daí e com o decorrer do tempo aquele espaço adquire novos significados para aquela pessoa ou população (LIMA, 2008, p. 105).

A identidade urbanística cria vínculos de pertencimento e de afeição com os espaços, é essa conexão que facilita a responsabilidade coletiva com esses locais. Entretanto se não há esse vínculo os indivíduos tendem a não se preocuparem em preservar, pois se sentem estranhos e desconectados desses locais.

As imagens não se apresentam como significativas e simbólicas, o espaço torna-se irreconhecível e as ações e usos tendem a ser direcionados para outros tipos de frequentadores, pois os anteriores passam a se sentir inadequados ou desconfortáveis. Então perde-se um vínculo identitário e cria-se outros vinculados mais adequados a nova organização espacial, promovidas principalmente pelas propostas de reestruturação elaboradas pelos governantes locais.

3.1 As propostas para as Ruas Sales Barbosa e Marechal Deodoro

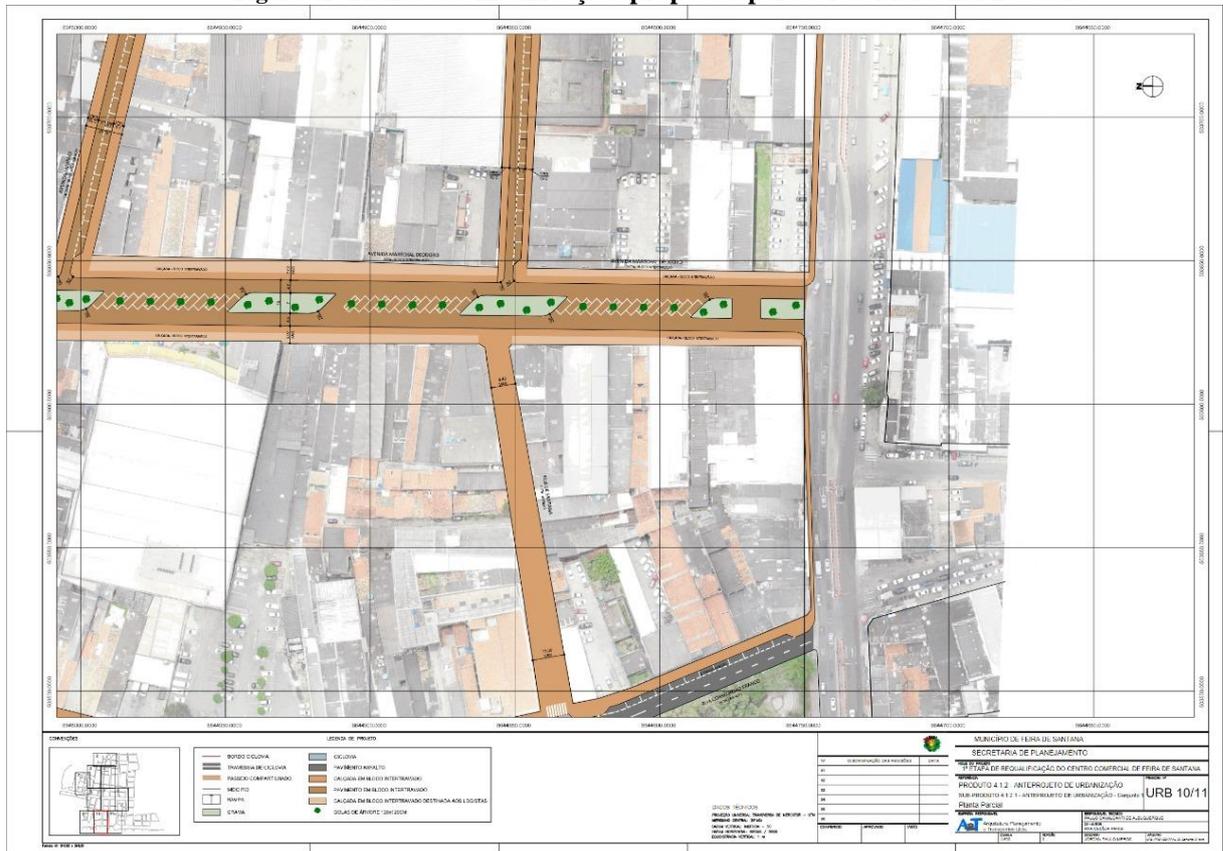
As ruas e calçadas de uma cidade são seus principais espaços públicos. Por isso são os locais em que os governos locais buscam adequar constantemente as características consideradas mais atualizadas de urbanismo. “Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona” (JACOBS, 2011, p.30). Seguindo essa lógica as modificações das ruas do centro comercial de Feira de Santana, buscam mais do que embelezar, mas também atrair consumidores, apresentando um ideal de organização e de beleza para o centro.

Uma das principais características dessas ruas é o fato de ambas serem retas e apresentam-se como continuidade uma da outra. A rua Marechal se configura por ser uma via com divisão central abrangendo dois sentidos de circulação, já a rua Sales Barbosa é um

calçadão que permite a passagem de pedestre em todos os sentidos, mas não de veículos. As duas vias possuem acesso a ruas laterais que se configuram como espaços importantes para o comércio local.

De acordo com o “Projeto Novo Centro” o desenho da rua Marechal Deodoro muda completamente. As alterações compreendem desde a pavimentação, calçamento e colocação de canteiro central transformando significativamente a imagem como também propondo uma nova utilização para este espaço. A figura 42 é um planta disponibilizada no site da prefeitura municipal e consta como parte integrante no detalhamento da 1ª Etapa de Requalificação do Centro Comercial de Feira de Santana e representa de modo parcial o anteprojeto de urbanização para a via, denominado de prancha n° URB 10/11.

Figura 42- Planta das modificações propostas para a rua Marechal Deodoro



Fonte: Prefeitura Municipal de Feira de Santana (2022)

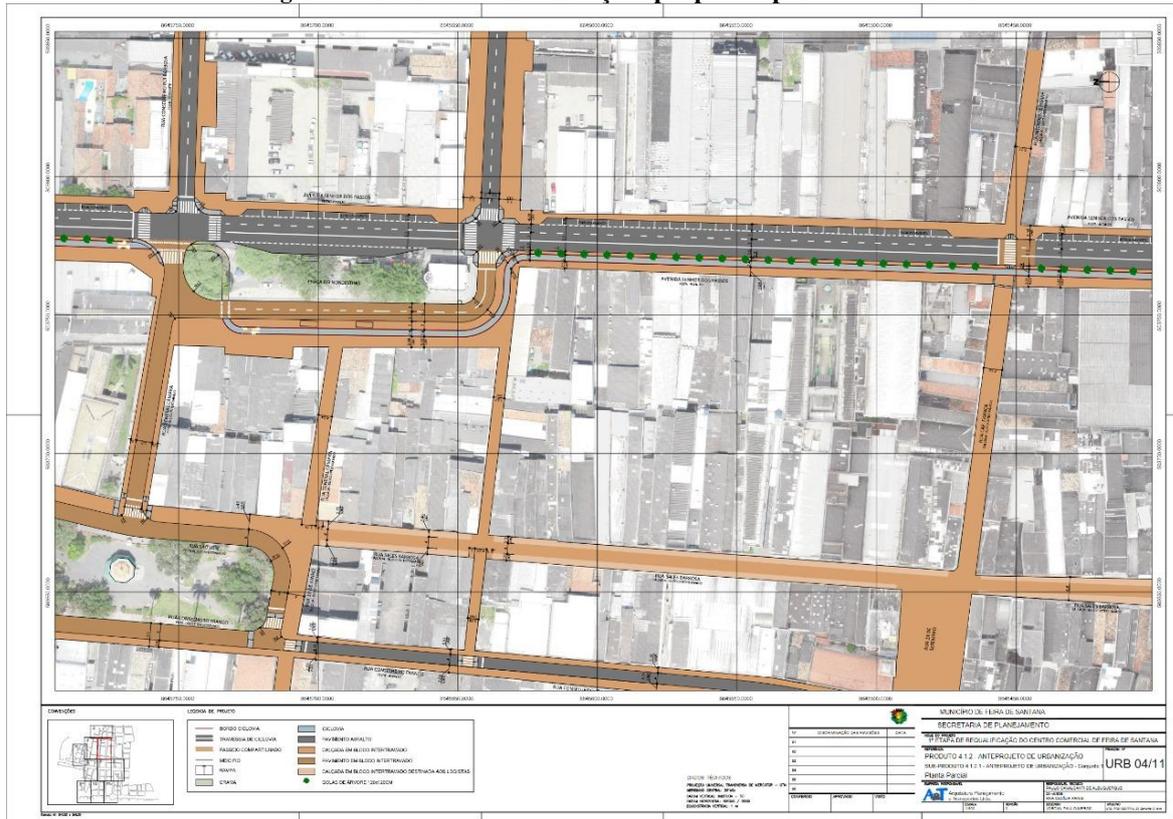
A projeção é que a rua seja composta totalmente por piso em bloco intertravado sendo dividida em calçada, pavimento e calçada destinada aos lojistas. Essa diferenciação é feita na imagem por três tonalidades de marrom variando do mais escuro que compreende o pavimento, o mais claro a calçada e com o tom de bege a calçada destinada aos lojistas. O Plantio de Grama

foi previsto nos canteiros entre as vagas para o estacionamento de veículo na Rua Marechal Deodoro e a arborização está representada por gotas de árvores de 120x120cm.

Esse novo arranjo espacial propõe um novo uso ao espaço, que passa a ser local com prioridade para a circulação de pessoas e de veículos, e com organização das vagas destinadas para estacionamento. O foco das modificações, como afirma os materiais de divulgação do projeto, estão concentradas no paisagismo e na possibilidade de facilitar o fluxo na área. A divisão entre calçamento destinado aos lojistas e aos pedestres se destaca na divisão da utilização deste espaço demonstrando a importância deste seguimento econômico na divisão espacial. Não há na planta nenhum elemento que pressuponha outro tipo de utilização deste espaço e que incluía os vendedores ambulantes e feirantes que já trabalhavam nele.

A figura 43 é um planta também disponibilizada no site da prefeitura municipal e consta como parte integrante no detalhamento da 1ª Etapa de Requalificação do Centro Comercial de Feira de Santana e representa de modo parcial o anteprojeto de urbanização para a via, denominado de prancha nº URB 04/11, contendo em seu desenho a proposta para a rua Sales Barbosa e ruas vizinhas.

Figura 43- Planta das modificações propostas para a rua Sales Barbosa.



Fonte: Prefeitura Municipal de Feira de Santana (2022)

A planta da rua Sales Barbosa apresenta a proposta de modificação completa do calçamento, que neste caso compreende uma divisão: a calçada em bloco intertravado destinada a circulação das pessoas e a calçada também em bloco intertravado, mas destinado ao uso dos lojistas. É reiterada a importância desse seguimento econômico na divisão da utilização deste espaço. Não há neste desenho nenhuma referência a arborização ou espaços de convivência, apenas a troca por completo do calçamento.

Na apresentação do Projeto Novo Centro foram divulgadas projeções das ruas estudadas nessa pesquisa. Essas possibilitam a análise da proposta a partir dos elementos que estão presentes nas imagens e dos textos vinculados a elas. A projeção da rua Sales Barbosa (Figura 44) representa o ideal moderno considerado importante para a mudança da imagem da cidade, que compreende entre outros elementos a retirada por completo dos ambulantes e camelôs que trabalham nas ruas.

Figura 44- Projeção da Rua Sales Barbosa com a aplicação do Projeto Novo Centro



Fonte: Jornal Grande Bahia³⁵

O desenho traz em primeiro plano uma via em formato de uma grande calçada (calçadão) onde pessoas estão circulando a pé, em bicicleta ou paradas olhando a fachada das lojas. Estas pessoas são apresentadas caminhando calmamente, com suas bolsas grandes o que pode inferir uma ideia de consumo e de que há segurança neste local para transitar e comprar. Observa-se que as pessoas representadas nas imagens são todas brancas, não há presença de pessoas de outras raças.

Em toda sua lateral as árvores fazem um corredor verde, completando o primeiro plano, o que chama a atenção, pois na planta base apresentada anteriormente não há presença deste elemento compondo o conjunto de modificações nesta rua. Em segundo plano as lojas são apresentadas com uma tonalidade mais clara, elas têm uma fachada moderna e seguem um padrão de altura linear. Essa perspectiva de apresentação demonstra que o objetivo é destacar as pessoas e suas ações na via, por isso a tonalidade das lojas é mais “apagada” com relação as outras. Cadeiras, mesas e bancos dão aparência de que este local é apropriado para momentos como refeições e interações sociais ao ar livre. Parece querer vincular a ideia de um ambiente agradável e convidativo para fazer compras.

³⁵ Jornal Grande Bahia. Apresentação do Projeto Novo Centro de Feira de Santana. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Apresentacao-do-Projeto-%E2%80%98Novo-Centro-de-Feira-de-Santana.pdf>. Acessado em 21 Jan. 2021.

Na parte inferior da imagem o texto explica a proposta do projeto para a rua, expondo que haverá mais espaços compartilhados com facilidade de acesso aos pedestres e ciclistas, proporcionando mais ambientes de lazer e permitindo que serviços públicos como corpo de bombeiros e da limpeza pública sejam feitos. É importante destacar que esses serviços públicos eram realizados em muitos momentos de forma precária nesta via, fato justificado pelo difícil acesso causado pela presença das barracas ao longo da sua parte central. O texto, portanto ao afirmar que serão executados após a finalização das obras parece responder ao um anseio social e conseqüentemente buscar a aprovação da obra pelos cidadãos.

Não há, entretanto, neste desenho nada que faça referência a um aspecto real da via. Ou que faça alusão à cidade. Ele, portanto, poderia ser aplicada em qualquer lugar do mundo, pois não há nenhum elemento local ao qual esteja vinculado. Neste sentido corrobora com a discussão a análise de Pesavento, onde

as construções e espaços do poder público poderá obedecer a uma intencionalidade enquanto projeto e concepção, distante das referências simbólicas que o seu uso e consumo elaborar. Ou seja, enquanto formuladores de propostas para a cidade, os urbanistas e arquitetos atribuem uma função e sentido a seus projetos, que poderão se distanciar em muito das construções simbólicas feitas pelos usuários daquele espaço transformado (PESAVENTO, 1995, p. 4-5).

Não há nada nesta imagem que possa ser identificado como pertencente a cidade de Feira de Santana referenciando ao usuário que a proposta é para rua Sales Barbosa. A apresentação veiculada desse projeto parece não ter sido pensada levando em consideração as características da cidade, e sim como uma padronização, onde elementos culturais são colocados de lado em favor da homogeneização dos espaços.

No caso das cidades que pretendem se transformar em modernas, a complexidade das relações estabelecidas e as sucessivas intervenções urbanas através de projetos urbanísticos podem provocar a descaracterização da cidade. Ocorre o que se poderia chamar de uma uniformização das paisagens urbanas, ou seja, a destruição da memória, a substituição do "velho" pelo novo, a padronização das construções e a generalização do caráter de impessoalidade neste contexto urbano, ressignificando não só o visual, mas a funcionalidade da via, promovendo uma adequação dos comportamentos dos frequentadores a nova proposta, porque o espaço também condiciona e conforma comportamento e hábitos.

Para a rua Marechal Deodoro a projeção apresenta aspectos que relacionam a maior acessibilidade para pedestres a um possível conforto ambiental e embelezamento ocasionado

pela presença de árvores (Figura 45). A composição visual da imagem apresenta edifícios com uma tonalidade mais clara e padrão de altura linear, para que o destaque seja da rua e o movimento das pessoas. A via com o calçamento em piso intertravado sugere a priorização do pedestre em relação a circulação de veículos. As calçadas com o mesmo tipo de piso da rua buscam demonstrar que as pessoas poderão circular por esses espaços.

Figura 45- Projeção da Rua Marechal Deodoro com a aplicação do Projeto Novo Centro



Fonte: Jornal Grande Bahia³⁶

A presença de árvores tanto no canteiro central como nas laterais demonstram que houve uma preocupação em instalar elementos considerados importantes para a imagem de uma cidade mais agradável em termos ambientais e mais confortável para os consumidores que podem realizar seus passeios e compras de forma mais prazerosa e tranquila. Postes com fiação aterrada, dão um aspecto moderno e limpo compondo a imagem com o que parecem ser barracas padronizadas nas laterais. Embora em toda a divulgação do projeto não tenham havido falas do governante municipal em prol da permanência dos feirantes na via e sim da retirada, essas barracas estão presentes na imagem destoando da proposta divulgada pela prefeitura.

O texto na parte inferior da imagem afirma que haverá uma reconfiguração do espaço. Com o controle na circulação de veículos e a presença de um novo piso que trará maior facilidade para circulação de pedestres, potencializando assim o uso deste espaço e transformando a via em um dos grandes eixos de requalificação da cidade. O que significa dizer

³⁶ Jornal Grande Bahia. Apresentação do Projeto Novo Centro de Feira de Santana. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Apresentacao-do-Projeto-%E2%80%98Novo-Centro-de-Feira-de-Santana.pdf>. Acessado em 21 Jan. 2021.

que os aspectos da morfologia urbana, como o mobiliário urbano seus usos e funções serão modificados resultando em um novo desenho para a rua que de acordo com a proposta terá modificações profundas no que se refere a imagem e ao uso.

Assim como a imagem anterior está se distancia da imagem real da rua que tem uma grande quantidade de feirantes e ambulantes em sua extensão. Apesar de apresentar estruturas que se assemelham a barracas utilizadas por esse grupo de trabalhadores. A projeção destaca a modificação completa da via, não agregando nenhum elemento característico desse espaço para compor a imagem.

3.2 As modificações na rua Sales Barbosa

As modificações na rua Sales Barbosa demonstram uma busca por ressignificação na imagem da via. A imagem 46 apresenta a rua Sales Barbosa após a conclusão das obras do “Projeto Novo Centro”. A rua tem um novo pavimento, com a retirada da pavimentação em pedra portuguesa e a colocação do piso intertravado que é um tipo de pavimento formado por blocos de concreto com intertravamento por área de selagem, a via ganhou um novo visual, mais alinhado com as novas propostas de pavimentação urbana.

O piso tátil, colocado com o novo pavimento, facilita a circulação de pessoas com deficiência visual. Entretanto, a facilidade e segurança não foram pensadas para todos os grupos, o compartilhamento da rua entre pedestres e ciclistas é realizado sem que haja uma faixa demarcatória de circulação para os ciclistas, podendo com isso haver acidentes, visto que essa rua permite a circulação deste tipo de veículo.

Figura 46- Rua Sales Barbosa após a conclusão das obras do Projeto “Novo Centro”



Fonte: Arquivo pessoal (18 de janeiro de 2022)

De acordo com o Projeto “Novo Centro” o desenho da rua Sales Barbosa foi direcionado tanto à circulação de pessoas quanto a permanência de pedestre naquele espaço da cidade. Contudo, a forma como foi colocado o mobiliário com os bancos de cimento expostos ao calor do sol e a chuva dificulta a utilização da população em dias de sol forte por conta do aquecimento do material e em dias de chuva pois ficam molhados, embora em dias de intenso movimento alguns consumidores cansados da movimentação acabam por utilizar um ou outro equipamento que temporariamente recebe a sobra provocada pelos prédios. Os bancos não seguem um alinhamento na localização e no espaçamento entre eles. Sendo assim a forma/função cumpriu parcialmente os objetivos da proposta, pois não facilitam nem a permanência, o descanso e socialização dos frequentadores desse espaço.

Antes das modificações não existia na via plantas ou árvores que pudessem ornamentar e proporcionar um sombreamento. Além de fazerem parte do mobiliário urbano a “árvore, o canteiro ou plantas caracterizam a imagem do espaço urbano” (LAMAS, 2004, p. 84). A projeção divulgada pela prefeitura municipal apresenta árvores ao longo da rua, chamando a atenção pelo embelezamento e conforto que estas poderiam proporcionar, embora na planta base não consta este tipo de elemento. Entretanto, observou-se que não foram efetivamente inseridas árvores neste espaço.

Os balizadores de ferro não estavam presentes no projeto inicial, mas, de acordo com os trabalhadores das lojas em conversa informal, estes foram colocados com o intuito de coibir a circulação de veículos de carga e descarga que estavam abastecendo as lojas com mercadorias. Como esse pavimento não é adequado para a circulação deste tipo de veículo, foram colocados esses instrumentos na tentativa de coibir esse tipo de ação.

Apesar da proposta direcionar a rua como espaço de lazer, não foram inseridos elementos fixos que proporcionem está prática. Os espaços destinados ao descanso são utilizados de forma parcial. Efetivamente a circulação é a atividade mais efetiva na via.

Serviços de limpeza são realizados com mais frequência e presteza, como pode ser percebido na imagem (Figura 46) pela presença de trabalhadores deste seguimento, vestidos com roupas na cor laranja a esquerda da imagem. Uma das ações que foram prometidas pelo governante local e que era uma das justificativas para a implantação do projeto, foi a efetivação dos serviços de limpeza pública. Os governantes justificavam a sua ausência pela presença das barracas dos camelôs. Contudo, é possível afirmar que serviços de limpeza não são somente realizados pelos trabalhadores da área, mas também pela junção desse serviço com

possibilidade que a população tem de jogar o lixo em locais apropriados como as lixeiras. Essas só foram colocadas após a finalização da obra, antes porém em nenhum local da via havia a presença de lixeiras que pudessem ser utilizadas pelas pessoas, o que aumentava o aspecto negativo relacionado a rua.

Embora a propaganda feita entorno da modificação desse espaço tenha sido direcionada para um local atrativo para socialização, o ambiente não se caracteriza por ser dinâmico para realizações de eventos culturais, manifestações artísticas ou ponto de encontro. Os equipamentos urbanos e mobiliários utilizados dão uma uniformidade ao espaço. O local assim é caracterizado não pela permanência, mas sim pela circulação rápida e sem impedimentos.

Em momentos específicos do ano é possível observar que há uma tentativa em apresentar aos frequentadores uma decoração vinculada a elementos culturais locais (Figura 47), como no caso das bandeirolas, muito utilizadas durante os festejos juninos nesta região do Nordeste do Brasil. Provavelmente com o intuito de proporcionar uma maior identificação da população com o local e assim atrair mais consumidores.

Figura 47- Rua Sales Barbosa em período de festejos juninos



Fonte: Arquivo pessoal (22 de junho de 2022)

Em outros, porém, há um esforço em atrair público para admirar a ornamentação que se sobrepõe a qualquer característica local e tenta inserir este espaço entre os locais da cidade que recebem visitantes em período natalino em busca de um registro fotográfico (Figura 48). A decoração natalina busca atrair visitantes inclusive no período noturno, o que não acontecia anteriormente, pois estritamente comercial a rua não tinha um atrativo para o público em

períodos noturnos. Esse adereçamento é parte importante no processo de mudança da imagem da rua que passa a atrair pessoas não somente para realizar as compras, mas também como ponto de visitação ampliando, portanto, o aspecto atrativo da rua e cada vez mais de afastando os camelôs e os ambulantes.

Figura 48- Rua Sales Barbosa em período natalino



Fonte: Arquivo pessoal (19 de dezembro de 2022).

Nestes momentos de maior circulação de pessoas também são intensificadas as fiscalizações tanto com o intuito de inibir os assaltos nas regiões mais movimentadas quanto de coibir a volta dos camelôs e ambulantes, que permanecem mesmo que de modo tímido a circular pela rua, como demonstra a figura 47, onde mesmo com a presença dos fiscalizadores os vendedores ambulantes de lanches circulam pela rua vendendo suas mercadorias.

A presença desses trabalhadores relembra, embora de modo diferente, pois os mesmos são direcionados pelos fiscalizadores a não ficarem parados e sim circulando, a dinâmica da rua antes das modificações estruturais realizadas. É possível encontrar diversas mercadorias sendo comercializadas em carrinhos ou mesmo nas mãos dos próprios trabalhadores (Figura 49), “ainda que não ‘combinem’ com as reformas constantes e o cenário que se pretende divulgar, eles são personagens da rua e expõem a dificuldade que temos de solucionar problemas que extrapolam as intenções do desenho urbano” (SANTOS; BRAGA, 2019, p.96).

Para Jacobs (2011) o planejamento e o desenho de uma cidade podem contribuir para diminuir a segregação e a discriminação social ao oferecer nas ruas uma infraestrutura mínima que permita a convivência nesses espaços aproximando as pessoas e não separando-as. Porém na rua Sales Barbosa há uma segregação entre os consumidores e os trabalhadores das ruas que são excluídos desse espaço de forma clara e ostensiva pelos agentes fiscalizadores da prefeitura municipal. Esse fato se deve ao cumprimento do contrato efetivado pela prefeitura municipal e

a empresa administradora do Shopping Popular Cidade das Compras que, como citado no capítulo 2, define que cabe à prefeitura municipal coibir as ações de vendedores ambulantes e camelôs nas ruas do centro da cidade.

Figura 49- Rua Sales Barbosa.



Fonte: Arquivo pessoal (20 de setembro de 2021)

Para analisar uma rua é preciso levar em consideração as “fachadas e os seus pormenores construtivos” (LAMAS,2004, p. 74). No caso da rua Sales Barbosa não há uma diversidade na arquitetura dos imóveis, a maioria compreende prédios com um pavimento, destinado ao comércio. Porém as fachadas das lojas não seguem um padrão de tamanho ou largura, embora muitas tenham em suas fachadas portas de vidro.

Com a presença das barracas dos camelôs que ocupavam toda a extensão da rua a visualização das fachadas das lojas pelos consumidores era dificultada, segundo dizem os lojistas, com isso muitas lojas permaneciam com fachadas desgastadas pelo tempo. Porém, após a retirada das barracas e da reorganização espacial percebe-se um movimento ainda que tímido de reforma de fachadas e de organização no interior das lojas que tem buscado cada vez mais se afastar do perfil exclusivamente popular para alcançar outros públicos consumidores que estão sendo atraídos aos poucos pela nova dinâmica espacial (Figura 50). Embora ainda haja uma predominância de perfis mais populares tanto dos consumidores que a frequentam, quanto das lojas.

Figura 50- Lojas com diferentes perfis de fachada na rua Sales Barbosa.



Fonte: Arquivo pessoal (18 de janeiro de 2022)

A figura 50 é um bom exemplo dessa transição. Do lado direito da imagem é possível observar uma loja com uma faixa anunciando promoção com produtos a preços convidativos, tabuleiros com roupas amontoadas na entrada da loja com placas escritas a mão apresentam os preços da mercadoria aos clientes, baldes em baixo dos tabuleiros, bem como cestas de compras de supermercado, além de embalagens plásticas jogadas no chão, compõem a primeira imagem da loja. Esses elementos integram o que pode ser inferido como uma loja com perfil popular.

À esquerda uma loja vizinha tem uma organização diferente, a fachada em cor vermelha, com material brilhoso chama a atenção dos consumidores. Manequins expostos com roupas vendidas na loja e um tapete da mesma cor da fachada compõem a primeira cena proporcionando uma harmonia visual, que se assemelha a forma quadrada. Dentro da loja a disposição das araras de roupas no centro e nas laterais possibilitam uma visualização mais organizada de todos os produtos. As roupas dobradas abaixo das que estão penduradas e a iluminação composta além de luzes estrategicamente posicionadas acima das mercadorias por um lustre central, compõem a imagem e o perfil da loja, que busca atingir outros perfis de consumidores diferentes dos que frequentam a loja vizinha.

Essa atualização de perfis e de mobiliário urbano também pode ser verificada com a inserção na via de postes de iluminação com fios aterrados (Figura 51), entretanto estes se destacam apenas nos períodos em que há presença na rua de elementos decorativos que atraem o público a noite, nos demais momentos a pouca circulação noturna de pessoas, já que a rua é estritamente comercial.

A grande quantidade de fios de energia elétrica existentes na rua foi um dos fatos utilizados pela prefeitura como justificativa para a realização das modificações. De acordo com

o argumento utilizado havia dificuldade na manutenção da rede elétrica provocado pela grande quantidade de barracas e pela impossibilidade de acesso rápido por parte do corpo de bombeiros e da própria agência de fornecimento de energia, sendo assim caso houvesse a necessidade o deslocamento das equipes seria dificultado o que poderia provocar o risco de haverem incêndios.

Figura 51- Postes de iluminação pública ao longo da rua Sales Barbosa.



Fonte: Arquivo pessoal (18 de janeiro de 2022)

Em síntese as principais mudanças aplicadas na via foram:

1. Troca do calçamento em pedra portuguesa pelo pavimento com piso intertravado, com piso tátil;
2. Acomodação de bancos de cimento ao longo da rua;
3. Inserção de lixeiras e postes de iluminação com cabeamento subterrâneo;
4. Troca da rede de drenagem;
5. Aplicação de barreiras para a circulação de carros com os balizadores de ferro fundido.

Com mudanças importantes e marcantes na paisagem a rua Sales Barbosa ressignifica sua dinâmica. Os elementos morfológicos analisados em sequência e articulados, possibilitam a leitura espacial no nível direto da percepção (LAMAS, 2004), demonstrando que a retirada dos trabalhadores das ruas e as modificações do mobiliário urbano modificaram não só a imagem, mas o modo de comercialização estabelecido nesse local, que tinha como força comercial o comércio de rua desenvolvido pelos camelôs e ambulantes e que agora são excluídos desse espaço.

3.3 Modificações na rua Marechal Deodoro

Modificações importantes foram realizadas na rua Marechal Deodoro, estas alteraram não só a paisagem, mas também a dinâmica da via. A proposta divulgada pela prefeitura municipal era enfática em afirmar que os feirantes estabelecidos na via deveriam ser retirados para que pudessem ser feitas as alterações necessárias. Essas pouco ou quase nada estão vinculadas as características locais, e sim a uma perspectiva de planejamento urbano que se pauta em obras que estabelecem padrões de cidades imaginárias consideradas perfeitas. Sobre isso Jacobs (2011) esclarece,

As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias. Ao contrário, os especialistas e os professores dessa disciplina (se é que ela pode ser assim chamada) têm ignorado o estudo do sucesso e do fracasso na vida real, não têm tido curiosidade a respeito das razões do sucesso inesperado e pautam-se por princípios derivados do comportamento e da aparência de cidades, subúrbios, sanatórios de tuberculose, feiras e cidades imaginárias perfeitas – qualquer coisa que não as cidades reais (JACOBS, 2011, p. 16).

As cidades ou ruas imaginárias perfeitas dificilmente condizem com a realidade local e essa distinção entre o real e o imaginário provoca conflitos nas dinâmicas que se estabelecem nos espaços. Para a rua Marechal Deodoro muitas mudanças foram realizadas com o intuito de embelezar não se atentando para as questões culturais e sociais.

Uma das modificações mais significativas foi a substituição do asfalto por piso de bloco intertravado. Do mesmo modo as calçadas foram alteradas com a colocação do mesmo tipo de piso. Foram adicionados na rua sinalização horizontal, com o objetivo de orientar os motoristas sobre o fluxo do tráfego de veículos (Figura 52). A referida rua sempre esteve aberta a circulação de veículos, embora muitas vezes houvesse, devido grande quantidade de pessoas circulando, à presença de caminhões que carregavam e descarregavam mercadorias das lojas e supermercados, e dos carros de passeio que circulavam e ficavam estacionados, uma certa “confusão” entre veículos e pedestres que acabavam por ocupar o mesmo espaço. Para evitar esse tipo de situação foram sinalizadas vagas destinadas ao estacionamento, que passa a ser realizado na parte central e não mais próximo a calçada (Figura 53).

Figura 52- Sinalização vertical da rua Marechal Deodoro



Fonte: Arquivo pessoal (20 de outubro de 2022)

Figura 53- Sinalização destinada ao estacionamento.



Fonte: Arquivo pessoal (20 de outubro de 2022)

Além da modificação do calçamento, foi inserido na rua um canteiro central, este conta com gramas e mudas de árvores. No centro ainda se encontram os postes de iluminação elétrica, mesmo com a inserção dos postes de fiação aterrada. A figura 50, mostra o canteiro central já finalizado, embora a sua aparência demonstre uma falta de manutenção nesta área verde, como a grama, as mudas secas, e a presença de lixo.

Figura 54- Canteiro central da rua Marechal Deodoro, após a finalização das obras.



Fonte: Arquivo pessoal (20 de outubro de 2022)

Estritamente comercial a rua não convida a socialização nem ao descanso. As fachadas das lojas simples e sem um padrão linear permanecem sem alterações. O perfil popular continua a ser uma característica da rua que continua a ter a presença dos feirantes. Os consumidores permanecem frequentando a via e comprando tanto os produtos das lojas quanto da feira que permaneceu neste espaço apesar de todo esforço por parte dos dirigentes locais em retirá-la.

Modificada para melhorar a circulação seja para pedestres quanto para veículos tornando-a mais rápida e fluída, com a permanência da feira e com as vagas de estacionamento colocadas no canteiro central a rua continua como local que sugere a parada. Entretanto apesar das alterações estruturais os feirantes ainda continuam sem condições adequadas para trabalhar.

Em síntese as principais mudanças aplicadas na via foram:

1. Substituição do asfalto por piso de bloco intertravado;
2. Calçadas foram alteradas com o aumento da extensão, colocação do piso de bloco intertravado, diferenciado por cores o local destinado ao uso dos lojistas e o de utilização dos pedestres;
3. Adicionadas sinalização horizontal;
4. Inseridas vagas destinadas ao estacionamento de veículos na área central da rua;
5. Canteiro central com presença de gramas e mudas de árvores;
6. Inserção de postes com fiação aterrada.

Diferente do que acontece na rua Sales Barbosa onde há um esforço em não permitir que os camelôs e ambulantes voltem ao espaço e em modificar a imagem através de elementos como a ornamentação, na rua Marechal Deodoro o que se percebe é uma despreocupação em realizar ornamentações e um negligenciamento na organização dos feirantes no espaço. Mesmo após a conclusão das obras do Projeto “Novo Centro” que ocorreram em maio de 2022, não houve nenhuma ação referente ao ordenamento dos trabalhadores e a padronização das barracas, até janeiro de 2023 a rua permanece parcialmente interditada para veículos e os trabalhadores da feira continuam trabalhando em condições inadequadas.

3.4 A resistência dos feirantes da Marechal

Na Marechal Deodoro assim como na Sales Barbosa os trabalhadores das ruas, neste caso os feirantes, sofreram com a pressão do poder público local para que saíssem deste espaço. Em reportagem divulgada pela imprensa é possível perceber que houveram diversas tentativas de negociação por parte dos feirantes.

Após uma série de reuniões e manifestações em 2021, os feirantes da Rua Marechal Deodoro permanecem em seus espaços, mas ainda temem ter que sair do local. A saída, no entanto, ainda não tem previsão para acontecer.

O vendedor de frutas e verduras Edimilson dos Santos Moreira acredita que há espaço suficiente para que os comerciantes fiquem na Marechal. Para ele, o que falta é somente organização.

“Se os ambulantes forem realocados desse local para o Centro de Abastecimento, vai ter um grande prejuízo, não só para os lojistas, mas também para quem vai comprar frutas e verduras, que termina entrando nas lojas para comprar algo que seja de sua necessidade como alimentos, carnes. Eu acho que o prefeito tem que pensar uma hipótese melhor, de deixar o pessoal. Eu acho que não têm condições da gente descer daqui para o Centro de Abastecimento. Lá não está vendendo nada, o pessoal do centro de abastecimento está subindo com os carros de mão para sair vendendo nas ruas da cidade. Está tão difícil lá embaixo”, afirmou o vendedor ao Acorda Cidade (ACORDA CIDADE, 2022, s/p)³⁷.

O argumento dos trabalhadores da feira compreende o receio em diminuir as vendas dos seus produtos caso sejam relocados para o Centro de Abastecimento, visto que afirmam que a quantidade de vendas naquele local não é suficiente, bem como a possibilidade de que com a retirada deste grupo de trabalhadores o próprio comércio realizado nas lojas sofra impacto, já

³⁷ Jornal online. Disponível em: www.acordacidade.com.br

que muitos consumidores se interessam pelos produtos das lojas após comprarem os produtos da feira ou vice-versa. O comércio dessa região sempre foi marcado pela presença de consumidores que se interessam pelos diversos tipos de produtos comercializados tanto pelas lojas quanto pelos feirantes.

Mesmo com a pressão do poder público local para saída dos que trabalham na rua estes continuaram ocupando com suas barracas esse espaço e se mobilizando em prol da permanência neste local. A figura 55 mostra faixas colocadas pelos feirantes reivindicando a sua permanência. As frases demonstram claramente o entendimento desse grupo de trabalhadores quanto a sua continuidade neste local. A faixa dos feirantes refere-se a requalificação, sugestionando o entendimento de que a rua precisa de ordenamento, mas com participação popular, dos que fazem a rua acontecer.

Figura 55- Protesto dos feirantes no início da rua Marechal Deodoro, contra a retirada forçada da categoria.



Fonte: Acorda cidade (2021)³⁸

A primeira faixa acima afirma que a: “Feira da Marechal é patrimônio histórico”. Derivada da Feira Livre que acontecia na Getúlio Vargas e ramificava pelas ruas adjacentes, como discutido no capítulo 2, a Feira da Marechal se tornou local de forte expressão popular e pertencimento para esse grupo de trabalhadores que durante muitos anos atuavam na rua e para a população que tinha como ponto de referência a feira que se estabelecia neste local, sendo assim, esse grupo de trabalhadores e alguns seguimentos da sociedade consideram-na um patrimônio histórico da cidade. A segunda frase: “Requalificação sim, remoção não” é a

³⁸ Jornal Online, disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/feirantes-da-marechal-realizam-momento-de-confraternizacao-e-reivindicam-permanencia-da-feira-livre/>

representação dos trabalhadores que desejam que o ambiente onde realizam o seu trabalho seja organizado, mas sem que percam o direito de ocupa-lo.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nomenclatura Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública (IPHAN, 2022, s/p).³⁹

A discussão de patrimônio se amplia quando se analisa o que é considerado como patrimônio imaterial, que de acordo com o IPHAN são

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2022, s/p).⁴⁰

Nesse sentido a feira da Marechal por incorporar em sua dinâmica práticas culturais coletivas, derivadas de um processo histórico que se inicia com a famosa feira do gado e se consagra com a Feira livre de Feira de Santana, é considerada por muitos trabalhadores da feira e por muitos cidadãos locais como um espaço cultural que deve ser preservado. É a forma urbana que vai agregando camadas de acordo com o desenvolvimento histórico, como afirma Costa e Netto (2015)

a forma urbana traduz o registro da história das ações civis e públicas e que delas pode-se apreender qual a ideologia norteou a ocupação do solo ao longo do tempo. Nesse sentido, a forma urbana é consolidada por meio de camadas históricas sobrepostas...O passado e o presente estão materializados nas cidades e remetem à cronologia das construções e das transformações que vão acumulando em camadas, sob o solo edificado (COSTA; NETTO, 2015, p. 32).

Nessa composição que agrega características do passado e do presente na forma urbana é que se mantém relações de afetividade e conseqüentemente a criação da identidade urbanística, elementos importantes para a busca da preservação de bens culturais materiais e imateriais.

³⁹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

⁴⁰ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

Entretanto, apesar da reivindicação dos feirantes diversas tentativas foram realizadas pelo governo local com o intuito de retirá-los da rua Marechal entre elas está o decreto municipal do dia 10 de novembro de 2021. No qual o em seu Art. 1º define o prazo limite para a saída dos feirantes até dia 21 de novembro de 2021. Caso não fosse cumprida essa determinação medidas legais poderiam ser aplicadas de acordo com o Código de Polícia Administrativa, do Governo Municipal (FEIRA DE SANTANA, 2021).

Após muitas reuniões e mobilizações dos feirantes buscando o reconhecimento histórico, cultural, social e econômico da feira, em 19 de outubro de 2022 a Feira livre da Marechal passa a ser patrimônio cultural, como evidencia a reportagem abaixo.

A feira livre da rua Marechal Deodoro da Fonseca, no centro de Feira de Santana, agora é patrimônio imaterial cultural da cidade. A lei que reconhece a feira como tal patrimônio foi promulgada na manhã desta quarta-feira (19), durante a ordem do dia da Câmara Municipal pelo presidente da Casa, vereador Fernando Torres (PSD). Trata-se da lei nº 397/2022, que iniciou o seu trâmite como o projeto de lei nº 79/2022, de autoria do vereador Jhonatas Monteiro (PSOL).

De acordo com a lei promulgada, para a rigorosa preservação da feira livre, deverá ser assegurado o respeito aos seus aspectos históricos, sociais, culturais, econômicos e urbanísticos, aspectos estes considerados indispensáveis para o cumprimento da presente lei. Ainda conforme a lei, em seu artigo 3º, compete ao Poder Executivo Municipal expedir o alvará de licença para funcionamento da feira livre, e cadastrar os feirantes, assegurando o direito à participação de representantes dos trabalhadores do local nesse processo, e considerando a diversidade de ocupações próprias à atividade da feira livre (FOLHA DO ESTADO DA BAHIA, 2022, s/p)⁴¹.

O reconhecimento da feira da Marechal como um patrimônio imaterial reafirma a importância da preservação das práticas culturais realizadas neste espaço para a manutenção da memória e da identidade local. A lei “como um instrumento legal pode valorizar a rua como patrimônio e, ao mesmo tempo, contribuir para sua atualização no contexto contemporâneo” (SANTOS; BRAGA, 2019, p. 16), pois é de extrema importância se olhar o passado para entender a construção de uma cidade e assim poder projetar o futuro sem deixar de lado suas características. A rua é um espaço de história e de memória, é o lugar onde se estabelecem relações de convívio e é cheia de significados, toda modificação deve ser pensada para as pessoas, sem distinção de classe social ou qualquer outra. Por isso,

Preservá-la vai além da preservação do seu ambiente físico, dos elementos que compõem a paisagem, ou mesmo da preocupação em manter em bom estado o

⁴¹ Jornal online. Disponível em: <https://www.jornalfolhadoestado.com/geral/feira-livre-da-marechal-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-cultural>

mobiliário urbano que a caracteriza. Preservá-la pressupõe a manutenção da sua dinâmica, que se obtém com a diversidade de usos, com o interesse em abrir novos negócios na rua com a presença de moradia, mas principalmente com a presença de pessoas e pessoas as mais diversas, das mais diversas origens, dos mais diversos tons e sons. Que possam encher a rua com seus passos, seus tropeços, suas histórias, seus encontros e mesmo desencantos (SANTOS; BRAGA, 2019, p. 65).

Agregando pessoas, encontros e desencontros a feira da Marechal como uma das mais antigas feiras da cidade de Feira de Santana, faz parte da dinâmica local transformando a rua em um grande espaço de trocas comerciais com produtos de diversas naturezas. Para Azevedo (2015)

O mais interessante é que as pessoas não se intimidam/ inibem/ constroem de comprar na rua; ao contrário, isso já é um hábito cultural que se reflete na memória visual, e todos convivem, sem estranhamento, com os feirantes e vendedores distribuídos pelas calçadas e ruas do centro da cidade. É com este pensamento que é permitido aos vendedores e feirantes da Rua Marechal Deodoro da Fonseca ocuparem parte da calçadas de algumas lojas, sem que haja, aparentemente, conflitos e constrangimentos....A presença ausente da antiga feira impregnada na memória, nas imagens mentais e no próprio espaço do centro da cidade, embora muitas vezes, pareça invisível, permite que feirantes, barraqueiros e fregueses transformem as ruas e as calçadas em uma grande feira livre (AZEVEDO, 2015, p. 118-119).

São essas imagens mentais que constituem o imaginário social do espaço e que propiciam prática tanto de quem vende quanto de quem compra na feira. Os hábitos culturais se expressam até mesmo no ato de comprar e provar os produtos. “A rua, um espaço público, coletivo, pensado como espaço de passagem é apropriado por uns, feirantes e comerciantes, como local de trabalho; e por outros, pessoas/ transeuntes, como local do consumo, configurando-se como espaço de pausa no intenso movimento da cidade” (AZEVEDO, 2015, p. 119). Dessa forma a feira se materializa no espaço como representação da história e da cultura local. Essa apropriação espacial permanece mesmo após a conclusão das obras do “Projeto Novo Centro”, como mostra a imagem (Figura 56).

Figura 56- A Feira Livre da Marechal permanece ocupando a rua Marechal mesmo após a conclusão das obras.



Fonte: Arquivo pessoal (20 de outubro de 2022)

Na composição da paisagem urbana dessa rua destacam-se os elementos culturais que de acordo com o plano urbano desenvolvido e aplicado pelo governo municipal não deveriam estar presentes. “O plano urbano está associado à ideologia de ocupação do território... É a ideia básica, a concepção de formas de organização do espaço, concretizado topograficamente” (COSTA; NETTO, 2015, p. 65), que neste caso está muito vinculado a ideia de modernidade e de valorização da atividade comercial realizada pelos lojistas. Porém o uso e ocupação segue o perfil cultural e social não condizente com a proposta lançada pelos governantes, ou seja a rua continua a ser ocupada por feirantes que fazem parte de classes sociais populares.

A figura 57 apresenta o uso e ocupação do solo no local destinado ao trânsito de pedestres e uso dos lojistas. Este espaço é ocupado parcialmente pela feira livre que ainda de forma considerada por muitos desorganizada, reafirma a sua importância no contexto urbano da cidade e permanece movimentando a economia local. “A feira persiste, resiste, mas é sombreada, velada pela engrenagem da modernidade. Esta mesma feira escondida, subjugada e desvalorizada dá vida, cor, som, sabor e dinamismo, inclusive econômico, ao centro da cidade” (Azevedo, 2015, p. 120).

Figura 57- Ocupação de parte da calçada pela feira livre.



Fonte: Arquivo pessoal (20 de outubro de 2022)

Sem o apoio do poder público municipal e na tentativa de permanecer na rua realizando as suas atividades de forma mais organizada os próprios feirantes que atuam na rua Marechal Deodoro promovem ações de limpeza e organização do espaço. De acordo com o movimento popular coletivo Trabalhadores do Centro Feira de Santana

A limpeza e organização da feira livre da Marechal e Ruas centrais da cidade sempre foi um desejo dos feirantes e da população. Por isso, feirantes, camelôs e ambulantes, através do movimento "A feira da Marechal é patrimônio", tem buscado alternativas para realizar a organização e limpeza da feira livre (TRABALHADORES DO CENTRO FSA, 2023).

A união popular através de ações organizadas tende a fortalecer o movimento de preservação da feira, pois a compreende como parte importante da economia, da cultura e da história local. A figura 58 mostra a ação desenvolvida pelos trabalhadores feirantes da rua Marechal que com recursos adquiridos pelo próprio movimento instalaram carrinhos coletores de lixo em toda a extensão da rua.

Figura 58- Mutirão na Marechal



Fonte: @trabalhadoresdocentrosfsa (2023)

As ações de limpeza e organização buscam promover melhores condições de funcionamento da feira, tanto para quem trabalha como para quem frequenta, assim como chamar a atenção da população local para o descaso do poder público com o espaço. O texto abaixo publicado pelo próprio coletivo de trabalhadores informa essa situação.

Na última segunda-feira (13) realizamos a limpeza e instalação de 30 lixeiras no nosso espaço de trabalho. Além de promover condições mais adequadas para o funcionamento da feira livre, nossa ação também teve como objetivo chamar atenção para o descumprimento, por parte da prefeitura, da obrigação de manter esse espaço limpo, afinal de contas, é uma via pública.

O recurso para a compra das lixeiras foi conquistado pelo nosso movimento através do edital "Resistindo com quem resiste", do @fundobrasil.

Desde 2022 a Feira da Marechal passou a ser patrimônio do município de Feira de Santana. Sobretudo depois dessa importante vitória, não deixaremos que o descaso da prefeitura com o comércio popular boicote as condições de funcionamento da feira.

Agora, mais do que nunca, podemos dizer que a Feira da Marechal é sim patrimônio e seguiremos cuidando dela! (TRABALHADORES DO CENTRO FSA, 2023)

A rua não é apenas um espaço de passagem, mas também de encontro, de fragmentos de memória. Os caminhos que se cruzam com as pessoas e a dinâmica estabelecida produzem inúmeras atividades e conexões urbanas, que muitas vezes convidam a permanecer ou não. É espaço de memória, seu desenho constrói imagens que tomadas como referência possibilitam o entendimento, mesmo que pontual, da própria dinâmica da cidade, pois a paisagem está sempre em construção.

A feira da Marechal se apresenta como o elo de ligação entre o passado, o presente e o futuro. São inúmeras as possibilidades de manter preservado esse patrimônio cultural

adequando-o as novas demandas sociais, cabe aos elaboradores e aplicadores dos projetos de planejamento urbano possibilitar um diálogo mais efetivo com os diversos setores sociais com o intuito adequar as propostas de modificações do espaço urbano a efetiva demanda social, preservando as memórias coletivas expressas no espaço através do mobiliário urbano, das edificações ou das dinâmicas estabelecidas.

4 CONCLUSÃO

Santana dos Olhos D'Água

... Santana dos olhos d'água

Princesa do sertão

Por onde tudo passa, passa aí um
caminhão

Por onde o amor passa e deixa sempre o
coração

Feira de farinha, feira de feijão

Feira de carinho, feira de paixão

Olha a freguesia, olha a multidão

Olha a micareta, olha São João

Feira, feira minha feira

Flor de quixabeira, flor do coração...

(Daniela Mercury/Gabriel
Póvoas/Guiguio)⁴²

A pretensa ideia de modernidade almejada pela elite política e econômica da cidade de Feira de Santana impulsionou as transformações urbanas durante os séculos XX e início do século XXI. Elementos considerados “inadequados” ao ideal moderno, muitas vezes ligados à ruralidade como a feira livre ou ligados a segmentos populares como a presença de barracas de camelôs, carrinhos de ambulantes e vendedores diversos eram tidos pelo governo municipal e por uma parcela da sociedade como inapropriados e causadores da “desordem urbana”, embora simbolizassem a própria identidade da cidade. Esse discurso justificou as principais modificações ocorridas no centro urbano, como evidenciadas no capítulo 1. Estas, por sua vez, provocaram alterações significativas na paisagem e conseqüentemente, no desenho e imagem da cidade.

Ao longo desse período a paisagem enquanto expressão da sociedade no espaço, através da composição e disposição dos elementos estruturais e simbólicos foi transformada significativamente com a perspectiva de adequar a imagem a um perfil considerado ideal para uma cidade que se pretendia moderna. Após a instalação do Centro Industrial do Subaé, o governo municipal buscou avidamente mudar a paisagem de alguns ruas no centro urbano, para isso a grande feira livre que acontecia na região central foi transferida para o Centro de Abastecimento, na rua Sales Barbosa foi construído o calçadão, a avenida Senhor dos Passos

⁴² Para ouvir a canção acessar: <https://www.lettras.mus.br/daniela-mercury/princesa-dos-olhos-dagua/>

passou por modificações estruturais e no local onde acontecia a feira livre foi construído um espelho d'água numa tentativa de desvincular do espaço a antiga presença da feira.

Não obstante a própria condição socioeconômica do país e da cidade motivou muitos trabalhadores a instalarem barracas e vender produtos em carros de mão nas principais ruas do centro da cidade. Novamente o governo municipal buscou constantemente retirar os trabalhadores dessas vias com a mesma justificativa de organização e limpeza da região central e de adequar a imagem da cidade a pretensa ideia de modernidade.

Nessa busca constante, o governo municipal, nos primeiros anos do século XXI, aplicou dois projetos de reestruturação espacial do centro da cidade. O primeiro deles o “Pacto da Feira” atuou na perspectiva de organizar as feiras livres e do comércio informal que era exercido no centro da cidade. Em continuação a este foi desenvolvido o “Projeto Novo Centro” entre os anos de 2020 e 2022 (1ª etapa).

Com um discurso modernizador, o “Projeto Novo Centro” buscou em seu material de divulgação apresentar uma nova proposta de reestruturação e reorganização de algumas ruas do centro comercial da cidade. Contudo, é possível perceber que o mesmo não foi desenvolvido com a preocupação em preservar elementos da cultura local, fato demonstrado em primeiro momento pelas projeções apresentadas. Apenas uma das projeções, a da Rua Conselheiro Franco, tinha em seu desenho um elemento pertencente à rua e à igreja dos Remédios. As demais não mostravam nenhuma referência a símbolos locais.

Foi possível perceber que projetos semelhantes ao Projeto “Novo Centro” são também desenvolvidos em outras cidades brasileiras diferentes entre si, podendo-se inferir que há uma possível homogeneização dos espaços. Além das projeções apresentarem alterações parecidas nas ruas como alargamento de calçadas, troca de pavimento, ações de paisagismo e inserção de áreas destinadas ao lazer, a representação da população presente nas ruas segue um padrão: todas são pessoas brancas que circulam calmamente em momentos de compras ou de caminhada. Esse fato pode influenciar, entre outros elementos como os discursos veiculados, na idealização do público frequentador dos espaços, descaracterizando-o, ocasionado um processo de estranhamento da população local com relação à própria imagem e dinâmica da via apresentada. A falta de representação da população local, via de regra, negra e parda, e das atividades costumeiramente desenvolvidas, iniciam um processo sutil de afastamento de grupos considerados “inadequados” à nova dinâmica proposta pelo projeto.

As plantas das ruas estudadas trazem de forma mais detalhada as alterações estruturais. Estas se basearam principalmente em mudanças no calçamento, no caso da rua Sales Barbosa, e na rua Marechal Deodoro em alargamento das calçadas, troca da pavimentação e inserção de um canteiro central com presença de árvores. As demais modificações na via referem-se ao mobiliário urbano e a proposta de mudanças da dinâmica local principalmente com relação à circulação de pessoas, estacionamento de veículos e o comércio na rua, o que sugere que o foco do projeto estava fortemente vinculado ao afastamento das principais atividades desenvolvidas nas ruas que estavam vinculadas ao comércio realizado pelos camelôs, ambulantes e feirantes.

Para realizar as obras de reestruturação urbana foram retiradas as barracas de camelôs da rua Sales Barbosa. Este fato pode ser considerado como o elemento simbólico que marca o afastamento do local dos trabalhadores que produzem seu trabalho na rua. Todo o discurso presente no material de divulgação do projeto afirma que com a retirada dos trabalhadores das ruas poderiam ser oferecidos com mais presteza e qualidade serviços básicos de limpeza, segurança, entre outros. Esses discursos associados ao da sujeira, bagunça e a presença dos vendedores, ambulantes, feirantes e camelôs nas ruas justificaram o desenvolvimento do projeto.

Com relação à função do mobiliário urbano instalado, este atende de modo parcial à população local, principalmente no que se refere aos bancos colocados ao longo da rua Sales Barbosa, que tem sua utilização prejudicada devido à exposição ao sol e à chuva. Não proporcionando espaços de socialização, sobretudo, em razão da alta temperatura dos bancos de concreto.

A retirada das barracas e a modificação no calçamento provocaram uma mudança considerável na dinâmica da via, que passou a ser um espaço de circulação mais fluído. Isso tem refletido na mudança das fachadas de algumas lojas, na rapidez com que se pode circular ou na tentativa por parte da prefeitura municipal em atrair outros públicos, principalmente em momentos festivos, não somente para realizar compras, como também para visitar decorações e iluminação cênica. Esses aspectos, juntamente com a fiscalização realizada pelos agentes da prefeitura, afastam, pelo menos temporariamente, os camelôs e ambulantes da via.

A transformação realizada pelo projeto “Novo Centro” não buscou conservar as características da cidade. Isso faz com que esse espaço não estabeleça através do mobiliário utilizado relações com os símbolos identitários da cidade. A rua Sales Barbosa é uma área da cidade que passou a seguir um padrão urbanístico aplicado em outras cidades brasileiras. Não

sendo mais ponto de referência do comércio de camelôs e ambulantes perdendo, ainda que de modo inicial, aspectos que a diferenciava e que eram a sua identidade.

A partir da análise do projeto “Novo Centro” percebe-se que a mesmo atendeu, de forma inicial, uma pequena parte dos seus objetivos de humanização do espaço e priorização do pedestre na medida em que apenas retirou as barracas dos camelôs e modificou o calçamento facilitando assim a circulação. Porém, ao não criar espaços que proporcionam efetivamente e diariamente a convivência e socialização, a via se apresenta como local onde predomina a intensa circulação. A proposta, a princípio, não incentiva usos variados em áreas distintas o que proporcionaria o desenvolvimento de múltiplas atividades com intensa vitalidade cultural.

Tendo em vista o que foi proposto, percebe-se que o projeto urbano atendeu a um dos seus principais objetivos, a rua Sales Barbosa está livre das barracas dos camelôs que marcavam sua feição anterior à aplicação das obras. Entretanto, os carrinhos dos ambulantes continuam circulando na via o que demonstra que mesmo diante das investidas do poder público municipal em tentar retirar por completo a presença dos trabalhadores das ruas, estes pela própria condição econômica do país e pela característica forte de comércio de rua presente na cidade permanecem a circular neste espaço.

Com relação a rua Marechal Deodoro, apesar do projeto “Novo Centro” implementar modificações consideráveis na rua como troca de asfalto por piso intertravado, alargamento da calçada com separação de cores destinada à circulação e ao uso dos lojistas, inserção de canteiro central com paisagismo, sinalização da via para ordenar a circulação de veículos bem como o estacionamento, ao término das obras os resultados alcançados não foram exatamente o que foi divulgado pelos dirigentes locais.

A permanência dos feirantes na via, que se manifestaram pacificamente e buscaram o diálogo entre os trabalhadores, lojistas e os dirigentes do governo local em busca da continuação da feira na rua, mas de forma organizada, e a lei que estabeleceu a feira da Marechal como patrimônio cultural da cidade proporcionaram à rua uma dinâmica diferente da verificada na rua Sales Barbosa.

Excluídos do projeto, esses trabalhadores resistiram às diversas investidas de remoção realizadas pela prefeitura, permaneceram na rua mesmo durante a realização das obras e após o término continuam trabalhando e movimentando tanto culturalmente como economicamente este espaço. Porém, mais uma vez, são relegados ao esquecimento e, enquanto a famosa rua Sales Barbosa recebe investimento em decoração, limpeza e fiscalização, a também famosa rua

Marechal Deodoro até fevereiro de 2023 permanecia fechada parcialmente para a circulação de veículos, continuando com deficiência na limpeza. Os feirantes permaneceram até este momento em um espaço inadequado e sem organização para o trabalho.

Tendo em vista as modificações realizadas na rua Marechal Deodoro e sua atual dinâmica, percebe-se que a proposta apresentada pelo “Novo Centro” não cumpriu completamente com seu objetivo. A retirada dos feirantes não foi concretizada, o mobiliário urbano implantado não é utilizado de forma satisfatória. A mobilidade, muito divulgada como prioridade do projeto, não foi alcançada. A falta de organização tem dificultado a fluidez até mesmo para os pedestres, mantendo as condições inadequadas para o trabalho dos feirantes.

Em suma, o estudo possibilitou perceber a importância cultural, social, política e econômica da área estudada desde o início do desenvolvimento da cidade de Feira de Santana. Ao se levar em consideração as questões relacionadas à paisagem urbana e às suas modificações, percebe-se que as constantes alterações na morfologia modificaram as relações estabelecidas entre os frequentadores e o espaço, principalmente na rua Sales Barbosa e que, apesar das mudanças na rua Marechal, a dinâmica ainda mantém conexões com a feira livre local.

Parte importante do centro comercial da cidade, as ruas analisadas precisam estar presentes nos estudos referentes ao planejamento urbano para garantir o uso e ocupação mais adequados às vias. Entretanto, é importante salientar que este e suas aplicações no espaço devem estar conectados às necessidades da sociedade como um todo e não apenas de determinados grupos. O caminho é o planejamento participativo, que se possa ouvir os diversos segmentos sociais, inclusive os camelôs, ambulantes e feirantes, buscando sempre o bem estar social e a preservação das características identitárias da cidade.

REFERÊNCIAS

ACORDA CIDADE. **Projeto Novo Centro será inteiramente focado na mobilidade urbana.** 09 Out. 2020. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/projeto-novo-centro-sera-inteiramente-focado-na-mobilidade-urbana-diz-prefeitura/>. Acessado em: 19 Mai. 2022.

ACORDA CIDADE. **Com discussões paralisadas, feirantes ainda aguardam definição sobre saída da Marechal.** 29 Abr. 2022. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/com-discussoes-paralisadas-feirantes-ainda-aguardam-definicao-sobre-saida-da-marechal/>. Acessado em 08 Ago. 2022.

ACORDA CIDADE. **Feirantes da Marechal fazem novo protesto contra remoção das barracas para avanço de obras.** 14 Set. 2021. Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/feirantes-da-marechal-fazem-novo-protesto-contraremocao-das-barracas-para-avanco-de-obras/> Acessado em: 16 Nov. 2022.

ALFAYA, Taiz Vieira. **Feiraguay ou Chinafeira? um estudo organizacional sobre a inserção de chineses no Feiraguay, Feira de Santana – Bahia.** Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2018. 241 f.

ALMEIDA, Marco Antonio Ramos de. **Associação Viva o Centro: a coletividade pela requalificação do centro de São Paulo.** Exacta. v. 2, p. 153-173. São Paulo: Uninove, nov. 2004.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos.** 5. Ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

ASCHER, François. **Metropolização e transformação dos centros das cidades.** In: ALMEIDA, Marco Antônio Ramos de. O Centro da metrópole: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 200. p.59-67.

BAHIA, Sistema de Informações Geográficas/SIGBAHIA. Salvador, Secretária de Recursos Hídricos, 2003.

BAHIA. Secretaria de Recursos Hidricos, Saneamento e Habitação. **Plano Estadual de Recursos Hídricos.** Sistema de Informações Georreferenciadas/SIG-Bahia. Salvador, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOG DA FEIRA. **Centro Comercial de Feira de Santana.** Disponível em: <https://blogdafeira.com.br/home/2013/12/24/centro-comercial-de-feira-de-santana/>. Acessado em: 20 Fev. 2022.

_____. **‘Pacto da Feira’ fracassa e governo usa força policial para reprimir os feirantes.** Disponível em: Leia mais no Blog da Feira: <https://blogdafeira.com.br/home/2017/08/29/pacto-da-feira-fracassa-e-governo-usa-forca-policial-para-reprimir-os-feirantes/>. Acessado em: 2 Ago. 2022.

BOTELHO, André Amud. **Revitalização Urbana em Niterói: uma visão antropológica.** Dissertação. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA. Niterói, 2016.

BRASIL. **Estatuto da cidade.** 10 Jul. 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acessado em: 17 Mai. 2022.

Personalidade 87. **O PARQUE INDUSTRIAL FEIRENSE.** Feira de Santana-Ba. 17 de novembro de 1987. Ano II.

CDL Joinville. **Um novo centro para Joinville.** Disponível em: <https://www.cdljoinville.com.br/um-novo-centro-para-joinville/>. Acessado em 29 Ago. 2022.

CELESTINO, Mônica; SANTANA, Jussilene; CÉSAR, Elieser. **Empório do Sertão.** Correio da Bahia, Salvador, janeiro de 2004. Memórias da Bahia II.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Denis Cosgrove – A paisagem e as imagens - espaço e cultura.** UERJ, RJ, n.29, p.7-21, Jan./Jun. de 2011.

_____. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado.** Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, RJ. V. 4, N.1, p. 37-46, 2014

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 222-236.

COSTA, Stäel de Alvarega Pereira; NETTO, Maria Manoela Gimmler. Fundamentos de morfologia urbana. Belo Horizonte: C/ Arte, 2015.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento** - São Paulo: Pini, 1990.

DUARTE, Fábio. **Planejamento urbano**. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Gestão Pública)

FEIRA DE SANTANA. **Prefeito José Ronaldo lança o Pacto de Feira**. 25 Fev. 2013. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Prefeito-Jos%C3%A9-Ronaldo-lan%C3%A7a-o-Pacto-defeira.html&id=9&link=secom/noticias.asp&idn=4889#noticias> Acessado em: 17 Mai. 2022.

_____. Prefeitura Municipal de Feira de Santana. **Plano Diretor de Feira de Santana**. [Diretrizes de ordenamento, orientação e controle do desenvolvimento municipal, em todo o seu território]. ANO IV - EDIÇÃO 893 – EXTRA. 20 Dez. 2018. Disponível em: <https://www.diariooficial.feiradesantana.ba.gov.br/atos/executivo/174P5V20122018.pdf>. Acessado em: 17 Mai. 2022

_____. Olímpio Vital terá ajardinamento. 12 Jul. 2013. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Ol%C3%ADmpio-Vital-ter%C3%A1-ajardinamento.html&id=9&link=secom/noticias.asp&idn=6034#noticias>. Acessado em: 02 Ago. 2022.

_____. **Secretárias integradas pelo Pacto da Feira**. 6 Jun. 2013. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=Secretarias-integradas-pelo-Pacto-de-Feira.html&id=9&link=secom/noticias.asp&idn=5740#noticias>. Acessado em: 8 Ago. 2022.

_____. Diário Oficial Eletrônico Município de Feira de Santana. 9 de setembro de 2020. Ano VI – Edição 1439. Disponível em: <https://www.diariooficial.feiradesantana.ba.gov.br/detalhes.asp?acao=2&p=4&menu=&idsec=&tipo=&publicacao=&st=&rad=&txtlei=%27%27&dtlei=%272020-01->

[01%27&dtlei1=%272020-09-30%27&edicao=&hom=&ini=&fim=&meshom=#links.](#)

Acessado em: 8 Ago. 2022.

_____. Diário Oficial Eletrônico Município de Feira de Santana. 10 de novembro de 2021. Ano VII – Edição 1916. Disponível em: <https://diariooficial.feiradesantana.ba.gov.br/atos/executivo/1NBAV710112021.pdf>. Acessado em 12 Out. 2022.

FEIRA HOJE, **Feirante vivem no meio da lama**. 15 Set. 1991, p. 5.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo. Ed. Ática: 1988.

FOLHA DO NORTE, **Calçadão está sendo preparado para receber ambulantes**. 23 Mar. 1991.

FOLHA DO ESTADO DA BAHIA, **Feira livre da Marechal reconhecida como patrimônio imaterial cultural**. Disponível em: <https://www.jornalfolhadoestado.com/geral/feira-livre-da-marechal-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-cultural>. Acessado em: 11 Nov. 2022.

FORTUNA, Carlos. **Cidade e urbanidade**. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos. Coimbra, 2009. P. 83-94.

FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970 – 1996**. 1998, 189f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Grupo Ânima Educação. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20Escolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%BAblicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>

HABERMAS, Jürgen. **Modernidade - um projeto inacabado.** (99-123). In: Arantes, Otilia; Arantes, Paulo (Orgs.). *Um Ponto Cego no Projeto Moderno de Jürgen Habermas.* São Paulo: BRASILIENSE, 1992, p. 110-111.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Faces de logradouros, 2021. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 10 abr. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Imaterial.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acessado em: 11 Nov. 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acessado em: 11 Nov. 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades;** tradução Carlos S. Mendes Rosa ; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro ; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção cidades)

Jornal Grande Bahia. **Força tarefa da prefeitura promove ordenamento da rua Marechal Deodoro.** 2015. 5 Mai. 2015. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2015/05/feira-de-santana-forca-tarefa-da-prefeitura-promove-ordenamento-da-rua-marechal-deodoro/> Acessado em: 21 Fev. 2022

_____. **Prefeito Colbert Martins Filho autoriza licitação que moderniza centro da cidade de Feira de Santana; Projeto ‘Novo Centro’ apresenta característica pós-moderna de urbanismo.** 24 Dez. 2019. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.jornalgrandebahia.com.br%2F2019%2F12%2Fprefeito-colbert-martins-filho-autoriza-licitacao-que-moderniza-centro-da-cidade-de-feira-de-santana-projeto-novo-centro-apresenta-caracteristica-pos-moderna-de-urbanismo%2F&psig=AOvVaw2tj_3ZN8AIu5F_m_TJAGID&ust=1652915901849000&source=images&cd=vfe&ved=0CA4Q3YkBahcKEwjAmdni1ef3AhUAAAAAHQAAAAAQCQ. Acessado em: 17 Mai. 2022.

JUNIOR, Heitor Frugoli. **Conflitos e negociações em torno da requalificação do centro de São Paulo: a Associação Viva o Centro**. Plural; Sociologia, USP, São Paulo, 2001, p. 29-62.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LYNCK, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 3ª ed., 2011.

LIMA, Carlos Alberto Alves. **De Luzes e Becos: cartografias, Itinerários, e Imagens do “Complexo Rua do Meio” (1940/1960)**. 2014, 164f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

LIMA, Verônica Maria Fernandes. **Desenho urbano: uma análise de experiências brasileiras. Estudos de casos nas áreas centrais de Curitiba, do Rio de Janeiro e do Recife**. 2008. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenho Urbano. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2008.

LOBADA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos. **Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções**. *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais* V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005. Disponível: <https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/157/185> Acessado: 12 Abr. 2023.

MAIA, Doralice Sátyro. **A morfologia urbana no movimento da modernidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. P. 8426 a 8443. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19976387-A-morfologia-urbana-no-movimento-da-modernidade-1.html>. Acessado em 21 Jan. 2022

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de; SILVA, Aldo José Moraes; OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MAGALHÃES, Antônio Ferreira de. **Rua Marechal Deodoro em dia de feira livre 1968.**

Disponível

em:

<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=8#gallery8-27>

Acessado em 21 Fev. 2022

MAMANI, Hernán Armando. **Conflito urbano e comércio informal: Quadros da repressão e da tolerância aos camelôs na cidade do Rio de Janeiro (1983-2009).** DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Vol. 10 – no 3 – SET/OUT/NOV/DEZ 2017 – pp.

523-551. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/14562/9822>.

Acessado em: 8 Ago. 2022.

MASCARENHAS, Dayana Ramalho de Oliveira. **Imagens urbanas de Feira de Santana: tradição e modernidade.** 2008, 42f. Monografia (Pós-Graduação em Desenho) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

MENDES, Luciano; CAVEDON, Neusa Rolita. **A atividade do camelô como pratica urbana no contexto das cidades.** Revista Brasileira de Gestão Urbana. V. 4, n 1, p.123-140, jan./jun.2012.

MENDES, Luís. **A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo.** Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 5, n. 1, p. 33-45, jan./jun. 2013

MINATTO, Cláudio Castelan. **Morfologia urbana do balneário Morro dos Conventos (Araranguá-sc): elementos estruturadores e conformação urbana.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Tecnológico. Programa de pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade, PGAU-Cidade. Florianopolis, 2015.

MOURA, Dulce; et.al. **A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo.** In: Cidades, Comunidades e Territórios, n.0 12/13, 2006, pp. 13- 32 15. Disponível em https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/3428/1/Cidades2006-12-13_Moura_al.pdf> Acesso em 22 Set. 2021.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. **Projeto Memória da Feira Livre de Feira de Santana.** Sitientibus, Feira de Santana, n. 17, p. 305-335, jul./ dez. 1997.

OLIVEIRA, Sidiney de Araujo. **Desenhando a idéia de uma “Avenida Feliz”:** imagem das histórias e memória da avenida Senhor dos Passos. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. **Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana (1960/1990).** 2009, 202f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade. O mundo dos excluídos no final do século XIX.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jataby. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.9 n. 16, p. 279-290, 1995.

PMFS. Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Base **Cartográfica Municipal.** Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal. Feira de Santana, 2018.

POPPINO, Rollie. **Feira de Santana.** Salvador: Itapuã, 1968.

QUEIROZ, Amanda Maracajá Vaz de Lima. **Da rua para oShopping Feiraguay: desenho urbano e memória visual do comércio popular em Feira de Santana, Ba (1970-2012).** 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

MENEGUETTI, Karin Schwabe; REGO, Renato Leão. **A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade.** Maringá, v. 33 n. 2, p. 123-127, 2011.

MEYER, Regina Maria Prospero. **O espaço da vida coletiva.** In: ALMEIDA, Marco Antônio Ramos de. O Centro da metrópole: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 200. p. 25-33

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jataby. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.9 n. 16, p. 279-290, 1995.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** – São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROLNIK, Raquel. **Paisagens para a renda, paisagens para a vida disputas contemporâneas pelo território urbano.** Belo Horizonte, MG: Revista Indisciplinar v.5, n.1,p. 21-43, julho, 2019.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** 2ª edição. São Paulo: Martins, 2001.

SABATO, Jorge. Buenos Aires: **Concretando el presente y asegurando el futuro.** In: BUENOS AIRES. La humanización del espacio público. Ministerio de Desarrollo Urbano: 2011, p. 6 -8. Disponível em: <http://cdn2.buenosaires.gob.ar/desarrollourbano/publicaciones/la-humanizacion-del-espacio-publico-2009.pdf>. Acessado em: 23 Nov. 2022.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial.** Chapecó, SC: Argos, 2010. 2ª ed.

SANTOS, Alane Carvalho. **Feira de Santana nos tempos da modernidade: O sonho da industrialização.** 2002, 154f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SANTOS, Ana Maria Carvalho dos. **Olhares, imagens e cotidiano em Feira de Santana (1950-1960).** – Feira de Santana: Editora Zarte, 2020.

SANTOS, Maria da Graça Rodrigues dos; BRAGA, Gisele Pinna. **Uma rua no percurso do tempo: transformações e resiliência da rua Comendador Araújo.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 37, n 148, nov. 2019.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1) _____ . Espaço e método. São Paulo: Nobel,1985.

_____. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SARTER, Carlos Eduardo. **Imagem da cidade – cidade da imagem: o modelo de intervenção urbana do Rio Cidade.** Cadernos Metrópole desigualdade e governança – n. 4 (2000). p. 66 a 91. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/9302> Acessado em: 8 Ago. 2022.

SILVA, Hugo Navarro. **Rua Sales Barbosa tenho ao lado direito o Mercado Municipal.** Disponível em:

<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1#gallery1-48>.

Acessado em: 20 fev.2022.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajelórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA'E GA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.

SIMÔES, Helnando. **Rua Marechal, sentido Praça da Bandeira – Rua Monsenhor Mário Pessoa. Década de 1920.** Disponível em:

<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1#gallery1-27>.

Acessado em: 21 Fev. 2022.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. **Revitalização**. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acessado em 16 Ago. 2022.

Jornal Feira Hoje, **SUDENE APROVOU O SUBAÉ**. Feira de Santana-Ba, 20 de novembro de 1971- Nº 65- Ano II. BNDES/PR. Revista do BNDE. jan. –dez. 1965. v.2, n.1 Disponível em:https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/14785/1/Revista%20do%20BNDE%20jan.-dez.%201965_BD.pdf. Acessado em: 21 Mar. 2022.

TRABALHADORES DO CENTRO FSA. Teve mutirão na Marechal. Feira de Santana. 14 fev. 2023. Instagram: @trabalhadoresdocentrofsa .Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CopTXWBOLa3/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>. Acessado em 17 de Fev. 2023

TELES, Alessandra Oliveira. **O SHOPPING POPULAR E AS IMPLICAÇÕES NA DINÂMICA URBANO-COMERCIAL DE FEIRA DE SANTANA(BA)**. XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV15_4_MD1_SA170_ID210015112021122305.pdf . Acessado em: 05 Ag. 2022.

TRIBUNA DA BAHIA, **Suplemento Especial**. Salvador, 30 de Nov. de 1981.

TRINCHÃO, G. M. C.; OLIVEIRA, L. R. **A História contada a partir do desenho.** In: GRAPHICA, 1998, Bahia. Anais [...]. Feira de Santana, BA: 1998.

VARGAS, Heliana Comin e CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. Tradução . Barueri: Manole, 2015.

VERDUM, Roberto. **Perceber e conceber paisagem.** In. VERDUM, Roberto. et al. Paisagem : leituras, significados, transformações. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2012. p. 15-22.